

A influência africana no
português do Brasil

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de FERNANDO DE AZEVEDO

SÉRIE V

BRASILIANA



VOLUMES PUBLICADOS :

- I — **Baptista Pereira** : FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.ª edição).
- II — **Pandiá Calogeras** : O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.ª edição).
- III — **Aleides Gentil** : AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (síntese com índice remissivo)
- IV — **Oliveira Vianna** : RAÇA E ASSIMILAÇÃO (2.ª edição) — aumentada.
- V — **Augusto de Saint-Hilaire** : SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Tradução e prefácio de Afonso de E. Taunay.
- VI — **Baptista Pereira** : VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — **Baptista Pereira** : DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).
- VIII — **Oliveira Vianna** : POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.ª edição).
- IX — **Nina Rodrigues** : OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefácio de Homero Pires) Profusamente ilustrado.
- X — **Oliveira Vianna** : EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.ª edição ilustrada).
- XI — **Luis da Camara Cascudo** : O CONDE D'EU (edição ilustrada).
- XII — **Wanderley Pinho** : CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol. ilustrado).
- XIII — **Vicente Licínio Cardoso** : A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — **Pedro Calmon** : HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — **Pandiá Calogeras** : DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.º volume da série: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — **Alberto Torres** : O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — **Alberto Torres** : ORGANIZAÇÃO NACIONAL
- XVIII — **Visconde de Taunay** : PEDRO II
- XIX — **Afonso de E. Taunay** : VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Séculos XVI-XVIII).
- XX — **Alberto de Faria** : MAUA' (com três ilustrações fora do texto).
- XXI — **Baptista Pereira** : PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — **E. Roquette-Pinto** : ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.
- XXIII — **Evaristo de Moraes** : A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — **Pandiá Calogeras** : PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — **Mario Marroquim** : A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — **Alberto Rangel** : RUMOS E PERSPECTIVAS (2.ª edição).
- XXVII — **Alfredo Ellis Jr.** : POPULAÇÕES PAULISTAS
- XXVIII — **Cel. Couto de Magalhães** : VIAGEM AO ARAGUAYA (3.ª edição).

(Continua pág. 4)

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Série V

BRASILIANA

Vol. XLVI

Renato MENDONÇA

(do Ministério das Relações Exteriores)

A influência africana no português do Brasil

2.^a Edição ilustrada com mapas e gravuras

PREFÁCIO DE
RODOLFO GARCIA
da Academia Brasileira de Letras



1 9 3 5

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de FERNANDO DE AZEVEDO

SÉRIE V

BRASILIANA

VOLUMES PUBLICADOS:

(Continuação da pag. 2)

- XXIX — *Josué de Castro*: O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.
- XXX — *Cnp. Frederico A. Rondon*: PELO BRASIL CENTRAL (edição ilustrada).
- XXXI — *Azevedo Amaral*: O BRASIL NA CRISE ACTUAL.
- XXXII — *C. de Mello Leitão*: VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO (Ed. ilust. com 19 grav.)
- XXXIII — *Sampaio Ferraz*: METEOROLOGIA BRASILEIRA
- XXXIV — *Angyone Costa*: INTRODUÇÃO À ARCHEOLOGIA BRASILEIRA (Edição ilustrada)
- XXXV — *A. J. de Sampaio*: PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL (Edição ilustrada).
- XXXVI — *Alfredo Ellis Jr.*: O BANDEIRISMO PAULISTA OU O RECUO DO MERIDIANO (2.^a edição)
- XXXVII — *J. F. de Almeida Prado*: PRIMEIROS POVOADORES DO BRASIL (Edição ilustrada)
- XXXVIII — *Ruy Barbosa* — MOCIDADE E EXILIO (Cartas inéditas) Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe (Edição ilustrada).
- XXXIX — *E. Roquette-Pinto* — RONDONIA (3.^a edição aumentada e profusamente ilustrada).
- XL — *Pedro Calmon* — ESPIRITO DA SOCIEDADE COLONIAL (Edição ilustrada).
- XLI — *José-Maria Bello* — A INTELIGENCIA NO BRASIL.
- XLII — *Pandiá Calogeras* — FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL (2.^a edição ilustrada c/ 3 mapas fora do texto).
- XLIII — *A. Saboia Lima* — ALBERTO TORRES E SUA OBRA.
- XLIV — *Estevão Pinto* — OS INDIGENAS DO NORDESTE (Edição ilustrada com 45 desenhos e mapas).
- XLV — *Basilio de Magalhães* — EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL COLONIAL (2.^a edição aumentada).
- XLVI — *Renato Mendonça* — A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUES DO BRASIL — Edição ilustrada.
- XLVII — *Manoel Bomfim* — O BRASIL — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- XLVIII — *Urbino Vianna* — BANDEIRAS E SERTANISTAS BAHIANOS.
- XLIX — *Gustavo Barroso* — HISTORIA MILITAR DO BRASIL (Edição ilustrada).

A MEMÓRIA

do

Prof. Rozendo Martins

que formou minha personalidade.

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
NOTA LIMINAR da 2. ^a edição	15
SIGLAS — BIBLIOGRAFIA	18
CAPÍTULO I — ETNOGRAFIA AFRICANA — A penetração do continente negro — A colonização africana e a obra dos exploradores e missionários — Classificação antropológica: suas falhas — Classificação etnográfica baseada na linguística — Os semito-camitas no mediterrâneo — O grupo cuchitocamítico — Povos primitivos da África — A família negra — Repartição geográfica dos sudaneses e bantu	27
CAPÍTULO II — LINGUÍSTICA AFRICANA — Classificação tradicional de Schlegel — A classificação genealógica — Ensaio de classificação das línguas africanas: Lepsius e Meyer — A classificação de Hovelacque — A classificação moderna de Delafosse e Homburger — A classificação mais moderna de Drexel — Opinião de W. Schmidt a respeito de Homburger	35

CAPÍTULO III — O TRÁFICO — Os portugueses na Guiné — Primeiros escravos introduzidos no Brasil — As Companhias de Comércio e o contrabando — O número de escravos vindos para o Brasil — Estatísticas remanescentes — Crítica à avaliação dos historiadores — A população negra do Brasil atual. 51

CAPÍTULO IV — POVOS NEGROS IMPORTADOS — Insuficiência dos dados sobre o assunto — Valor das estatísticas aduaneiras — Denominações confusas dos negros no Brasil — Procedências variadíssimas dos negros brasileiros: sudaneses e bantu — Pernambuco, Baía e Rio: focos disseminadores do escravo preto — A distribuição do elemento negro — Povos e línguas predominantes . . . 75

CAPÍTULO V — FONÉTICA E MORFOLOGIA DO QUIMBUNDO — Caracteres gerais das línguas africanas — Fonética: vogais do quimbundo e suas alterações na passagem para o português — Consonâncias simples e nasaladas — Os grupos consonânticos e suas transformações na passagem para o português — Morfologia: prefixos nominais: classe e número — Prefixos pronominais: concordância — As dez classes do quimbundo 85

CAPÍTULO VI — INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS — O dialeto brasileiro e seus subdialeto — Fatores de diferenciação — Indistinção entre o fator indígena e o africano — O “mina”: dialeto crioulo de existência efêmera — O negro e a fonética brasileira — Vestígios africanos na morfologia e na sintaxe — A contribuição negra para o folclore e o léxico brasileiros 101

CAPÍTULO VII — FOLCLORE — Totemismo e feitiçaria — Teriam sido totêmicos os nossos negros? — O incremento da “macumba” no Brasil — Sobrevivências africanas na poesia popular brasileira — Música dos pretos — A tríplice origem ariana, indígena e africana dos contos populares — Dificuldade em discriminar o elemento indígena e o africano — A opulenta contribuição do folclore africano para o folclore brasileiro: contos populares negros 125

CAPÍTULO VIII — O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA — O negro na vida da família brasileira — Casas-grandes e senzalas — O abolicionismo e seus reflexos na literatura — O introdutor do negro na literatura brasileira — Poetas da escravidão — O negro no romance nacional — Contos e peças de teatro — A lascívia do negro na veia satírica de Gregório de Matos. 151

VOCABULÁRIO	167
APÊNDICE — Opiniões da crítica sôbre êste livro.	249
ADDENDUM — Explicação dos mapas toponími- cos pelo Prof. Carlos Marie Cantão.	251

PREFÁCIO

O Prof. Renato Mendonça estuda nesta monografia a influência que as línguas africanas tiveram no português falado no Brasil. O tema é dos mais interessantes, a exigir competência especial e investigação acurada. Uma e outra, cumpre adiantar, se revelam nestas páginas pelo método adotado e pela bibliografia, que abona as conclusões estabelecidas.

Os estudos de linguística africana não têm sido cultivados no Brasil como sua importância está a pedir. Afora algumas contribuições lexicográficas de Macedo Soares, de Neves Leão, citadas por Beaurepaire-Rohan, e dêste por conta própria, pouco mais pode ser trazido à colação. Entretanto, o negro contribuiu também, menos que o índio, é certo, para a formação do vocabulário brasileiro, como demonstra o avultado número de nomes designativos, de muitas espécies de iguarias, de plantas, animais, etc., a êle incorporados.

O inventário desses nomes, seu exame etimológico, faz o autor com segurança no vocabulário que fecha seu livro. Nos primeiros capítulos estuda a Etnografia africana, a penetração do continente negro, a obra dos exploradores e missionários, para abordar a classificação etnográfica daqueles povos baseada na linguística, desde os ensaios de Lepsius e Meyer, até às classificações modernas de Delafosse, Homburger e Drexel. Em seguida passa a tratar dos povos importados pelo tráfico negreiro para o Brasil, com os seus três centros principais de atração: Pernambuco, Baía e Rio.

De modo geral, pode-se dizer que para essa imigração concorreram apenas dois grupos étnicos: o Bantu, com as suas diversas denominações tribais, para o Norte e para o Sul; o Joruba, ou Nagô, também inçado de designações várias, para o Centro. As necessidades da lavoura, como depois as necessidades da mineração, determinaram, ou melhor, forçaram a imigração, bem assim a consequente distribuição dos negros por onde eles se faziam precisos. Nos dois primeiros séculos, Pernambuco e Baía, foram “os grandes centros de condensação africana” — disse Oliveira Viana, e repete o autor; a mineração, no século seguinte,

erigiu o Rio de Janeiro em um terceiro centro, por ventura mais importante do que os outros dois. Este recebeu em maior porção os representantes do grupo Bantu, principalmente, os quimbundos, que já figuravam no Norte, em Pernambuco, ao passo que na Baía foi o Joruba com os nagôs, o grupo predominante.

Seria para lembrar que na rebelião servil de 1835, nessa última província, entre os duzentos e trinta e quatro processos-crimes dos sediciosos, se encontram cento e sessenta e cinco em que os nagôs eram implicados.

Para o autor, o quimbundo exerceu mais funda influência no português do Brasil do que o nagô. Assim deve ter sido efetivamente, e o vocabulário até hoje recolhido prova-o de certo modo. Entretanto, é possível que investigações mais memoradas venham a apurar maior contingente joruba do que se conhece. Observe-se que o quimbundo, desde Canecatim até Oliveira e Francina, C. da Mata, Pereira do Nascimento e outros, sempre mereceu melhores cuidados; do nagô, que chegou a ser língua geral entre a multidão negra do Brasil, bem pouco ficou, além dos vocabulários tomados pelo pintor alemão Rugendas e impres-

sos por A. Baldi, em seu "Atlas Ethnographique du Globe" (Paris, 1822), e pelo viajante francês Douville, em 1833, — êsse comunicado a D'Avézac pelo capitão Sandes Ranger e por êle incluído em sua "Notice sur le Pays et le Peuple des Yé-bous en Afrique" (Paris, 1844).

Nos capítulos seguintes o autor estuda a fonética e a morfologia do quimbundo, a influência africana no português, o folclore e o vocabulário. Quanto dêles se pode dizer é que representam, com os que os precedem, uma soma considerável de pesquisas, servidas de erudição e crítica apreciáveis. Em resumo, o trabalho do jovem Professor não tem a pretensão de ser definitivo, como êle próprio declara; é, porém, contribuição ponderável, que o tempo e o estudo terão de ampliar, para o melhor conhecimento do nosso idioma.

RODOLFO GARCIA.

NOTA LIMINAR

da

2.^a edição

Foi tentação de que poucos estudiosos se livraram, alargar a influência tupí e buscar nesta fonte as origens de palavras mais ou menos obscuras. Sabem todos o caso de Batista Cactano que deu sempre “carapuça” como tupí até o dia em que alguém lhe mostrou esta palavra na carta de Pero Vaz Caminha...

Eis a razão por que às vezes sucede o mesmo com as palavras africanas, sempre maltratadas pelos nossos gramáticos que, em relação a elas, laboram em confusão estonteante (ver “Vocabulário”).

Por outro lado, o presente estudo representa uma coordenação do assunto e no vocabulário que o conclue, teve o autor em mira uma contribuição para o Dicionário de Brasileirismos, no que se refere a africanismos.

É um trabalho que se vem incorporar aos estudos sôbre as alterações do português no Brasil e deseja ardentemente contribuir para a independência e cultura do idioma nacional.

Na presente edição, aparecem dois capítulos novos. Um esbôço histórico sôbre o tráfico e um estudo sôbre o negro na literatura brasileira.

Outra contribuição para esta edição foram algumas páginas sôbre a música dos negros, ilustradas com fotografias cedidas por alguns amigos.

Numerosas fotografias, pertencentes à coleção do Autor, esclarecem o texto em varios lugares.

Muitas etimologias novas sôbre palavras apresentadas na edição anterior aparecem ventiladas por estudos continuados.

Cabe-nos aquí agradecer a nímia gentileza do dr. Rodolfo Garcia, mestre de todos que estudam a história e a língua brasileiras, pelo substancioso prefácio a esta obra.

O prof. Walfrido Freire, do Colégio Pedro II, é o autor dos mapas histórico e linguístico, que esclarecem os textos respectivos.

Uma contribuição inteiramente nova veio enriquecer esta edição. Trata-se dos mapas toponímicos feitos pelo geógrafo Carlos Marie Cantão. Em addendum, explica aquele jovem e já ilustre professor, como estes mapas de nomes africanos de lugares são os PRIMEIROS no gênero, feitos no Brasil.

E sobretudo à crítica desinteressada, o autor reserva seus agradecimentos.

Rio, Setembro de 1934

Renato Mendonça

S I G L A S

- A. — Anthropos.
- B. M. N. R. J. — Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
- B. S. C. A. S. L. — Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa.
- R. A. B. L. — Revista da Academia Brasileira de Letras.
- R. B. — Revista Brasileira.
- R. I. G. H. B. — Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía.
- R. I. H. G. B. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- R. F. H. — Revista de Filologia e História.
- R. L. P. — Revista da Língua Portuguesa.
- R. S. S. G. L. B. — Revista da Secção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil.

BIBLIOGRAFIA (*)

ETNOGRAFIA AFRICANA

- Areas culturaes*, in B. M. N. R. J., vol. IV, n.º 3 (Setembro de 1829), p. 121-8.
- Buschan (G.) — *Illustrierte Völkerkunde*, I, 1, Afrika, 1922, in-8.º.
- Delafosse (M.). — *Les civilisations négro-africaines*, Paris, Stock, 1925, in-18.
- Delafosse (M.). — *Los Negros*. Trad. de J. Gallardo, Barcelona-Buenos Aires, Labor, 1931, in 16.
- Deniker (J.) — *Les races et les peuples de la Terre*, 2.ª ed., Paris, Masson, 1926, in-8.º.
- Haberlandt — *Etnografia*, 2.ª ed., 1929.
- Haddon (A. C.). — *Les races humaines et leur répartition géographique*. Trad. de A. Van Gennep, Paris, Alcan, s. d. (1927), in-8.º.
- Keane (A. H.). — *Man past and present*, 2.ª ed., Cambridge, University press, 1920, in-8.º.
- Pires (F. A.). — *A forma primitiva da família*, Rio, 1930, in-8.º.

(*) Esta bibliografia só contém livros aproveitados neste estudo e julgados de maior importância. No texto o leitor encontrará muitos outros citados oportunamente.

- Rivet (P). — *L'anthropologie*, in B. M. N. R. J., vol. IV, n.º 3 (Setembro de 1928), p. 67-95.
- Van Gennep (A.) — *L'état actuel du problème totémique*, Paris, Leroux, 1920, in 8.º.

O ELEMENTO AFRICANO NA FORMAÇÃO ÉTNICA BRASILEIRA

A) TRABALHOS GERAIS

- Calogeras (P.). — *Politica exterior do Brasil*, vol. II.
- Fróes Abreu (S.). — *Na Terra das Palmeiras*, Rio de Janeiro, 1931, in-8.º.
- Oliveira Viana (F. J.). — *Evolução do povo brasileiro*, 2.ª ed., S. Paulo, Cia. Edit. Nacional, 1933, in-16.
- Oliveira Viana (F. J.). — *Populações meridionaes do Brasil*. I. Populações ruraes do Centro-Sul, 3.ª ed., idem.
- Oliveira Viana (F. J.). — *Raça e Assimilação*, idem, 1932.
- Rocha Pombo (J. F. da). — *Historia do Brasil*, Rio de Janeiro, Fonseca e Saraiva, s. d., II, in-8.º.
- Roquette-Pinto (E.). — *Seixos Rolados*, Rio de Janeiro, 1927, in-16.
- Varnhagen (F. A.). — *Historia Geral do Brasil*, 3.ª ed. integral, S. Paulo, Cia. Melhoramentos, s. d. (desde 1927), vols, I-III.
- Vasconcelos (M.). — *Motivos de historia diplomatica do Brasil*, Rio, 1930

B) TRABALHOS ESPECIAIS

- Amaral (B. do). — *As tribus negras importadas*, in R. I. G. H. B., vol. X, n.º 41 (1915).
- Claudio (A.). — *As tribus negras importadas*, p.55-194 dos "Ensaio de Sociologia, Etnographia e Critica", Petropolis, 1931, in-8.º.
- Moraes (E.). — *A escravidão africana no Brasil*, S. Paulo, 1933.
- Querino (M.). — *A raça africana e seus costumes na Bahia*, in R. A. B. L., vol. XXV, ns. 69 e 70 (Setembro e Outubro de 1927).
- Ramos (A.). — *A possessão fetichista na Bahia*, Bahia, 1932 *Os horizontes mythicos do negro da Bahia*, Bahia, 1932 *Notas de ethnologia*, Bahia, 1932. *O negro brasileiro*, 1934.
- Rodrigues (N.). — *Os africanos no Brasil*, S. Paulo, Cia Edit. Nacional, 1932, in-16.
- Rodrigues (N.). — *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, Baía, Reis, 1900.
- Senna (N. de). — *Os negros* (elementos de origem africana e seus descendentes), in R. L. P., ano IV, n.º 22 (Março de 1923), p. 131-155.

LINGUÍSTICA

A) TRABALHOS GERAIS

- Dauzat (A.). — *La géographie linguistique*, Paris, 1922.
- Hovelacque (A.). — *La linguistique*, 4.ª ed., Paris, Schleicher, s. d. in-16.

- Jespersen (O.). — *Language*, London, 1922, in-8.º.
- Kieckers (E.). — *Die Sprachstämme der Erde*, Heidelberg, 1931.
- Meillet et Cohen. — *Les langues du monde*, Paris, Champion, 1924, in-8.º.
- Saussure (F. de). — *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1922, in-8.º.
- Vendryes (J.). — *Le Langage*, Paris, 1924.
- W. Schmidt, S. V. D. — *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*, Heidelberg, Winter, 1926, 1 vol. in-16 e um atlas in-folio.

B) FILOLOGIA PORTUGUESA

- Franco de Sá (F.). — *A língua portuguesa*, Maranhão, Imprensa Oficial, 1915, in-8.º.
- Gonçalves Viana (A. R.). — *Apostilas aos dicionários portugueses*, Lisboa, Liv. Classica Edit. 1906, 2 vol., in-8.º.
- Gonçalves Viana (A. R.). — *Ortografia Nacional*, Lisboa, 1904, in-8.º.
- Gonçalves Viana (A. R.). — *Palestras filológicas*, 2.ª ed., Liv. Classica Edit., 1931, in-12.
- Leite de Vasconcelos (J.). — *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris-Lisboa, Aillaire, 1901, in-8.º.
- “Lingua de preto num texto de Henrique da Mota” — New York, Paris, 1933.
- Said Ali (M.). — *Dificuldades da língua portuguesa*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1919, in-16.

C) DICIONÁRIOS

Beaurepaire-Rohan (Visconde de). — *Diccionario de vocabulys brazileiros*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889, in-8.º.

Cardeal Saraiva. — *Obras completas*, t. VIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, in-8.º.

Figueiredo (C. de). — *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*, 4.ª ed., 1925, in-8.º.

Macedo Soares (A. J. de). — *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1889, in-8.º.

Nascentes (A.). — *Diccionario Etimologico da Lingua Portuguesa*, 1932, in-4.º.

Teschauer (C.). S. J. — *Novo Vocabulario Nacional*, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1932, in-8.º.

D) FILOGIA PORTUGUESA. TRABALHOS ESPECIAIS

Amaral (A.). — *O dialecto caipira*, S. Paulo, 1920, in-16.

Dalgado (S. R.). — *Gonçalves Viana e a lexiologia portuguesa de origem asiatico-africana*, in B. S. C. A. S. L., vol. X, 1915-1916 (1917), p. 649-811

Garcia (R.). — *Diccionario de Brasileirismos (Peculiaridades pernambucanas)*, s. d., in-8.º.

Marroquim (M.). — *A língua do nordeste*, São Paulo, 1934.

Marques (X.). — *Cultura da língua nacional*, Baía, 1933.

Nascentes (A.). — *O linguajar carioca em 1922*, Rio, s. d. (1922). in-16.

Ribeiro (João). — *A língua nacional*, 2.^a edição, São Paulo, 1933.

Sampaio (T.). — *O tupy na geographia nacional*, 3.^a ed., Bahia, 1928, in-8.^o.

INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS

A) TRABALHOS GERAIS

Cannecattim (Fr. B. M. de). — *Colecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense e dictionario abreviado de lingua congueza*, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, in-8.^o.

Capello e Ivens. — *De Benguella ás Terras de Iaca*.

Carvalho (H. de). — *Lingua de Lunda*, Lisboa, 1889.

Courtois (V. J.), S. J. — *Elementos de grammatica tetense*, nova ed., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900, in-8.^o.

D'Avezac (M.). — *Notice sur le pays et le peuple des Yebous en Afrique*, in *Mémoires de la Société Ethnologique*, t. III, 2.^a parte, s. d., in-8.^o.

Macedo Soares (A. J. de). — *Sobre ás palavras africanas introduzidas no portuguez do Brasil*, in R. B., Maio de 1880.

Meinhof (Carl). — *Introduction to the phonology of the bantu languages*, Berlim, 1932.

Negreiros (A.). — *O dialecto de S. Thomé*, p. 303-369 da "Historia ethnographica da ilha de S. Thomé", Lisboa, 1895.

Senna (N. de). — *Africanismos no Brasil*, in R. L. P., ano II, n.º 12 (Julho de 1921), p. 159-163.

Sousa e Oliveira (S.) e Castro Francina (M. A. de). — *Elementos Grammaticaes da lingua nbundu*, Loanda, Imprensa do Governo 1864, in-8.º.

B) DICIONÁRIOS

Courtois (V. J.), S. J. — *Diccionario Cafre-Tetense-Portuguez*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900, in-8.º.

Dohne's, *A zulu-kafir dictionary*, Cape-Town, 1857.

Matta (C. de). — *Ensaio de diccionario Kimbundo-Portuguez*, Lisboa, 1893.

Ortiz (F.). — *Glossario de afronegrismos*, Havana, 1924.

Pereira do Nascimento (J.). — *Diccionario portuguez-kimbundu*, Huilla, 1903, in-8.º.

FOLCLORE

Chatelain (H.). — *Folk-Tales of Angola*, Boston, 1894.

Barroso (G.). — *Atravez de todos os folklores*.

Cocchiara (G.). — *Folklore*, Milano, Hoepli, 1927.

Magalhães (B. de). — *Folklore no Brasil*, Rio de Janeiro, 1928.

Mello Moraes Filho. — *Festas e tradições populares do Brasil*.

- Ortiz (F.). — *De la Musica Afrocubana*, Habana, 1934.
- Ribeiro (J.). — *Folklore*, 1919.
- Ribeiro (Joaquim). — *Introdução ao estudo do folk-lore brasileiro*, Rio, 1934.
- Romero (S.). — *Cantos populares do Brasil*, 1897.
— *A poesia popular no Brasil*, 1888.
- Van Gennep — *Le Folklore*.

CAPÍTULO I

Etnografia africana

A penetração do continente negro — A colonização africana e a obra dos exploradores e missionários — Classificação antropológica: suas falhas — Classificação etnográfica baseada na lingüística — Os semito-camitas no Mediterrâneo — O grupo cuchito-camítico — Povos primitivos da África — A família negra — Repartição geográfica dos sudaneses e bantu.

O sertão da África permaneceu até meados do século XIX um enigma geográfico. São célebres as afirmações de Aristóteles sobre a inhabitalidade dêste continente, as quais, apesar de desmentidas pela experiência, parece se fixaram com o pêso dos anos na mentalidade européia.

Povos, línguas, costumes, religiões, geografia, história da África, tudo em suma foi desconhecido ou confundido nas denominações imprecisas herdadas dos Romanos.

Os primeiros conhecimentos seguros datam do século X quando escritores árabes, depois de excursões pelo Sudão, assinalaram alí a existência do poderoso e antigo Estado negro, o império de Ghana (1).

Com os descobrimentos do século XV, continuou a exploração do litoral africano e regiões próximas, e assim perdurou a situação até meados do século XIX (2).

Os primeiros exploradores desta região iam levados pela caça ao negro, já escasso no litoral, para o tráfico de escravos. No início do século XVII, as atenções dos portugueses voltaram-se para o reconhecimento das estradas interiores da África, com tal objetivo (3).

Os missionários que, na piedosa obra da catequese, se empenharam, contribuíram grandemente para a penetração do continente negro. E já em 1643 e 1697, os jesuítas Francisco Porcânio

(1) M. Delafosse, *Los negros*, 1931, pg. 27.

(2) Konrad Kretschmer, *Historia de la Geografía*, Barcelona, 2.^a edição, pg. 142.

(3) O. Martins, *O Brasil e as colonias portuguesas*, Lisboa, pg. 236.

e Pedro Dias publicavam trabalhos sôbre o quimbundo.

Com efeito, a obra então iniciada continua até os nossos dias em que se citam, entre missionários, linguistas e etnógrafos especializados em assuntos africanos como Frobenius, A. Le Roy, Courtois e inúmeros outros.

Todavia, as causas determinantes da exploração do interior da África foram variadas. Por um lado, econômicas como o desenvolvimento da indústria européia, que carecia mais a mais de matéria prima, e o aumento de população que absorvia as terras necessárias ao cultivo dêstes materiais. Daí a procura de novas terras para estas satisfações. Também devemos tomar em consideração o impulso dado pela "African Association" de Londres a qual organizou um plano científico de penetração. Procurou-se a solução de problemas geográficos como os do Zambeze e do Congo, e outrossim das questões do curso do Niger e das fontes do Nilo.

Desta maneira, exploradores de nacionalidades várias cruzaram os recônditos do continente e depararam os tipos étnicos mais diversos.

Descritos primeiramente pelos geógrafos, em seguida pelos antropologistas, é entre os etnógrafos que os povos africanos despertam o mais vivo interêsse.

E diante das centenas de nomes de povos, avulta o valor de uma classificação baseada na linguística sôbre a firmada na antropologia que exige, para um resultado pequeno, uma soma avultada de dados.

Guiado pela ocupação linguística e seguindo a distribuição geográfica, podemos na etnografia africana distinguir vários grupos: o semito-camítico, o ctíope ou cuchito-camítico, o negrilho e o hotentote-boximane e, sobretudo, a família negra (4).

Os semito-camitas ocupam a faixa mediterrânea e compreendem os *bérberes* de Marrocos (*mouros* mestiçados com árabes e sudaneses), da Argélia (*cabilas*), de Tunis (*zuavos*) e Trípoli. A população camítica do Egito é formada pelos *fellahin* do Baixo Nilo e pelos *coptos* que vivem nas cidades. Convém notar no Alto Egito os *Bedyá* ou *berberines* núbios. Atrás dos povos do

(4) J. Deniker, *Les Races et les Peuples de la Terre*, Masson, 2.^o édition, 1926, pg. 513.

litoral, vivem ao oeste do Saara os *tuaregues*, e abaixo deles, os *fulbi* ou *peul* (5).

O grupo cuchito-camítico ou etíope se estende pela Abissínia onde a influência milenar do árabe se reflete até na antiga língua sagrada, o *geez*, tronco de vários dialetos atuais; pela Núbia de população constituída pelas tribus *bedsha*, e finalmente os *gallas*, *somalis* e *danaquil*, povos do nordeste africano, e os *massai*, de feição etíope, também se prendem a êste grupo.

Os *negrilhos* ou *pigmeus* habitam as florestas equatoriais da África e mais especialmente a bacia do Congo. Têm sido êles alvo principal dos estudos da escola Histórico-Cultural e são compreendidos num dos círculos culturais organizados por Schmidt (6).

Os *hotentotes* e *boximanes* consideram-se os povos mais primitivos do continente. Os *boximanes*, antigamente espalhados em quasi toda África do Sul, limitam-se hoje ao deserto de Kala-

(5) Michael Haberlandt, *Etnografia*, Barcelona, 2.^o edição, 1929, pg. 300-303.

(6) Fernando Pires, *A forma primitiva da família*, Rio 1930, pg. 64-78.

hari, enquanto os *hotentotes* vivem no sudoeste (7).

A família negra bifurca-se em ramificações muito distintas: sudaneses e bantu. No confronto de ambas, saltam diferenças de línguas, de populações e de cultura. Os sudaneses apresentam uma grande fragmentação linguística oposta à unidade substancial das línguas bantu. Enquanto as camadas étnicas dos sudaneses são influenciadas pelos elementos hamíticos (berberes e tuaregues) e semítico (árabes) homoganeamente, a influência hamítica (gallas) predomina nos povos bantu (8).

As diferenças de cultura inclinam-se favoravelmente para os sudaneses, graças ao contacto com os árabes, e tornou-se muito conhecida não só a arquitetura sudanesa bem como a arte negra de Benin.

Os etnógrafos repartem os negros do Sudão em ocidentais, centrais e orientais.

Os negros ocidentais, quasi todos habitantes do litoral, estendem-se pela costa ocidental até o

(7) A. C. Haddon, *Les Races Humaines et leur répartition géographique*, Paris, Felix, Alcan, pg. 34-36.

(8) A. H. Keane, *Man Past and Present*, Cambridge, 1920, pg. 44.

Niger no interior, pela costa da Guiné, dos Escravos, do Ouro e da Pimenta, e compreendem mais algumas tribus da Senegâmbia e do Senegal. Aí estavam os célebres reinos africanos Dahomé, Mandinga, Achanti e Benin. Vivem nesta região os *yolof*, *mandingas*, *felup*, *achanti*, *kru*, *cwe* e *yoruba*.

Sudaneses centrais são os haussás, e os quatro reinos negros *Bornú*, *Baghirmi*, *Wadai* e *Darfur*. Também há os *kanuri*, *songhai* e *yedina*.

Finalmente, os orientais se constituem das populações *dinka*, *bari*, *shiluk*, *nuer* e *nuba* (9).

Os povos bantu possuem uma homogeneidade característica. Alargam-se do Congo até o norte no Kalahari no sul da África. Nesta gigantesca área geográfica salientam-se três grandes grupos: os povos do Congo, as tribus da África oriental e as tribus do sul.

Os povos do Congo compreendem cerca de cinquenta tribus diversas, mais ou menos importantes, a que pertencem também os povos *kasai* (10).

(9) Keane, *Man Past and Present*, pgs. 78-83.

(10) M. Haberland, *Etnografia*, pg. 310.

Dentre as tribus da África Oriental, as mais relevantes são os *waniamwesi* e os *dshaga*, povos dos lagos; os *wahehe*, *zulús* e *watussi* entre os lagos e o litoral, e junto ao litoral os *suaheli*, completamente arabizados. No sudeste, ainda encontramos uma tribo bantu os *wangoni*.

As tribus bantu do sul mais conhecidas são os *cafres* do sudeste, os *matabele*, *bechuanas* e os *cafres* do norte. Ainda notáveis no sudeste há os *ova-herero*, os *ondonga* e os *ovambo*, além dos povos do Zambeze.

CAPÍTULO II

Linguística africana

Classificação tradicional de Schlegel — A classificação genealógica — Ensaio de classificação das línguas africanas: Lepsius e Meyer — A classificação de Hovelacque — A classificação moderna de Delafosse e Homburger — A classificação mais moderna de Drexel — Opinião de W. Schmidt a respeito de Homburger.

Friedrich von Schlegel, autor da monumental obra que exerceu grande influência no domínio linguístico em princípios do século passado *Ueber die Sprache und Weisheit der Indier* (1808), dividiu as línguas do mundo em duas classes: uma constituída pelo sânscrito e suas congêneres e a outra por todas as demais línguas. As primeiras possuem um crescimento orgânico das raízes por meio da flexão e nas segundas êste cres-

cimento se realiza com o acrescimento de afixos (prefixos e sufixos) (11).

Mas, como afirma Jespersen, "Schlegel's bipartition of the languages of the world carries in it the germ of a tripartition" (12).

Com efeito, Schlegel teve sua classificação alterada pelo irmão A. W. Schlegel e linguístas posteriores, que a transformaram na tradicional divisão das línguas em isolantes, aglutinantes e flexivias (13).

Seguindo esta classificação, as línguas africanas dos negros estariam compreendidas no grupo das aglutinantes.

Esta classificação tradicional, porém, já prestou bons serviços e hoje não satisfaz mais às exigências científicas.

Sem dúvida, classificação de valor e utilidade em nossos dias há somente a genealógica que se baseia sobre a história das línguas. Nela so-

(11) C. Jespersen, *Language, its nature, development and origin*, London, 1922, pg. 35.

(12) Idem, pg. 36.

(13) Idem, pg. 36 e 37.

bressai um critério sólido qual o ditado pela continuidade morfológica (14).

A classificação genealógica grupa as línguas como ramos de um tronco primitivo de que são alterações. Êste tronco, quando não conservado, é reconstituído de acôrdo com as línguas cuja comunidade de origem se revela pela comparação. E' o caso do germânico comum e do eslavo comum reconstruído pelo método comparativo ao passo que o latim foi conservado pelos monumentos literários (15).

Por êste modo, estabeleceram-se as grandes famílias de línguas, entre as quais situou o grupo bantu ao lado do indo-europeu, do semítico, do camítico, do finno-ugriano, do dravídico, do indochino e do malaio-polinésico.

Todavia, apenas as línguas bantu são contempladas nesta classificação. Como, porém, deixar de lado as numerosas línguas sudanesas?

A dificuldade aumenta se estas línguas são mais ou menos desprovidas de gramáticas ou se

(14) Meillet et Cohen, *Les langues du monde*, Champion, pg. 1.

(15) J. Vendrys, *Le langage*, 1921, pg. 354.

o léxico oferece uma mobilidade estonteante como as línguas mandê da África ocidental (16).

A ausência de documentos e a ignorância dos estados anteriores destas línguas, cujo conhecimento histórico não vai além de cinquenta anos, são lacunas que deixam as classificações numa lamentável insegurança.

Daí, no estado atual da linguística africana, ser uma classificação provisória a mais aceitável.

As primeiras tentativas neste sentido fizeram-se no século passado. Lepsius, ao publicar sua gramática da língua nuba, lançou uma classificação geográfica em que a África era dividida em três zonas linguísticas: *a*) uma zona do norte, entre o Saara e o Mediterrâneo, com as línguas camíticas; *b*) uma zona do centro, entre o equador, o Saara e o Sudão, com as línguas centrais ou sudanesas; *c*) uma zona austral com as línguas bantu.

Meyer, em seguida, discriminou as línguas africanas em cinco grupos: árabe e camita ao norte; línguas centrais, não classificadas; bantu e hotentote.

(16) J. Vendrys, *Le langage*, 1921, pg. 365.

Esboços imperfeitos, com nomes vagos que encobriam a miséria de conhecimentos, estas classificações já representam uma iniciativa.

A velha divisão de Hovelacque repartia os idiomas do continente negro em: *a*) línguas da África meridional, com a língua dos hotentotes e a dos boximanes; *b*) línguas dos negros não-bantu, com o wolof, o mandê, felúpio, o sonrai, o haussá, o bornú, o kru, o egbê (de que é parente o íoruba ou nagô), o ibo, o mitchi, o mosgú, o maba, o baghirmi e as línguas do alto Nilo, shiluk, dinka, nuer e bari; *c*) línguas do grupo bantu com três ramos: ocidental (principais: congo, quimbundo e herero), central (tekeza e setchuana), e oriental (tête, zulú, cafre e macúa); *d*) o pul ou fula; *e*) línguas nubianas, com o núbio, o dongolavi, o tumalê, o koldadji e o kondjara (17).

Ultimamente Maurice Delafosse, africanista de renome, fez uma classificação das línguas sudanesas que se torna completa com as das línguas bantu da autoria de Homburger.

Ambas pertencem a especialistas de apurado

(17) Abel Hovelacque, *La linguistique*, 4.^a edição, pg. 474.

cunho científico, sendo que Delafosse insiste muitas vêzes sôbre o caráter *provisório* do seu esforço.

Reconhecendo que na linguística africana só se projetam duas individualidades fortes: *línguas bantu* e *línguas não bantu*, divide Delafosse as línguas do continente negro em dezessete grupos, dos quais um é o bantu, constituindo os demais as línguas sudanesas e guineanas (18).

Com efeito, as línguas do Sudão e da Guiné compreendem os dezesseis grupos seguintes que vamos enumerar rapidamente (19):

- I. *Grupo nilo-chadiano* (30 línguas) -- é o mais setentrional e sem dúvida o mais vasto pois se estende pelo vale do Nilo de Issuan até perto de Fachoda, contornando o lago Chad. A êste grupo, pertence o *kanuri* ou língua dos Bornus falada no Brasil.
- II. *Grupo nilo-abissínio* (15 línguas) -- ocupa o vale do médio Nilo-Azul e o do Nilo Branco. São dêste grupo as línguas dos *chilucos*, *nuer* e *dinkã* a que já nos referimos.

(18) M. Delafosse, in *Les langues du monde*, pg. 474.

(19) Idem, pgs. 479-556.

- III. *Grupo nilo-equatoriano* (26 línguas) — subsequente ao grupo nilo-abissínio, começa ao norte na altura de Lado, estendendo-se até o 6^o de latitude sul. A língua dos *massai* pertence a êste grupo.
- IV. *Grupo cardofoniano* (10 línguas) — forma geogràficamente uma espécie de tampão isolador, entre o grupo nilochadiano e o nilo-abissínio. Meinhof foi quem estudou êsse grupo.
- V. *Grupo nilo-congolês* (19 línguas) — de área muito estreita, insinua-se entre as áreas dos grupos nilo-abissínio, nilo-equatoriano e bantu.
- VI. *Grupo ubanguiano* (25 línguas) — o limite setentrional dêste grupo é o alto mambêrê e o meridional, o Ituri. Deriva seu nome do rio Ubanguí.
- VII. *Grupo chari-uadaino* (12 línguas) — seu domínio estende-se ao sul da parte ocidental do grupo ubanguiano.
- VIII. *Grupo chariano* (15 línguas) forma ao longo do médio e alto Chari um encla-

vo entre as línguas norte-ocidentais do grupo anterior.

- IX. *Grupo nígero-chadiano* (31 línguas) — segue-se ao Oeste aos grupos nilo-chadiano, chari-uadiano e chariano. Faz parte dêste grupo o *haussá* falado por quasi 4.000.000 de negros espalhados pelas províncias de Sokoto, Gober, Talma, Katsena. O *haussá* foi língua muito falada na Baía.
- X. *Grupo nígero-cameruniano* (66 línguas) — é dentre os grupos do Sudão e da Guiné o que maior número contém de línguas distintas. Convém notar neste grupo o *nupé* ou *nifé* ou *tapa*, o *iebu* ou *idjebu*, e principalmente o *ioruba* ou *egba* ou *nagô*, línguas essas já faladas no Brasil, havendo a última sido língua adotada pelos sudaneses da Baía.
- XI. *Grupo do baixo-nígero* — compreende uma única língua, *djo* ou *ido*, falada no delta do Niger por uma população negra ou Idjo.

- XII. *Grupo voltáico* (53 línguas) — ocupa toda a bacia superior dos diversos braços do Volta. Um de seus subgrupos, o *gurunsi*, compreende oito línguas entre as quais o *nuruma* ou *nubuli* ou *guresi* ou *grusi* ou *gurunsi* ou *grunsi*, língua que foi falada no Brasil pelos negros Galinhas.
- XIII. *Grupo ebúrneo-dahomeano* (48 línguas) — acompanha a costa do golfo da Guiné, a Oeste, e confina ao Norte com os grupos nígero-cameruniano e voltáico, tem ainda um encanto na Libéria formado pelo *gola*. Êste grupo é de todos o mais notável para nós, porquanto a maioria das línguas sudanesas faladas no Brasil a êle pertence: *mahi* (ao Norte de Abomeí), *mina* ou *gê* ou *gegbe* ou *popo*, *êhuê* ou *ewe*, que era a língua dos Gêges, *fanti* e *tchi* ou *asanti* ou *achanti*, que usavam respectivamente os negros Fantees e Achanti.
- XIV. *Grupo nígero-senegalês* (36 línguas) — pela sua extensão territorial ocupa o terceiro lugar depois dos grupos ban-

tu e nilo-chadiano. Salientam-se neste grupo as línguas: *mandinga* ou *mandê* ou *mali*, idioma de grande expansão e tende a ser a língua de toda a África ocidental pois já é falada por cêrca de 4 500.000 naturais; e o *sussu* ou *soso*, ambas já foram faladas no Brasil deixando de si vestígios (20).

XV. *Grupo ebúrneo-liberiano* (24 línguas) — limitado à floresta densa situada entre Bandama e Saint-Paul.

XVI. *Grupo guineo-senegalês* (24 línguas) — possui como mais notáveis o *peul* ou *fula*, *wolof* e *pepel*, que tiveram representantes nos Fulas, Jalofos e Pé-peis do Brasil.

Homburger, mulher de excepcional cultura das línguas bantu, traçou-lhes uma classificação que comparada à mais moderna de Drexel não deixa muito a desejar.

É esta a opinião de W. Schmidt: "Die Gliederung von Homburger, obwohl auch der geographischen Verbreitung folgend, stimmt durch in

(20) Ver *Vocabulário*.

einer Reihe von wichtigen Einzelheiten mit der von Drexel ueberein" (21).

Portanto enumeraremos esquematicamente os seus trabalhos. Ao lado de uma divisão geral das línguas bantu em: *a*) línguas do grupo sudeste, *b*) línguas do grupo sudoeste, e *c*) línguas do grupo nordeste (22), esmiúça outra divisão pormenorizada dos falares bantu:

- I. *Grupo norte* ou *ganda*, a noroeste do lago Vitória Niansa, de que são falares mais importantes: *ganda*, *nioro*, *ķerewe*.
- II. *Grupo ruanda*, a sudeste do grupo *ganda* e a nordeste do lago Tanganika; representantes notáveis: *ruanda* e *ķirundi*.
- III. *Grupo do nordeste*, que se estende pela região do Kĩlimandjaro; falares mais conhecidos: *ķikũiu*, *ķamba*, *tchagga*, *mochi* e *siha*.
- IV. *Grupo norte da costa oriental* e países limítrofes, falares principais: *tawetai*, *tata*, *tchassu*, *poķomo*.

(21) W Schmidt, *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*, Heidelberg, 1926, pg. 92.

(22) Homburger, *Les langues du monde*, pgs. 575-576.

- V. *Grupo da África oriental*, línguas: *nyamwezi, gogo, hehe, pogoro, konde*.
- VI. *Grupo do sudeste* compreende a África oriental portuguesa e o nordeste da União Sul Africana: línguas de importância: *tchuana, soto, kololo*.
- VII. *Grupo zulú* com as línguas: *cafre* ou *xosa, zulú, tebele*.
- VIII. *Grupo do centro* com as línguas *bemba, senga, tonga*.
- IX. *Grupo ocidental*, para nós o mais importante, pois contém o *mbunda, quimbundo, umbundo, lunda, ndonga*.
- X. *Grupo congolês* com os falares *hanioka, kele*.
- XI. *Grupo nordeste* com as línguas *banguí, galoa, benga* (23).

Drexel, nos seus trabalhos, vindos à luz na conceituada revista *Anthropos*, classificou as línguas da família negra em três séries: a) *sudanesas*, b) *bantu* e c) *bantuideas*.

As bantuideas formam uma espécie de transição entre o bantu e as línguas sudanesas (24).

(23) Homburger, *Les langues du monde*, pgs. 578-587.

(24) Kieckers, *Die Sprachstämme der Erde*, 1931, pg. 165.

Esta classificação como é a mais moderna e de base científica incontestável, acha-se ilustrada com uma carta linguística que acompanha o texto.

As línguas sudanesas são repartidas por Albert Drexel em cinco divisões (25):

- I. *Línguas wule* que compreendem vários grupos: oriental, central, ocidental e o grupo *fang* e *yaund*.
- II. *Línguas -ngo e -nke*, assim chamadas por ser *-nke* o sufixo masculino e *-ngo* o sufixo empregado para designar animais; os principais grupos são *bambara*, *soninke* e *songai*.
- III. *Línguas manfu* com um grupo ocidental ou *kru*, outro central ou *egba* (a que pertencem o *achanti*, o *joruba* e *iebu*), e um terceiro oriental ou *adamaye*.
- IV. *Línguas kanuri* das quais as de maior relêvo são *kanuri* e *maba*.
- V. *Línguas nilóticas*, onde avulta o grupo *nuba*.

(25) W. Schmidt, *Die Sprachfamilien und Sprachkreise der Erde*, pgs. 92-110 e Kieckers, op. cit., pgs. 153-165.

As línguas bantu distribuem-se por sete ramificações constituídas pelas:

- I. *Línguas teke* que possuem os grupos duala, bongo, lolo, kuba.
- II. *Línguas songo*.
- III. *Línguas ndonga*, em que há os grupos herero, nyamwezi.
- IV. *Línguas suaheli*, que possuem o nika.
- V. *Línguas konde* com os falares sena-nyandja, yao-bemba, pokoro-kinga.
- VI. *Línguas makua* das quais sobreleva o tugula.
- VII. *Línguas sotho* com os subgrupos xosa, zulú, tchuana, peli (26).

Finalmente, Drexel estabelece cinco grupos para as línguas bantuídeas:

- I. *Grupo norte* por sua vez subdividido num grupo norte-oriental e norte-ocidental.
- II. *Grupo norte central* que contém o gola e as línguas zurma.

(26) W. Schmidt, op. cit., pgs. 85-92 e Kieckers, op. cit., pgs. 144-153.

III. *Grupo central meridional* compreende os subgrupos mossi e grussi.

IV. *Grupo meridional (togo)* subdivide-se em línguas do norte, do sul e isoladas.

V. *Grupo oriental* com as línguas tagoy e kanderma (27).

Assim fica aí uma perspectiva rápida e imperfeita sobre o estado atual da linguística africana no que toca ao elemento negro.

(27) W. Schmidt, op. cit., pgs. 110-114 e Kieckers, op. cit., pgs. 165-168.

CAPÍTULO III

O tráfico

Os portugueses na Guiné — Primeiros escravos introduzidos no Brasil — As Companhias de Comércio e o contrabando — O número de escravos vindos para o Brasil — Estatísticas remanescentes — Crítica à avaliação dos historiadores — A população negra do Brasil atual.

Os descobrimentos da escola de Sagres, orientada pelo famoso Infante D. Henrique, contaram entre uma de suas consequências a introdução de escravos pretos em Portugal.

Foi Antão Gonçalves que, em 1441, levou a D. Henrique alguns mouros aprisionados no rio do Ouro. O mesmo Antão trocou dois dêsses mouros por dez negros, na sua volta às costas da África. Com mais alguns outros capturados na ilha de Arguim, e foram êles os primeiros negros transportados diretamente para Portugal.

É êste, na opinião de Fortunato de Almeida, o ponto de partida da Companhia de Lagos, fundada em 1444, cujo objetivo era desenvolver o comércio e as explorações no continente negro (28).

Com efeito, a viagem inicial do tráfico negreiro foi empreendida por esta Companhia, em uma expedição composta de seis caravelas ao mando do escudeiro Lançarote, a qual transportou duzentos e trinta e cinco cativos.

Já de 1450 até 1455, o suprimento anual de pretos introduzidos em Lisboa orçava de setecentas a oitocentas peças, e por volta de 1530, subiam a dez e doze mil os escravos entrados no Tejo, quer para uso da metrópole e colônias, quer afim de exportação para país limítrofe (29).

O forte de Arguin, na Guiné, construído desde 1452, facilitava e assegurava as relações comerciais dos Portugueses e foi seguido de outras fortificações.

Pouco depois se iniciava a remessa direta de escravos para o Brasil e os primeiros negros da Guiné vieram em 1538 trazidos por um navio

(28) Calogeras, *A política exterior do Império*, I, pg. 288.

(29) Perdigão Malheiro, *A escravidão no Brasil*, Rio, 1867

pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatário da colônia. Também, Duarte Coelho, donatário de Pernambuco, se interessava na importação de tais peças e a El-Rei escrevera em 1539, rogando isenção de direitos para aquela “mercadoria”.

Desta forma, se nos guiarmos pelas *Informações* do padre José de Anchieta, em 1585, havia na colônia uma população de 57.000 almas, das quais 14.000 escravos da África, sendo 10.000 em Pernambuco, 3.000 na Baía, e cêrca de uma centena no Rio (30).

Fernão Cardim, referindo-se ao período de 1583 a 1590, cita algarismos bastante diferentes porquanto coloca 2.000 em Pernambuco e perto de 4 000 escravos na Baía (31).

Atendendo à época, em que a posição geográfica devia favorecer o Recife, bem como aos algarismos de Anchieta, preferimos os cálculos dêste, com uma ligeira redução para 10.000, número que menos se afasta do apresentado pelo padre Fernão Cardim.

(30) Barão do Rio Branco, *Historia do Brasil*, Rio, 1930, pg. 29.

(31) *Narrativa epistolar*.

Eis por que nos fins do século XVI, pensamos que a população negra do Brasil devia orçar por 10.000 pretos, dos quais 6.000 em Pernambuco, 3.000 na Baía e o restante esparsos pelos outros núcleos coloniais.

Até meados do século XVII, o tráfico permanece entre as mãos de particulares, que obtinham da Fazenda Real a concessão dos “asientos” ou privilégios para a importação das “peças” da África.

O *Regimento e Ordenações da Fazenda d'El-Rei*, de 17 de Outubro de 1516, e o *Foral da Alfandega de Lisboa*, de 15 de Outubro de 1587, estipulavam todos os meios necessários ao pagamento da dízima aduaneira correspondente à venda de negros, ordenando o primeiro que todos os navios com pretos da Guiné transitassem por Lisboa, enquanto o segundo regimento facilitava, aos que seguissem para o Brasil, a percepção do imposto, no pôrto de destino.

Em breve, porém, a concessão de licenças de favor, para fazerem o tráfico, a outros que não os detentores do “asiento”, trazia a ruína aos assentistas, que muitas vêzes abriam falência.

Com o tempo, o tráfico passa a ser feito administrativamente e pagos os impostos, existe inteira liberdade para fazer o comércio de escravos.

Rumos diversos seguia o Brasil holandês que abastecia seu mercado pela Companhia das Índias Ocidentais, a qual no decênio de 1636 a 1645, introduziu 23.163 peças (32).

É verdade que a política dos "asientos", criada por Carlos Quinto, deixa de existir com a completa emancipação de Portugal, não mais orientado ou dominado pela Espanha.

O êxito que tiveram as Companhias de Comércio da Holanda, assim como o tino político do padre jesuíta Antônio Vieira indicavam a El-Rei novas diretrizes. Deu-se a fundação da Companhia Geral do Comércio do Brasil, criada pelo alvará de 10 de Março, de 1649, a qual se não fazia o tráfico de escravos, iniciava o sistema do monopólio. A anulação posterior de favores especiais como o monopólio da farinha, vinhos e bacalhau, mau grado o aumento dos fretes para o açúcar, trouxe a extinção da Companhia, em Fevereiro de 1720.

(32) Calogeras, *A política exterior do Império*, I, pg. 307.

Esta primeira e útil tentativa teve suas vantagens, quais a entrada no Brasil de capitais arredios, e mereceu muito ser seguida de outras.

As guerrilhas das várias feitorias da África que se entrechocavam no fornecimento de escravos, as incursões devastadoras dos corsários e piratas, as queixas vindas do Congo e de Angola, motivaram a formação de várias companhias negreiras.

Constituiu-se então, em 1675, por contrato com o Concelho Ultramarino, a primeira *Companhia de Cacheu*, que durou até 1680. Negociava em gêneros de Cacheu e Cabo-Verde, em negros para o Reino e colônias, e para as Índias de Castela. A perseguição dos negociantes de Cabo-Verde provocou a falência da Companhia. Volta o período de anarquia até a organização da nova Companhia, em 1690.

Desta vez, procurava-se reconciliar os interesses dos entrepostos de Cacheu e Cabo-Verde e surgia a *Companhia de Cabo-Verde e Cacheu de Negócios dos Pretos*. Esta logo originou, três anos depois, a *Companhia Real de Guiné e das Índias*, com licença para introduzir negros nas Índias da Espanha. Tal Companhia várias vezes teve sua vida renovada até que foi extinta em 1706.

Ainda em 1679 se fundou a *Companhia do Estanco do Maranhão*, destinada a fornecer escravos às Capitânicas do Norte. De sua insuficiência diz a revolta de Bekmann, em que muito se clamava contra a escassez de pretos.

Todavia, esta navegação relativamente intensa para o Norte, não é correspondida no Sul e ao findar o século XVII, o Rio sómente recebia de Angola três navios por ano. Daí a enorme procura de negros nas Minas Gerais, cujas entradas recém-descobertas atraíam os aventureiros.

Eis por que cedo se esboça um grande movimento de escravos, que eram mandados buscar na Baía para as Minas Gerais, a ponto de se fazer uma Carta Régia em 1701, com proibição da ida de escravos das capitânicas do Norte para as Gerais.

Esta exigência de escravos para a mineração crescia sempre, e, cinco anos depois, se pediam mil homens de Angola e umas três ou quatro levas da Costa da Mina.

A necessidade crescente do braço africano para a lavoura da terra e a indústria das minas requeriam aproximação cada vez maior entre o Brasil e a África. Esta a razão por que, em Maio

de 1723, o Concelho Ultramarino entregava ao vice-rei do Brasil a construção da fortaleza de Ajudá, hoje Widah, na costa da Guiné.

Ainda no mesmo ano se fundava a *Companhia da Costa d'África*, destinada a exportar negros para o Brasil. Esta sociedade teve a concessão do tráfico durante quinze anos e muito contribuiu para a sua regularização.

Mas acabada a concessão, volta a balbúrdia no tráfico a qual apenas se atenuara, e, em meio à confusão, prossegue o comércio negreiro.

Mesmo assim, as relações entre compradores do Brasil e vendedores da África se estreitavam sempre. Régulos africanos enviam suas embaixadas à Baía. O vice-rei recebe explicações de chefes de cubatas pelas incursões em território luso. Há trocas de presentes e desculpas. Mestiços que negociam na Guiné recebem dos reis africanos títulos pomposos como de "Irmão". Tais os mulatos Felix de Sousa e Domingos Martins, negociantes de escravos em Ajudá e Kotonú que merecem do rei de Dahomey o título de "Primeiro dos Brancos" (33).

(33) Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pg. 46.

Pombal ainda tenta normalizar o tráfico, já então em larga escala entregue ao contrabando e aos desmandos dos particulares. Datam de então a *Companhia do Grão-Pará e Maranhão* bem como a *Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba*, organizada e iniciada em 1760. Esta última fornecia as capitanias do mesmo nome com escravos vindos de Angola e da Costa da Mina. Nos dezoito anos que funcionou de 1760 a 1777, fez baixar o nível das importações precedentes.

Com efeito, de 1742 a 1760, entraram em Pernambuco e Paraíba, trazidos pelo tráfico livre 54.981 negros, ao passo que depois de estabelecida a Companhia, na sua duração só entraram 38.157 peças (34).

A insuficiência do comércio organizado em Companhias fez com que tal sistema fôsse abandonado. E depois da queda de Pombal, tais Companhias foram extintas em 1778, com a retirada do monopólio.

Voltou, e desta vez até acabar o tráfico, a liberdade das navegações e, com ela, a grande confusão, bem favorecedora do contrabando.

(34) P. Calogeras, *op. cit.*, I, pg. 319.

E' o século XVIII a época em que o tráfico alcança maior intensidade. Nele a importação atingiu cifra bem alta, que permitiu haver no Brasil, em 1800, segundo o Barão do Rio Branco, cêrca de 1.600.000 escravos negros. E pouco tempo depois, em 1817, êste número ainda subia a 1.930.000 escravos (35).

Mas a campanha de Wilberforce iniciada tão brilhantemente na Inglaterra vem refletir no Brasil, que, no seu tratado de comércio com a Grã-Bretanha, em 1810, se compromete a extinguir gradualmente o comércio da escravatura (36).

Criam-se os Tribunais Mixtos da Serra Leoa para atender às nossas relações com a África, a respeito da repressão do tráfico.

Abolido o tráfico pela lei de 7 de Novembro de 1831, a qual o declarava extinto no Brasil, proliferou a obra do contrabando. Foi preciso a energia de Eusébio de Queiroz para extinguí-lo definitivamente, em 1850.

Continuaram, porém, os desembarques clandestinos, e segundo narra o eminentíssimo histo-

(35) B. do Rio Branco, *Historia do Brasil*, 1930, pg. 88.

(36) Evaristo de Moraes, *A escravidão africana no Brasil*, São Paulo, 1933.

riador Basílio de Magalhães, verdadeiro mestre da nossa história, o último desembarque clandestino se deu a 13 de Outubro de 1855. Foram duzentos e nove africanos que desembarcaram em Serinhaem, no Estado de Pernambuco. (37).

Mas — já é tempo de saber — em todo êste longo período, quantos africanos entraram no Brasil? qual o total? qual o coeficiente anual de entradas? quais as tribus?

Quanto às tribus, veja o leitor o capítulo seguinte, em que analisamos as principais, bem como sua procedência e distribuição no mapa histórico junto.

Vejamos agora os resultados numéricos de cerca de trezentos anos de tráfico.

Os mercados da Serra Leoa, de S. Luiz, da Gâmbia, de Angola e de Benguela, protegidos por outros tantos fortes, abasteciam os navios negreiros, que aí buscavam sua triste mercadoria.

Eram embarcações miseráveis, sem idéia do que fôsse higiene, com a preocupação exclusiva de amplos e bojudos porões, afim de permitir

(37) *História do Comércio, Indústria e Agricultura*, São Paulo, 1934, pg. 423.

maior acúmulo de negros. Ficou-lhes célebre o epíteto de *Tumbeiros*...

Os processos primitivos usados para conservar um pouco a vida a estas criaturas, são-nos descritos por vários escritores que dêles nos deixaram a narrativa, como Melo Moraes Filho cujas descrições das soturnas viagens e seus portos de destino, ainda merecem leitura (38).

Relato mais fiel ainda conhecemos o do capitão inglês Guillaume Snelgrave, comandante de navio inglês, que numerosas travessias fez no tráfico de escravos. Aí se narram pormenores curiosos de como se mantinha a disciplina a bordo e quanto frequentes eram as revoltas, às vêzes tràgicamente dominadas (39).

E' preciso, portanto, ter em vista que na travessia marítima muitas vidas se perdiam. E por isso valem pouco as raras estatísticas subsistentes de embarques na África.

(38) *Festas e Tradições*, cap. "Na terra e no mar", pg. 375-392.

(39) *Nouvelle relation de quelques endroits de Guinée*, Amsterdam 1735

Quanto às nossas, sabido é o destino romântico que tiveram, queimadas como cartinhas de namorados . . .

Analisemos os dados remanescentes e vejamos o cálculo dos historiadores.

Sigamos os resultados numéricos que apresenta o preclaro historiador Pandiá Calogeras, em sua notabilíssima obra sôbre a política exterior do Império, bem como os dados coligidos por outros autores.

Pelo Relatório de Domingos de Brito a Filipe II de Espanha, datado de 1592, tinham ido de Angola para a América portuguesa e Índias de Castela de

1575 a 1591 52.053 negros
ou cêrca de 3.100 por ano.

Segundo Oliveira Martins, o tráfico apresentou os seguintes algarismos, de Angola para o Brasil:

de
1759 a 1803 624.000 negros
de
1817 a 1819 66.000 ”
ou respectivamente uma média anual de 14.500 e 22.000 escravos.

Acrescenta o mesmo Autor, embora vagamente, que nos primeiros anos, a Companhia Grão Pará teria levado até 100.000 cabeças, das quais 42 ou 43 000 se destinavam ao Rio.

Manuel Barata, em suas *Ephemerides Paraenses*, afirma que em vinte e dois anos chegaram, apenas, ao Pará cêrca de 12 600 pretos.

Waetgen, para o Brasil holandês, enumera especificadamente por ano um total de 23.163 peças no decênio 1636 a 1645.

Para Pernambuco, existem algarismos oficiais entre 1742 e 1777, graças a uma certidão passada a 7 de Maio de 1778 pelo escrivão da alfândega do Recife.

Assim, antes do estabelecimento da Companhia de Pernambuco e Paraíba, durante 18 anos, de 1742 a 1760, as entradas foram:

de Angola	38 787	cabeças
da Costa da Mina	16 194	"
num total de 54.981 cabeças.		

Depois do seu estabelecimento, a Companhia, de 1760 a 1777, importou:

de Angola	30.202	cabeças
da Costa da Mina	7.955	"
total	<u>38.157</u>	"

Portanto neste período de 1742 a 1777, que abrange trinta e seis anos, a importação, de acôrdo com os dados officiaes subsistentes, foi de 93.138 escravos, ou cerca de 2.600 por ano.

Isto no Recife.

Luiz dos Santos Vilhena, citado por Calogeras, refere que pela alfândega da Baía, em 1798, passaram vindos

de Angola	2.151	cabeças
da Costa da Mina	4.903	"
	<hr/>	
total	7.054	"

No *Inventario de Documentos*, de Castro e Almeida, precioso repositório de informações, existem as seguintes cifras, um pouco arredondadas, sôbre a importação de negros no período que vai de 1797 a 1806, especificadamente por ano:

de Angola	10.850	cabeças
da Costa da Mina	46.930	"
	<hr/>	
total	57.780	"

Nina Rodrigues coligiu no jornal *Idade de Ouro*, primeiro publicado na Baía, uma estatística da importação de escravos, baseada no movi-

mento do pôrto, pela qual teriam entrado na Baía, de 1812 a 1820:

da África Meridional, (Congo, Cabinda, Angola, Moçambique, Quillemani, Malambo)	20 841 escravos
<i>da África Setentrional</i> (Costa da Mina, Ajudá, Bissáo, Camerun)	17 691 escravos
	<hr/>
total	38 532 escravos

Convém notar que a partir de 1816 o comércio de escravos já não é mais lícito e começa a ser dificultado pelos Ingleses (40).

No Catálogo da Exposição de História do Brasil também se encontram dois mapas e uma relação de escravos vindos para o Brasil.

Sob o número 15.155 daquele catálogo, acha-se uma "Relação dos escravos vindos da Costa da Mina", no período de 1 de Janeiro de 1785 a 31 de Dezembro de 1790. Por esta relação entraram na Baía 12.233 em cinco anos, ou seja uma média anual de cerca de 2.500 escravos.

(40) *Os Africanos no Brasil*, pg. 40.

No quinquênio subsequente, outros documentos acusam uma entrada de 34.348 cabeças, com uma média anual de cêrca de 7.000 cabeças (41).

No mesmo catálogo, o documento n.º 15.160 dá os direitos alfandegários pagos por 35.710 escravos entrados no Rio de 1799 a 1802, na média de 12.000 por ano.

Ainda para o Rio, Mrs. Graham cita a estatística oficial da alfândega que dá em (42):

1821	21.199	peças
1822	25.934	"

Em todo o Brasil, segundo Debret (ao que parece firmado em estatísticas oficiais), entraram, no ano de 1828, 43.601 escravos, e nos seis primeiros meses de 1829, outros 23.310 (43).

Estes números parecem exatos, porquanto outros dados coligidos por Calogeras na obra de Walshy comprovam aqueles outros de Debret.

O Rio, no período de 1820 a 1828, segundo estatística aduaneira, oferecia uma média anual

(41) Calogeras, *A política exterior do Império*, I, pg. 326.

(42) *Voyage to Brazil*.

(43) Debret, *Voyage pittoresque et historique*, Paris, 1835, vol. 30, pg. 75.

de 20 a 30 mil escravos, tendo atingido o máximo de 44 000 em 1828. (44).

O Barão do Rio Branco, em sua *Historia do Brasil*, nos oferece os seguintes dados:

Antes do bill Aberdeen:		Depois do bill Aberdeen:	
	Negros		Negros
1840	30.410	1846	50.324
1841	16.000	1847	56.172
1842	17.345	1848	60.000
1843	19.095	1849	54.000
1844	22.849	1850	23.000
1845	19.453		

Como se vê, antes do bill Aberdeen, a importação é fraca, sendo que depois se acentua, alcança o máximo em 1848, para depois cair progressivamente em consequência da lei Eusébio de Queiroz:

	Negros importados
1851	3.287
1852	700
de 1853 a 1856	512

(45).

Eis os resultados numéricos existentes. O mais é cálculo dos historiadores.

(44) Op. cit., II, pg. 512.

(45) op. cit. pg. 124.

Dos que calculavam o número de negros importados, ressaltam pelo relêvo indiscutível da documentação, Pandiá Calogeras e o seu crítico, Mário de Vasconcelos.

Para o primeiro, a importação do elemento africano no Brasil atingiu um coeficiente anual de 54.500 peças, o que o leva a estimar em 5 a 6 milhões por século os negros entrados no Brasil.

Portanto, segundo Calogeras, teriam entrado no Brasil um total de cerca de 15 milhões de negros durante três séculos, ou seja a duração do tráfico !

O exagêro é evidente, sobretudo se atendermos à proliferação intensa de raça e os remanescentes, que não aderiram ao “melting-pot”.

Mário de Vasconcelos, em um livro verdadeiramente notável, prova a exageração daquele cálculo e, depois de uma crítica arguta, sugere meios vários tais como a avaliação que toma em conta o “decremento do elemento africano no país”, documentos subsistentes nos Arquivos do Itamarati, e sobretudo a proliferação do negro (46).

(46) Mário de Vasconcelos, *Motivos de história diplomática do Brasil*, Rio, 1930, pg. 62-72.

Levando em conta as estatísticas atrás referidas, podemos fazer uma avaliação, defeituosa como todos os cálculos, mas que se coloca entre as primeiras tentativas no sentido de determinar quantos escravos entraram no Brasil.

Apurando mapas e documentos, dados e informações oficiais e particulares, tentamos determinar em cada século um total ânuo, aproximado e bem razoável, porquanto crescente de acôrdo com a intensificação do tráfico e com os números dos documentos consultados. Êste total anual multiplicado pelo número de anos, dá o total da importação, e assim a um total anual de 8.000 escravos correspondem 800.000 no século XVII, e sucessivamente.

Número de escravos entrados no Brasil

(avaliação baseada em estatísticas aduaneiras subsistentes)

	Regiões	Entradas anuais	Total anual	Total da importação
Século XVI	Todo o Brasil	30.000
Século XVII	Brasil holandês	3.000	8.000	800.000
	Brasil português	5.000		
Século XVIII	Pará.	600	25.000	2.500.000
	Recife	5.000		
	Baía	8.000		
	Rio	12.000		
Século XIX (até 1830)	Rio	20.000	50.000	1.500.000
	Todo o Brasil		
Durante o tráfico				4.830.000

O leitor pode bem aferir a aproximação dos números enfeixados no quadro, pelas médias anuais de importação extraídas dos documentos citados.

Falta-nos documentação sôbre a importação pelo pôrto de São Luiz no Maranhão, bem como dos demais portos, a não ser referentes ao século XVIII.

Em todo caso, parece-nos muito mais consentâneo com os documentos aduaneiros remanescentes, variar a entrada anual média, conforme os séculos, do que supor, como fez Calogeras, um coeficiente só, anual, de 54.000 escravos.

Na verdade, é um exagêro palpável calcular em 15 milhões o número de escravos importados no Brasil, durante o tráfico. Calogeras, como notou o Sr. Mário de Vasconcelos, não teve bem em vista o coeficiente de proliferação da raça no Brasil.

Pelo quadro esboçado atrás, vê-se que pelas nossas Alfândegas passaram seguramente cêrca de 4.830.000, ou melhor, em número mais arredondado, perto de 5 milhões. E' um cálculo bem possível. E se admitirmos que o contrabando conseguiu introduzir no Brasil uns 2 milhões de negros, durante o período, teremos um total bem verossímel de 7.000.000 de pretos, entrados, em pouco mais de trezentos anos, graças ao comércio de tal "mercadoria".

E' um cálculo que aí fica, sujeito às críticas dos doutos e cujo objetivo é despertar interêsse pelo assunto, e ver se desta forma se publicam' documentos por acaso inéditos, que melhor esclareçam a matéria.

E parecem ainda confirmar êste algarismo de 7 milhões de negros, os cálculos aproximados da estatística nacional e os dados coligidos pelo sábio professor Roquette Pinto, segundo os quais, na constituição antropológica do povo brasileiro, os negros têm uma porcentagem de 10% sôbre um total de 44.000.000 de habitantes, ou seja um total de negros correspondente a 4.400.000 almas.

Mesmo atendendo ao decrescimento da população negra no Brasil, em consequência da arianização progressiva de nosso povo, esta porcentagem de pouco mais de 4.000.000 de pretos afasta os 15 ou 18 milhões de negros que teriam entrado aquí, segundo Calogeras.

A proliferação da raça daria uma porcentagem muito maior que a atual.

Eis por que reduzimos a 7 milhões o número global de africanos, entrados no Brasil, quer

passados pelas nossas Alfândegas, quer produtos do contrabando.

Aliás, convém referir que muito se aproxima do cálculo acima a avaliação de 6 milhões de escravos, importados em todo o período do tráfico, avaliação esta feita pelo operoso historiador Pedro Calmon (47).

(47) Pedro Calmon, "O Brasil e a Imigração negra", in *Jornal do Comércio*, de 31 de Dezembro de 1933.

CAPÍTULO IV

Povos negros importados

Insuficiência dos dados sobre o assunto — Valor das estatísticas aduaneiras — Denominações confusas dos negros no Brasil — Procedências variadíssimas dos negros brasileiros: sudaneses e bantu — Pernambuco, Baía e Rio: focos disseminadores do escravo preto — A distribuição do elemento negro — Povos e línguas predominantes

A lastimável incúria, em que estiveram os estudos sobre o negro no Brasil, demonstra-se pela inexistência de dados diretos como pela raridade de trabalhos modernos sobre o assunto. Para as primeiras lacunas, o suplemento natural seriam as estatísticas aduaneiras e a história do tráfico. O primeiro foi inutilizado graças à mentalidade original, encarnada no Ministério da Fazenda que, pela circular n. 29, de 13 de Maio de 1891, man-

dou queimar os documentos históricos ou arquivos da escravidão (48).

A história do tráfico é, portanto, ao lado de estatísticas avulsas, o guia mais seguro para discriminar as procedências variadíssimas dos negros brasileiros.

Por muito tempo foi crença geral que os negros brasileiros eram em quasi sua totalidade do sul da África, pertencentes assim ao grupo bantu (49).

Spix e Martius, primeiros em tratar do assunto, limitam o tráfico brasileiro ao sul da África, ilhas de Cacheu, Bissau e do golfo de Guiné. Para êles, *Congos*, *Cabindas* e *Angolas* da África Ocidental e *Macuas* e *Anjicos* da Contracosta formavam a massa da nossa população africana (50).

A autoridade de ambos divulgou esta conclusão que passou a ser repetida pelos autores mais escrupulosos.

Sílvio Romero, mau grado sua crítica penetrante, adotou-a plenamente e quando nos fala da

(48) Braz do Amaral, *As tribus negras importadas*, pg. 40, e N. Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pg. 39.

(49) Ver cap. I, *Etnografia africana*.

(50) N. Rodrigues, *Os Afric.*, pg. 32.

composição étnica do povo brasileiro, coloca, como elemento de sua base triforme, os "negros do grupo bantu (51)".

E' verdade que mais adiante abre uma brecha para alguma saída eventual e acrescenta sobre os negros: "Eram *quasi* todos do grupo bantu (52).

Com efeito, posteriormente, em 1906, Sílvio, num ato muito seu, retificava o que havia dito anos atrás. E enumera vários povos sudaneses, como Jalofos, Jorubas, Haussás e Fulas, ao lado "das gentes do grupo bantu". Vai até ao absurdo: "Os vários ramos de Boximanes e Hotentotes entraram também com o seu contingente". E ainda ajunta escravos do grupo núbio (sic), "os mais inteligentes que se conheceram no Brasil (53)".

João Ribeiro copia neste ponto Epix e Martius sem adicionar-lhe palavra, apesar de trasladar para sua obra um parágrafo de Varnhagem em que aparecem *bérberes, jalofos, felupos e mandingas* (54).

(51) S. Romero, *Hist. da Lit. Bras.*, I, pg. 66, 1888.

(52) Idem, pg. 30

(53) S. Romero e J. Ribeiro, *Comp. de his. da lit. bras.* pg. XLIX, 1909.

(54) *Hist. do Brasil*, 12.^a edição, 1929, pgs. 234-245.

Em sua abundante história, Rocha Pombo quasi silencia sôbre assunto tão importante (55).

Assim fica patente o descuido em que sempre permaneceu essa questão.

Todavia, podemos afirmar que a procedência dos negros brasileiros é da África superequatorial e meridional, ou melhor, sudanesa e bantu. Ambas as correntes tiveram elevado coeficiente numérico. Dos sudaneses vieram as nações mais importantes da Baía: Jalofos, Mandingas, Fulos, Haussás, Jorubas ou Nagôs, Achanti e Gêges ou Ewes.

Os negros da Guiné predominaram na Baía (56).

Negros bantu foram os Angolas, Congos ou Cabindas, Benguelas, Cassanges, Bángalas ou Inbángalas, Dembos, Macúas e Anjicos. Predominaram os bantu no sul do Brasil: Estado do Rio, Minas, São Paulo, bem como no norte: Pernambuco e Maranhão. Estas origens tão diversas e mal conhecidas refletem-se nas denominações con-

(55) *Hist. do Brasil*, tómo II, pgs. 515-517.

(56) Manoel Quirino, *A raça africana e seus costumes*, pg. 142.

fusas dos negros, que muitas vêzes permanecem uma incógnita sem solução. (Fig. 2).

Em todo caso, o trabalho isolado, de alguns escritores, dignos de confiança, interpreta um pouco êsse caos linguístico. Os Nagôs que vieram de Jorubá, Ilorin, Ijesa, Ybadan, Igê, Iebú, Egbá (donde às vêzes receberam estas denominações geográficas), são os Jorubas africanos (57).

Aparentados com os Nagôs, pois em suas línguas, de tão semelhantes que são, conseguem entender-se, temos os Tapas ou Nupês e Nifês dos etnógrafos (58).

Os Gêges são os Evés dos Franceses e Ewes dos Ingleses. Muitos Gêges se dizem *Efan*, vulgarmente chamados *caras queimadas*, e outros Mahis, pequeno povo do Dahomé. Os Fulbi ou Peul chamaram-se entre nós Fulas ou Filanins.

Os Guruncis receberam no Brasil uma denominação curiosa: Galinhas, proveniente talvez do rio das Galinhas, em cuja foz os portugueses em tempo tiveram um forte ou presídio (59).

(57) Artur Ramos, *Os horizontes mythicos do negro da Bahia*, pg. 6.

(58) Braz do Amaral, *op. cit.*, pg. 53.

(59) Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pg. 168.

Os Bornus, muçulmanos, chamavam-se Adamauás na Baía.

“Minas” foi um nome vago que se deu aos negros oriundos do forte S. Jorge da Mina, na África. Havia os Minas-Achanti, de língua achanti e os Minas-Popes, de língua Tchi. Eram os Agoins da África. “Fantees” era o nome dos Minas da Costa do Ouro (60).

Mas a lista é interminável e fornece material para uma monografia extensa.

O nosso trabalho deve consistir apenas em estudar a sua distribuição geográfica como os povos e respectivas línguas que prevaleceram nesta mixórdia étnica e linguística: a imigração negra.

Pernambuco foi certamente o primeiro ponto em que aportaram os escravos africanos (61).

A barateza do negro vindo por mar, em relação à carestia do índio, objeto de luxo, determinou a preferência de negociantes e fazendeiros do litoral em seu favor. Por outro lado, a sua maior capacidade de trabalho, na lavoura da cana, acabou de convencer todos sobre a excelência desta inovação.

(60) Braz do Amaral, *As tribus negras importadas*, pg. 54.

(61) Idem, pg. 40.

Como boa aquisição, que era na época, propagou-se rapidamente e a Baía tornou-se o maior mercado negro.

Pernambuco e Baía, nos dois primeiros séculos da história colonial, são os grandes centros de condensação africana (62).

O descobrimento e a exploração das minas vieram, porém, criar um novo polo, diverso do agrícola, para a economia brasileira. E a êste movimento econômico seguiu-se outro de migração, fazendo-se sentir a ausência de braços. E' ainda o negro quem vai fornecer o contingente necessário.

Então, o Rio transforma-se num grande centro de condensação africana, papel que exerce juntamente com a Baía durante dois séculos.

Depois, no século XIX, a lavoura do café desloca uma grande leva de escravos do Norte para S. Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio.

Convém não esquecer que com a fundação da Companhia de Comércio do Grão Pará, Belém e São Luiz constituíram-se entrepostos de escravatura (63).

(62) Oliveira Viana, *Evolução do Povo Brasileiro*, pg. 147.

(63) Rocha Pombo, *Historia do Brasil*, II, pg. 527.

Ainda hoje, no Maranhão, junto aos vales dos rios Itapecurú e Mearim há um forte núcleo de pretos que lembra bastante a África (64).

Mas estes centros de condensação disseminam também e formam outros tantos mercados distribuidores.

Pernambuco é o regulador da irradiação para o negro, durante muito tempo, até o Maranhão.

A Baía agiu sempre como um propulsor de escravos para os engenhos de seu interior.

Contudo ficou reservado ao Rio o papel de mais relêvo. No século XVIII, o Rio semelha um pôrto africano. O Valongo, mercado de escravos, tem um jeito de Loanda. E' a maior feira de escravos de todo o Brasil, que exporta para S. Paulo, Minas, Estado do Rio e Goiaz (65).

Assim se esboça a distribuição do negro no Brasil, que, no período colonial, se estende numa zona predominante por toda a faixa litorânea, de S. Vicente ao Maranhão, e "para o interior, em todos os centros de atividade agrícola ou minera-

(64) S. Fróis Abreu, *Na Terra das Palmeiras*, 1931, pg. 249.

(65) Rocha Pombo, *Historia do Brasil*, II, pg. 530.

dora, quer os do planalto meridional quer os do sertão do norte (66)".

Todavia nem todos os povos se conservaram uniformemente em zonas determinadas. Distribuídos heterogêneamente, causas várias contribuíram para a eliminação de uns e predomínio de outros povos: se o clima está eliminando o negro do planalto paulista (67), a repressão sangüinolenta de suas revoltas quasi extinguiu os Haussás.

Na população negra prevaleceram os Nagô's na Baía, talvez os Congos em Pernambuco e os Angolas no Sul, no Rio e em São Paulo.

Temos provas de que foram faladas no Brasil as seguintes línguas: Nagô ou ioruba, quimbundo, gêge ou ewe, kanuri, tapa ou nifê, e guruncis. Provas estas que constam de vocabulários dessas línguas, coligidos pessoalmente por Nina Rodrigues e outros.

Destas se salientaram duas que foram adotadas pelos negros no país, como línguas gerais: o

(66) O. Viana, *Evolução do Povo Brasileiro*, pg.150.

(67) Alfredo Ellis Junior, *Noções de Geografia Superior*, pg. 50.

nagô ou ioruba na Baía e o quimbundo no norte e no sul (68).

O quimbundo, pelo seu uso mais extenso e mais antigo, exerceu no português uma influência maior do que o nagô, razão por que passamos a analisar-lhe a estrutura no capítulo seguinte.

Com efeito, no vocabulário os termos quimbundos superam e de muito os termos nagôs, de circulação bem mais restrita.

(68) Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pg. 196.

CAPÍTULO V

Fonética e morfologia do quimbundo

Caracteres gerais das línguas africanas — Fonética: vogais do quimbundo e suas alterações na passagem para o português — Consonâncias simples e nasaladas — Os grupos consonânticos e suas transformações na passagem para o português — Morfologia: prefixos nominais: classe e número — Prefixos pronominais: concordância — As dez classes do quimbundo.

A família negro-africana, na sua gramática comparada, apresenta certos traços comuns que lhe são peculiares. Línguas sudanesas e bantu coincidem nas características gerais. Daí parte a suposição da existência anterior de um africano comum, em era não muito remota, e nessa reconstituição da língua comum reside o maior incentivo dos que se dedicam à linguística africana.

William Bleek, autor da clássica *Comparative Grammar of the South-African Languages*, iniciou sèriamente tais estudos em relação ao *bantu*, nome que deu às línguas austrais com geral aceitação, em 1856.

Bleek encontrou sucessor condigno no grande linguista alemão Carl Meinhof, cujos trabalhos são fundamentais em linguística africana, merecendo especial relêvo a *Introduction to the phonology of the bantu languages*, que é um resumo de sua obra.

Classes nominais: — O traço mais original que apresentam as línguas africanas, marcadamente as bantu, está na divisão do vocabulário em um número determinado de *classes*, que se distinguem entre si por *afixos* próprios a cada una.

A classe forma uma espécie de sistematização das palavras por grupos, que lembram até certo ponto as declinações das línguas clássicas.

Todavia o critério é diferente e na constituição da classe observam-se não só prefixo (elemento material) mas também o sentido da palavra (elemento espiritual). Dêste modo há uma classe constituída pelos seres humanos, outra pelos nomes de plantas, uma terceira pelos nomes abs-

tratos, uma quarta pelos nomes de líquidos, e sucessivamente (69).

O afixo classificador é um *prefixo* no Sudão e na Guiné, bem como no domínio bantu. Ou é um *sufixo*, coisa muito mais rara, nas línguas do grupo guineo-senegalês como o *peul* ou *fulbi*. E aparecem ambos *prefixos* e *sufixos* juntos ao mesmo radical em certas línguas do grupo voltáico (70).

O afixo classificador de cada termo tem uma importância tão grande que se repete no correr da frase em todas as palavras que com êle se relacionam.

Vejam os exemplos de Bleek que cita Jespersen em seu monumental livro *Language*.

Na frase “nosso formoso homem aparece, nós o amamos”, a palavra “homem” traduz-se em cafre por *umuntu* e cada vocábulo a ela ligado deve, de acordo com regras fixas, ter um prefixo que lembre o começo de *umuntu*; *mu* ou *u*, ou *w* ou *m*:

umuntu wetu omuchle uyabonakala simtanda
homem nosso bonito aparece amamos

(69) Delafosse, in *Les langues du monde*, pg. 468.

(70) Idem, pg. 469.

A mesma frase no plural muda de prefixo: “homens” = *abantu*:

abantu betu abachle bayabonakala sibatanda
homens nossos bonitos aparecem amamos (71).

A classe no domínio africano é, portanto, a representante da noção do gênero das línguas indo-européias e a sua existência domina as línguas bantu (72).

Todavia, como nota um especialista, as línguas negro-africanas tiveram e ainda têm uma tendência para abandonar as classes nominais (73). Aliás esta tendência é semelhante à manifestada pelas línguas indo-européias na redução das flexões casuais o que nos é tão conhecido no latim popular (74).

Distinção acessória entre “nome” e “verbo”.
— Uma vez desaparecido o afixo ou incorporado ao radical, só a posição da palavra na frase, e nada mais, permite distinguir o nome do verbo. É verdade que em alguns casos o verbo tem um afixo que lhe designa a conjugação e o substantivo

(71) Jespersen, *Language*, pg. 353.

(72) Vendryes, *Le langage*, pg. 113.

(73) Delafosse, *Les langues du monde*, pg. 468.

(74) Grandgent, *Introduction al latin vulgar*, pgs. 73-88.

derivado se denuncia como tal através de seu prefixo de derivação.

Fora disto, em línguas como o *mandinga*, em que as classes nominais desapareceram completamente, a posição passa a ser função.

Aspectos verbais. — *Aspecto*, assim se chama a categoria da duração (75).

Pondo de lado o infinito e os participios o verbo tem três aspectos fundamentais que originam os restantes ou com pronomes especiais ou com a ajuda dos auxiliares (76).

O primeiro, indica que a ação não está acabada ou está por adquirir, representa, portanto, o presente e o futuro da nossa gramática. Chamam-no “aoristo” os linguistas. O “perfeito” é o segundo aspecto verbal e denota a realização completa da ação ou o seu estado adquirido. Finalmente, o “injuntivo” exprime que a ação se realizou ou se realiza ou no passado, ou no presente ou no futuro, como resultado de outra ação. O injuntivo traduz os nossos subjuntivos, imperativo e optativo.

(75) Vendryes, op. cit., pg. 117.

(76) Delafosse, *Les langues du monde*, pg. 471.

Sintaxe de posição. — Já vimos que, com o desaparecimento das classes nominais, a posição da palavra na frase lhe determina a função. Independente desta, todas as línguas negro-africanas conhecem uma sintaxe de posição.

Vocabulário. — Impressiona a identidade subsistente na composição do vocabulário negro-africano o qual, nas línguas mais distantes entre si, nos grupos mais afastados com poucas exceções apresenta os principais elementos formativos de outro grupo qualquer.

Tons musicais. — Menos geral sem dúvida, a tonalidade musical é ausente em algumas línguas, presente em outras e coexistente mesmo em certas línguas.

Nas línguas que os possuem, o tom baixo expressa afirmação, aumentativo, plural e o ouvinte; o tom alto, negação, diminutivo, pejorativo, singular e o falante.

Estudadas assim muito imperfeita e vagamente as características das línguas negro-africanas, passemos a precisar alguns fenômenos importantes no estudo do quimbundo.

Fonética. — O quimbundo tem as vogais *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, ao lado das semivogais *y* e *w*.

Não há vogais, como em português, que são mudas no fim da palavra.

As semivogais *y* e *w* aparecem sempre antes de vogal como no português *payol*, *agwa*.

Em quimbundo não existem ditongos e as combinações vocálicas *au*, *ai*, *eu*, *oi*, *ou* são dissilábicas e como tais devem ser emitidas.

Dão-se, porém, na emissão rápida contrações vocálicas que se aproximam de ditongos.

As principais são as seguintes:

$$a + a = a$$

$$a + e = e \text{ ou } ae$$

$$a + i = e \text{ ou } ai$$

$$a + o = o \text{ ou } a$$

$$a + u = o, \text{ au ou } a$$

Estas crases e assimilações facilitam-nos a explicação da sorte das vogais átonas quimbundas na passagem para o português. O acento tônico cai geralmente na penúltima sílaba: *ambáta*.

As combinações vocálicas *au*, *ai*, *eu*, *oi* e *ou* quando finais têm o acento tônico na primeira voz: *sái*, *rikáu*, mas se seguidas de consoantes, têm o acento na segunda: *kubaúka*.

As tônicas, em geral, conservam-se na passagem para o português:

sanzála ➡→ *senzala* (e também *sanzala*)

mbangue ➡→ *banguê*

njimbu ➡→ *jimbo*

macóta ➡→ *macota*

macutu ➡→ *macuto*

As átonas sofrem alterações:

a) síncope de pretônica:

caricúnda ➡→ *carcunda*

b) assimilação:

caķimbu ➡→ *cacumbú*

nzangu ➡→ *zungú*

cazuli ➡→ *caçula*

c) dissimilação muito mais comum:

ķijila ➡→ *quezila*

ķitútu ➡→ *quitute*

mbirimbau ➡→ *marimbau*

d) *u* final passa a *o* surdo em português, *u* medial gera *i* algumas vêzes:

nguzu ➡→ *guzo*

macutu ➡→ *macuto*

lubambu ➡→ *libambo*

munhoca ➡→ *minhoca*

f) nota-se um *z* eufônico em algumas palavras africanas:

angú + *z* + *ó* \Rightarrow *anguzó*

Esta palavra tem sido considerada nagô pelo sufixo *ó* comum no ioruba, jalofo (77).

Convém notar que certas tônicas do quimbundo se trocam em fonemas homorgânicos ou mesmo muito diferentes:

búmba \Rightarrow *bombo* (cp. *zabumba*)

calúmba \Rightarrow *calombo*

nzangu \Rightarrow *zungú*

As palavras do quimbundo, assim como as das línguas bantu, terminam sempre por vogal.

Consoantes. — As consonâncias são em maioria absoluta simples: *b, f, j, p, h, k, l, m, n, ñ, r, s, t, v, x, z.*

As nasaladas formam mais pròpriamente grupos consonânticos e resultam da aposição *nasal* + *consoante*.

As consonâncias simples, segundo o ponto de articulação na bôca ou a maneira por que se proferem, podem ser classificadas de acôrdo com o seguinte quadro fonético:

(77) Macedo Soares, *Dic. Brasileiro*, 1889, pgs. 39 e 45.

	Velares	Palatais	Dentais	Labiais	
				Lábio-dentais	Bilabiais
Oclusivas	<i>quê</i> <i>guê</i>		<i>tê</i> <i>dê</i>		<i>pê</i> <i>bê</i>
Construtivas	Fricativas		<i>sê</i> <i>zê</i> <i>chê</i> <i>jê</i>	<i>fê</i> <i>vê</i>	
	Vibrantes		<i>lê</i> <i>rê</i> (fraco)		
	Nasais		<i>nhê</i> <i>ñê</i>		<i>mê</i>

Portanto, o fonema *g* é sempre duro: *tange-la* = pron. *tanguela*.

O *s* nunca se sonoriza e adquire valor de *z*: *husanesa* = pron. *hussanessa*.

O *r* é sempre brando e nunca forte ou desacompanhado de *i*: *caricunda*.

O *h* nas palavras em que aparece é sempre aspirado: *h'ógi*, *h'áchi*, *h'uéri*.

A respeito das consonâncias nasais convém frisar que jamais nasalizam a vogal antecedente e sim a consonância seguinte: *ambáta* = pron. *a-mba-ta*, *ambula* = pron. *a-mbu-la*.

A nasal palatal *n* deve ser lida como o nosso *nh*: *meña* + pron. *menha*.

As consoantes nasaladas que formam os grupos consonânticos do quimbundo provêm da labial *m* + as labiais *b*, *p*, *v* e *f* ou *mb*, *mp*, e *mf*; e da dental *n* + as dentais *d*, *j*, *z* e a velar *g* ou *nd*, *nj*, *nz* e *ng*.

Estas consoantes nasaladas ou grupos consonânticos podem ser iniciais em quimbundo e, como naturalmente não existem em português, sofreram alterações nos vocábulos africanos que para êle passaram.

Analisemos algumas dessas alterações:

a) *mb* — aparecem formas divergentes nas palavras que começam por êsse grupo consonântico. Êste grupo oferece três tratamentos diversos:

I. Uma vogal prostética fá-lo conservar-se:

mbundu ➡ *ambudo*

II. Perde a nasal inicial:

mbirimbau ➡ *birimbau*

mbundu ➡ *bundo*

mbangala ➡ *bengala*

mbunda ➡ (nádegas) *bunda*

III. Perde a bilabial e conserva a nasal:

mbirimbau ➡ *marimbau*

Em tupí êste grupo na passagem para o português sofre o mesmo tratamento, desfaz-se ou em *m* ou em *b*, ocasionando às vêzes variantes de um mesmo vocábulo:

mbaêcu ➡ ➔ *baiacú e maiacú*
mbeiú ➡ ➔ *bejú e meju*
mbaêtac-a ➡ ➔ *maitaca. ou baitaca (78)*

b) . O grupo *mg* inicial aparece raramente:

mganga ➡ ➔ *ganga (e mganga)*

c) *ng* — Sofre três tratamentos :

I. Conserva-se íntegro graças a uma vogal prospética :

Ngola ➡ ➔ *Angola*
nganna ➡ ➔ *angana*

II. Perde a nasal inicial:

nguzu ➡ ➔ *guzo*
ngonga ➡ ➔ *gonga*

III. Conserva-se, embora raramente, íntegro e inicial:

ngunga ➡ ➔ *ngunga (e gunga)*
ngombe ➡ ➔ *in mariangombe*

(78) Teodoro Sampaio, *O tupí na geografia nacional*, 3.^a edição, pg. 18.

d) *ng* — perde a nasal inicial:

nzangu ➡ ➡ *zungú*

nzámbi ➡ ➡ *zámbi*

nzumbi ➡ ➡ *zumbi*

e) *nj* — perde a nasal inicial:

njimbu ➡ ➡ *jimbo*

f) *nd* — oferece dois tratamentos:

I. Conserva-se íntegro e inicial:

ndenge ➡ ➡ *ndengue* (cp. *xendengue*)

ndongo ➡ ➡ *ndongo* (cp. *camondongo*)

II. Perde a nasal:

ndenge ➡ ➡ *dengue* (cp. *dengoso*)

Em tupí, o grupo *nd* simplifica-se às vêzes dando *n*:

cumã-nda ➡ ➡ *cumaná*, o feijão

cara-nday ➡ ➡ *caranay* (79)

g) *Acutização* — Muitas vêzes os vocábulos quimbundos se tornam oxítonos na passagem para o português:

nzangu ➡ ➡ *zungú*

nzumbi ➡ ➡ *zumbí*

Morfologia. — Quando tratámos das características das línguas, já nos referimos aos afixos

(79) Q. do Vale, *Da influência tupí no português*, 1926, pag. 31.

classificadores. Limitando-nos ao quimbundo, sabemos que êste só tem prefixos.

Era referindo-se aos prefixos que Canecatim, na sua velha *Gramática da língua Bunda*, falava de quatro “declinações” das palavras “abundas”, que se distinguíam “não pela terminação mas pelas letras iniciaes” (80).

Hoje conhecemos no quimbundo duas espécies de prefixos *nominais* e *concordantes*, ambas possuem dez prefixos.

Os prefixos nominais indicam a classe a que pertence a palavra:

1. ^a	classe	— Seres animados	..	<i>mu</i>	<i>a</i>
2. ^a	”	— Seres inanimados	..	<i>mu</i>	<i>mi</i>
3. ^a	”	— Instrumentos	<i>ki</i>	<i>ma</i>
4. ^a	”	— Objetos de grandeza		<i>ri</i>	<i>i</i>
5. ^a	”	— Têrmos obstratos	<i>u</i>	<i>mau</i>
6. ^a	”	— Objetos de extensão		<i>lu</i>	<i>malu .ji</i>
7. ^a	”	— Têrmos abstratos	..	<i>tu</i>	<i>matu</i>
8. ^a	”	— Têrmos verbais	<i>ku</i>	<i>ma^hku</i>
9. ^a	”	— Animais	—	<i>ji</i>
10. ^a	”	— Diminutivos	<i>ka</i>	<i>tu</i>

(80). *Observações gramaticais sobre a língua bunda ou angolense*, Lisboa, 1859, 2.^a edição, pg. 6.

Os prefixos nominais indicam portanto a classe e o número dos substantivos.

Os prefixos concordantes, segundo define o nome, estabelecem a concordância entre substantivos e atributos.

Os prefixos concordantes derivam dos prefixos nominais e a cada um destes corresponde outro prefixo concordante conforme vemos na tabela seguinte:

	PREFIXOS NOMINAIS		PREFIXOS CONCORDANTES	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1. ^a classe . . .	<i>mu</i>	<i>a</i>	<i>u</i>	<i>a</i>
2. ^a „ . . .	<i>mu</i>	<i>mi</i>	<i>u</i>	<i>i</i>
3. ^a „ . . .	<i>ki</i>	<i>i</i>	<i>ki</i>	<i>i</i>
4. ^a „ . . .	<i>ri</i>	<i>ma</i>	<i>ri</i>	<i>ma</i>
5. ^a „ . . .	<i>u</i>	<i>mau</i>	<i>u</i>	<i>ma</i>
6. ^a „ . . .	<i>lu</i>	<i>malu</i>	<i>lu</i>	<i>ma</i>
7. ^a „ . . .	<i>tu</i>	<i>matu</i>	<i>tu</i>	<i>ma</i>
8. ^a „ . . .	<i>ku</i>	<i>maku</i>	<i>ku</i>	<i>ma</i>
9. ^a „ . . .	—	<i>ji</i>	<i>i</i>	<i>ji</i>
10. ^a „ . . .	<i>ka</i>	<i>tu</i>	<i>ka</i>	<i>tu</i>

Apanha-se a relação entre ambos com alguns exemplos:

1. ^a classe)	<i>mubika uetu</i>	<i>abik' ami</i>
	nosso escravo	nossos escravos
2. ^a classe)	<i>mukolo uami</i>	<i>mikolo iami</i>
	corda minha	cordas minhas

em que os primeiros prefixos grifados são nominais e os segundos, concordantes.

Quasi sempre os prefixos nominais acompanham as palavras quimbundas na passagem para o português.

CAPÍTULO VI

Influência africana no português

O dialeto brasileiro e seus subdialetos — Fatores de diferenciação — Indistinção entre o fator indígena e o africano — O mina: dialeto crioulo de existência efêmera — O negro e a fonética brasileira — Vestígios africanos na morfologia e na sintaxe — A contribuição negra para o folclore e o léxico brasileiros.

Uma língua que se desenvolve em dois territórios separados, frequentemente se desdobra. Penetrando nas Ilhas Britânicas, o germânico bifurcou sua evolução, que continuou no continente gerando os dialetos alemães enquanto lá originava o anglo-saxão, língua matriz do inglês (81).

Fenômeno idêntico reproduziu-se com o português transplantado para o Brasil e o falado em Portugal. A diferenciação entre ambos já se fa-

(81) Ferdinand de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, pg. 285.

zia notável no século passado, data de alguns estudos de valor a respeito.

Em nossos dias um ilustre fonetista, depois, de analisar várias particularidades fonéticas do Brasil, concluía dando-lhe como característico o alongamento das vogais pretônicas que transmite à elocução um “caráter preguiçoso e lento” (82).

Semelhante dição contrasta com a pronúncia portuguesa que possui mínima “complexidade” das sílabas, gerada pelo enfraquecimento das vogais e o acúmulo das articulações, além de enunciação e delimitação menos clara (83).

Muitos autores, de lá e de cá, se têm empenhado em demonstrar, num excurso patriótico, qual a mais correta e acorde com o gênio da língua, no que se valem não só do português histórico como da opinião de autores estrangeiros.

A nós desinteressa inteiramente tal contenda porquanto a filologia deve ser um campo de observação, coisa bem diversa de pábulo a discussões mesquinhas.

Limitamo-nos a registrar um fato de há mui-

(82) G. Viana, *Exposição da pronúncia normal portuguesa*, n. 68.

(83) *Idem*, *ibidem*.

to verificado por notável filólogo: o português do Brasil constitue um dialeto (84).

Prosseguindo em sua evolução, o dialeto brasileiro diferenciou-se em subdialetos.

Já em 1916, Virgílio de Lemos observava que “a dialetologia ainda não se constituiu entre nós numa disciplina autônoma, com objeto, programa e método próprios (85)”.

E é bem doloroso dizer que em 1935 se pode repetir o mesmo! Os nossos filólogos preferem, em maioria, tratar de assuntos lusitanos a encarar os aspectos ricos da dialetologia brasileira.

Antes de um trabalho monográfico, achamos prematura a discriminação dos vários subdialetos. Urge portanto seguir novos trilhos e organizar planos de pesquisas dialetológicas por todo o país.

Baseado em glossários de localismos, Rodolfo Garcia distinguiu as seguintes zonas dialetológicas:

- I. Norte: Amazonas, Pará, Maranhão;
- II. Norte-oriental: Piauí, Ceará, Rio Gran-

(84) L. de Vasconcelos, *Esquisse*, pg. 159.

(85) *A língua portuguesa no Brasil*.

- de do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas;
- III. Central-marítimo: Sergipe, Baía, Espírito-Santo, Rio de Janeiro;
- IV. Meridional: S. Paulo, Paraná, Santa-Catarina, Rio Grande do Sul;
- V. Alti-plana-central: Minas Gerais, Mato-Grosso.

Acrescenta logo que essas divisões correspondem mal à realidade e complexidade dos fatos (86).

Lembra a quasi exclusividade do índio como elemento de mestiçagem na primeira zona. Para a segunda, observa a predominância do negro sobre o índio, que vai desaparecer completamente diante do negro na terceira zona. E' exatamente esta a zona de influência africana (87).

Antenor Nascentes, em monografia de valor, reconheceu, sob reservas, quatro subdialetos: o *nortista* (Amazonas, Pará e litoral dos Estados desde o Maranhão até a Baía), o *fluminense* (E. Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona de mata, Distrito Federal), o *sertanejo* (M. Grosso,

(86) R. Garcia, *Dicionário de Brasileirismos*, pg. 651.

(87) Roquette Pinto, *Seixos Rolados*, Rio, 1927, pg. 54.

Goiaz, norte de Minas e sertão do nordeste) e o *sulista* (S. Paulo, Paraná, S. Catarina, R. Grande do Sul e triângulo mineiro (88).

O mesmo autor esboçou estas divisões num mapa dialetológico do Brasil que publicou em sua notável gramática histórica (89).

Examinando-o, vemos como são vagas e imprecisas estas regiões extensíssimas e também a escassez de dados.

É certo que o Pará e Amazonas formam um subdialeto em que grandemente influíu o indígena. São Paulo possui ainda o dialeto caipira tão cuidadosamente estudado por Amadeu Amaral. O Rio Grande do Sul oferece outro subdialeto em cuja formação a fronteira desempenha papel capital.

Pernambuco e Alagoas formam um subdialeto bem diferenciado, com características suas, conforme se pode ver no muito valioso estudo de Mario Marroquim, *A língua do nordeste*.

Pensamos mesmo que Minas, sertão da Baía, Goiaz e Mato Grosso constituam o subdialeto central ou sertanejo sensivelmente favorecido pe-

(88) A. Nascentes, *O linguajar carioca*, 1922, pgs., 20-21.

(89) A. Nascentes, *O Idioma Nacional*, IV, 1933, pg. 244.

las comunicações do rio São Francisco e pelas regiões auríferas e diamantíferas.

Generalizadas demais são, porém, as áreas dos subdialetos fluminense e sulista. Afirmamos até que não existem com as extensões que o eminente filólogo lhes destina.

E os fatos impõem esta conclusão: se há núcleos suficientemente conhecidos, no dialeto brasileiro existem vastíssimas zonas por estudar.

E isto pode ser o programa de uma geração.

Como quer que seja, na gênese de sua constituição, o dialeto brasileiro, além da separação do português de Portugal, teve na América outros fatores diferenciais.

A sua enorme superfície não é elemento desprezível em linguística geográfica.

Alterações assim se processaram em sua continuidade geográfica que não se devem atribuir à separação do português transatlântico.

Paralelas a estas, outras há que só intervieram com a transplantação da língua. Referimo-nos à contribuição dos elementos indígenas e africanos. O indígena nunca penetrou em Portugal. O africano chegou a ser conhecido em Portugal

onde foi corrente no teatro cujos personagens cômicos falavam língua de negro.

Gil Vicente, na comédia *Nau de Amores*, dá a palavra a um legítimo negro de Benin, que fala em seu português xacôco para gáudio dos ouvintes (90).

Houve mesmo uma literatura curiosa em que apareciam sonetos, sermões, almanaques e calendários em *língua de preto*.

Leite de Vasconcelos, a respeito, fez um valioso estudo na *Revue Hispanique*, sobre a língua de preto num texto de Henrique da Mota.

Convém notar um fenômeno fonético, a substituição do *lh* por *y* que aparece frequentemente nestas imitações:

“*doso galiya huo capam*
a mim trazê turo junto
ho coeyo co treze pombio...” (91)

Todavia estes textos mostram apenas as alterações do português falado pelo negro, como curiosidade.

(90) Ver o interessante estudo de W. Giese sobre a “Fala dos negros nas obras de Gil Vicente”, publicado na *Revista Lusitana*, vol. 30, 1932, pgs. 251-257.

(91) L. de Vasconcelos, *Esquisse*, pg. 50.

Dialetos crioulos, isto é, associação do vocabulário português com a gramática africana, nunca se constituíram em Portugal.

E' sòmente na África que se formaram os dialetos crioulos guineense e caboverdiano, os falares das costas da África, além dos dialetos crioulos do golfo Guiné: das ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom.

Estes dialetos negro-portugueses constituem um elemento de comparação indispensável para discriminarmos o papel do negro na fonética brasileira.

Justamente aparece aquí um ponto que nunca foi bem ventilado: a distinção entre o elemento indígena e o africano na formação do dialeto brasileiro.

É lastimável mesmo que fenômenos caracteristicamente negros da nossa fonética sejam aproximados do tupí com menoscabo da verdade histórica.

Exemplificando: a inexistência do *l* em tupí foi suficiente para que a êle se imputasse a transformação do fonema línguo-palatal *lh* na semi-vogal *y*: *mulher* ➡→ *muyé*.

Isto resulta da proeminência indevida que se conferiu ao índio com prejuízo do negro na formação da nacionalidade brasileira. Há mesmo aí muita coisa influenciada pelo indianismo de Gonçalves Dias, Alencar...

O negro que sua no eito e, esfalfado, trabalha sob o chicote, não oferece a mesma poesia do índio aventureiro que erra pelas florestas...

Se um alicerça obscuramente a economia nacional com a lavoura da cana de açúcar e do café, e a mineração do ouro, o outro sugere motivos sentimentais para o passatempo dos elegantes do Império...

Mas, passando ao terreno da filologia, é certo que até o fim do século XVII se falava a *língua geral* em São Paulo e Rio Grande do Sul.

O começo do século XVIII ainda viu uma proporção, entre duas línguas da colônia, de três para um do tupí para o português (92).

Os bandeirantes, exploradores da vastidão do Brasil, foram outros propagandistas insuperáveis do tupí porque lhe marcaram um lugar invejável na toponímia brasileira. Seria estulto, portanto, menosprezar uma influência secular. A

(92) Teodoro Sampaio, *O tupí na geografia nacional*, 3.^a edição, pg. 3.

tendência, porém, a exagerar tal influência em detrimentos de outras, não se compreende.

O tupí, como filho dileto, teve muito quem lhe cuidasse, entre nós; desde o Império que há indianólogos do vulto de Batista Caetano e Couto de Magalhães, e os africanismos encontraram só em Macedo Soares um precursor notável (93).

Explica-se pela substituição gradual do negro ao índio que se acentua do século XVII em diante, a ponto de no século XIX o índio haver desaparecido praticamente no cenário do país.

É então que atua indelévelmente o fator africano.

Na intimidade da família, na vida do campo bem como na cidade, o negro é uma figura infalível. Esta transformação étnica reflete-se na esfera linguística, e a língua acompanha a raça na sua evolução.

Língua e raça formam dois elementos que têm evolução paralela a ponto de serem muitas vezes confundidos (94). Como o negro fundiu

(93) A primeira edição do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, data de 1888, e foi publicada no volume XIII, dos Anais da Biblioteca Nacional, e só a separata é de 1889.

(94) Ver o interessante estudo de Pittard, *Les Races e l'Histoire*, pg. 55.

com o português e do consórcio resultou o mestiço, pareceria lógico que êste mestiço falasse um dialeto crioulo.

Os fatos são diferentes.

No Brasil, deve ter havido dialetos crioulos em diversos lugares da colônia. Tiveram, porém, existência muito instável e cedo desapareceram.

O *mina* foi uma língua de preto falada na Baía, até não há muito tempo, pelos africanos e seus descendentes. Sua existência efêmera já cessou (95).

Em certas cerimônias do culto gêge-yorubano, com certeza se falou obrigatoriamente o nagô até recentemente. Todavia, já nas “macumbas”, não se fala mais africano, ao que nos conste, havendo não obstante muitas palavras daquela origem no ritual.

Em relação ao Brasil, acha-se assim resolvida a dúvida de Maurice Delafosse que, dissertando sobre os falares negro-africanos, pensa com reservas ainda existirem no Brasil, Antilhas, Guianas e outras regiões da América (96). É insustentável

(95) Franco de Sá, *A língua portuguesa*, Maranhão, 1915, pg. 289.

(96) A. Meillet et Cohen, *Les langues du monde*, 1925, pg. 560.

a opinião de Solidônio Leite que buscou para explicar alterações negras do português o contato de negociantes que permaneciam em Angola e Moçambique e depois voltavam para o Brasil.

O negro influenciou sensivelmente a nossa linguagem popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose.

Ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos do interior, principalmente.

Analisemos rapidamente essas alterações fonéticas de origem africana:

Vocalização

O fonema línguo-palatal *lh* muda-se na semivogal *y*:

*Dizem que a muyé é farsa
Tão farsa como papé,
Mas quem matou Jesus-Cristo
Foi home, não foi muyé."*

(quadra popular do sul de Goiás)

Idêntico fenômeno se passa nos dialetos crioulos:

caboverdeano — *lh* ➡ *y*: melhor = meyor

guineense — *lh* ➡ *y*: filha = *fiya*

da ilha de S. Tomé — *lh* transforma-se na semi-vogal *y*: folha ➡ *foya*

da ilha do Príncipe — *lh* é sincopado: orelha → *uriá* (97).

Convém notar que ainda no campo da filologia romântica, o mesmo fenômeno se reproduziu ou tende a produzir-se no:

romeno — a antiga consoante *l* molhado reduziu-se no Norte a *y* semivogal: *foais* ➡ *folia*, *fiu* ← *filiu*, *muire* ➡ *muliere*;

francês — o *l* molhado reduziu-se a *y* no interior ou no fim das palavras pelo desaparecimento do som lateral: *fille*, *bataillon*, *travail* → *fye*, *batayon*, *travay*. Segundo Bourciez, é esta a transformação mais notável que se deu no francês moderno (98).

espanhol — o *l* molhado está desaparecendo: reduziu-se a *y* no Sul da Espanha e excepcio-

(97) L. de Vasconcelos, *Esquisse*, pg. 184-192.

(98) Bourciez, *Éléments de Linguistique Romaine*, 1923, pg. 613.

nalmente no Norte; o povo de Madrid pronuncia *caye* (calle);
italiano — o *l* molhado reduziu-se a *y* primeiro no Norte, e tende a desaparecer até na língua de Roma.

Assimilação

O fonema *j* passa para o sibilante *z*:

Jesús \Rightarrow *Zezús*

José \Rightarrow *Zozé*

Antes de *e* e *i*, o *g* transforma-se esporadicamente em *z* no dialeto carioca, o que pode ser um vestígio do africano:

genebra \Rightarrow *zinebra*

registro \Rightarrow *rezisto* (99)

Dissimilação

Ocorre nos grupos consonânticos de elocução difícil:

negro \Rightarrow *nego*

alegre \Rightarrow *alegue*

(99) A. Nascentes, *O linguajar carioca*, pg. 32.

Aférese

Ao negro se atribuem aféreses violentas:

<i>tá</i>	=	estar
<i>ocê</i>	=	você
<i>cabá</i>	=	acabar
<i>Bastião</i>	=	Sebastião

Apócope

Aparece em *l* e *r* finais:

general	→	<i>generá</i>
cafezal	→	<i>cafezá</i>
mel	→	<i>mé</i>
esquecer	→	<i>esquecê</i>
Artur	→	<i>Artú</i> (100)

A queda do *r* final aparece também nos dialetos crioulos da África:

caboverdiano — onde às vezes cai: chegar → *chegá*
da ilha de S. Tomé — onde às vezes cai: *cuié* em

vez de colher, ou se troca em *l* arc *irmon* →
limó, ou recebe *i* de apóio: flor → *flori*

da ilha do Príncipe — cai: vender → *vendê*
da ilha de Ano-Bom — ou cai: matar → *matá*,

(100) Franco de Sá, *A língua portuguesa*, pg. 288.

ou recebe um *e* de apóio: mulher ➡ *miere*,
ou alterna com *i*: Senhor ➡ *Chiol* (101).

O *r* final desaparece no infinito dos verbos franceses desde o século XVI: *aime* (*r*), *porte* (*r*).

Mesmo na linguagem culta do Brasil, o *r* final soa levemente.

Metátese

Em português os negros fazem uma transposição do *e* prostético da sílaba *es* para *se*: *escuta* ➡ *secuta*, *escola* ➡ *secula*.

É comum entre eles a frase “Secuta aquí!” correspondente a “Escuta aquí”.

Fenômeno análogo sucede também às palavras portuguesas, iniciadas por *es*, que passaram para o cafre:

escova ➡ *sikova*
escola ➡ *sicora*
escaler ➡ *sikarera*
espada ➡ *supada*
espoleta ➡ *supoleta* (102)

(101) L. de Vasconcelos, *Esquisse*, pg. 184-192.

(102) V. J. Courtois, *Elementos de Gramatica Tetense*, Coimbra, 1900, pg. 19.

Rotacismo

A inexistência do *r* nas línguas bantu originou a substituição do *f* forte português pela língua-dental *l* ou o seu abrandamento em *r* fraco:

rapaz ➤→ *lapassi*

carro ➤→ *calo*

Este fato ficou restrito aos negros que ainda continuam a pronunciar assim em Angola: era ➤→ *ela*, claro ➤→ *calalo*, fora ➤→ *folo* (103).

Suarabacti

Atribuímos também à pronúncia dos negros certos casos de suarabacti:

Cláudio ➤→ *Culáudio*

Clemente ➤→ *Quelemente*

flor ➤→ *fuló*

Justifica esta nossa hipótese o tratamento semelhante que sofrem os grupos consonânticos entre os angolenses que falam o quimbundo:

Rodolfo ➤→ *Rodolofu*

Cristovão ➤→ *Kirisobo*

Cristina ➤→ *Kirixina*

Homburger observa que em bantu: “Les

(103) L. de Vasconcelos, *Esquisse*, pg. 192

mots étrangers à groupes de consonnes sont modifiés profondément; ex.:

Kiristi → Cristo
silivera → (anglais) silver” (104).

Redução

Os ditongos *ci* e *ou*, por influência africana, reduziram-se na língua popular do Brasil:

ci → *ê* — cheiro → *chêro*
peixe → *pêxe*
beijo → *bêjo*

Este tratamento aparece até na linguagem literária. Raimundo Correia fez a rima *beijo, desejo* no soneto *Madrigal*:

“Te hão de roubar meus sôfregos desejos.
Mas o vento o chapéu lhe arroja aos ares:
A ave, liberta assim, voa... e com ela
Lá se foram também todos os beijos...”

Em Pernambuco e Alagoas, mesmo a gente

(104) In *Les langues du monde*, pg. 563.

letrada só pronuncia *quêjo, mantêga, fêjão, dêxe* (M. Marroquim, *A língua do nordeste*).

ou ➡ *ó* — *lavoura* ➡ *lavôra*
couve ➡ *côve*
louco ➡ *lôco*

Uma prova evidente desta redução é fornecida pela não alternância do ditongo *oi* com *ou* no Brasil.

A redução dos ditongos acima se operou na mesma direção entre os dialetos crioulos da África, além de ter-se dado o mesmo em certas zonas de Portugal:

caboverdiano — os ditongos *ei* e *ou* tornaram-se

é e *ô*: *leite* ➡ *lête*, *pouco* ➡ *pôco*

guineense — *ligeiro* ➡ *ligêro*, *pouco* ➡ *pôco*

da ilha de S. Tomé — *ei* ➡ *ê*: *primeiro*

➡ *plumêlo*

da ilha do Príncipe — idênticamente

da ilha de Ano Bom — *ei* em *e*, *ou* em *o*: *terceiro*

➡ *tercelo*, *outro* ➡ *otulu*.

Na morfologia o negro deixou apenas vestígios o que é explicável pela diferença profunda entre as línguas indo-europeias e africanas.

O vestígio mais notável acha-se no plural conservado pela linguagem dos caipiras e matsu-

tos que, deixando o substantivo invariável, dizem sempre: *as casa, os caminho, aquelas hora*.

O adjunto predicativo entra na mesma regra: as criança tavum *quetu*, as criação ficarum *pestiadu*.

Um *s* prospético, nascido da ligação na frase perde êste caráter e agrega-se à palavra: os óio → pron. *u-zó-io* e aparece a palavra *zóio*. Isto também acontece em embora, *zimbóra*: êle foi *zimbóra*.

“Há que zano! ou “Que zano!” é uma expressão do dialeto caipira em que se deu o mesmo. Aliás, isto sucede à criança francesa que diz: *un zoiseau* porque agrega a *oiseau* o *s* da ligação: *les oiseaux*.

Outro fato característico dos pretos é a invariabilidade tanto de gênero como de número que apresenta o pronome pessoal êle.

E para indicar plural o pronome *êle* pospõe-se ao artigo definido *os*, conservando todavia a invariabilidade completa no gênero: *osêle, êles, elas*.

No dialeto caipira, em S. Paulo, aparece o mesmo pronome: *zêle fôro zimbóra* (105).

(105) Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, pg. 56.

Temos outrossim ouvido, no Distrito Federal, a terminação *am* da 3.^a pessoa do Perf. do Ind. soar o átono na pronúncia dos pretos e gente de sua classe: amaram ➡→ *amaro*, fizeram ➡→ *fizero*, disseram ➡→ *dissero*.

O gerúndio, no dialeto de S. Paulo, perde o *d* nas desinências, ando ➡→ *ano*, endo ➡→ *eno*, indo ➡→ *ino*, ondo ➡→ *ono*: *andano*, *veno*, *caíno*, *pôno*. Êste fato é atribuído por uns a influência africana, enquanto outros autores o aproximam do tupí (106).

É preciso observar que os poucos verbos em português de origem africana pertencem todos à primeira conjugação: *mandingar*, *zangar*, *bongar*, *carimbar*, *catingar*, *banzar*, *sambar*, *curiar*, *maxixar*, *cochilar*, *candongar*, *aquilombar*.

Em Pernambuco e Alagoas, os negros deixaram certos adjetivos no dialeto local:

capiongo	cassange
cafuçú	ingangento
cangúlo	macambuzio
manzanza	caçula
buzuntão	capenga

(106) Q. do Vale, *A influência do tupí no português*, pg. 48.

banguelo	fiota
dunga	zorô
granganzá	cutuba

alguns dos quais entraram para a língua literária como *cassange*, *macambúzio*, *caçula*. (M. Marroquim, *A língua do nordeste*).

No noroeste é muito comum o apelido *Zumba*, hipocarístico de José. *Zumba* era senhor, chefe entre os negros.

Há certas locuções que foram introduzidas e vulgarizadas no português graças ao negro: *angú-carço*, *angú-de-negro*, *banzé-de-cuia*, *bodum-azedo*, *azeite-de-dendê*, *dendê-de-cheiro*.

Aparecem estas expressões folclóricas como *João-murundum*, populares como *virou-ogó* (= deu em nada), *dengue-dengue*, *ôrofála* e *fulo-de-raiva*.

Os derivados nada apresentam de especial *xuxusada*, *quitandeiro*, *quiabento*, *quituteiro*, *maxixeiro*.

Merecem ainda atenção os tratamentos familiares, grandemente alterados em virtude da próclise, *iôió*, *iáíá*, *sinhá*, *sinhô*, *nhá* e *nhô*.

A própria linguagem infantil tem um sabor

quasi africano: *cacá, pipí, bumbum, nênem, talá, papáto, lili, mimi, côcô, dindinho, bimbinha* .

Na sintaxe, a influência africana é ainda menos sensível.

Os fenômenos de mais importância seriam os de decalque, em que o negro traduziria suas idéias em português, partindo do seu modo de falar africano.

Estes todavia não persistiram nem deixaram de si vestígios. Podemos augurar de sua existência por frases soltas de uma pastoral de D. Correia Neri que assim faz falar um preto: “Por conta de quem camaná, F. não bate caliquaqua?” O Cambône responde: — Por conta de *ca-ussê* (107)” e mais adiante: “Por conta de quem camaná, F. não tem café *cá* — tudo?”.

Nota-se em ambos a partícula *ca* que é sem dúvida o prefixo denotativo de algumas classe.

Onde, porém, se há apontado a influência sintática do africano como no português é relativamente à colocação dos pronomes átonos.

No português de Angola e Goa, segundo L. de Vasconcelos, nota-se a mesma vacilação existente na colocação dos pronomes no Brasil (108).

(107) Apud Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pgs. 380-2.

(108) *Esquisse*, pg. 192.

Gonçalves Viana assegura que esta construção sintática é crioula, como as “particularidades de pronúncia brasileira, que das de Portugal se afastam (109)”.

E pergunta ainda se não se teriam originado do convívio dos brancos “com inúmera população de procedência africana, especialmente cafre?”

E’ possível que assim tenha sido.

Pensamos todavia que, se houve participação do negro na posição dos nossos pronomes, essa foi indireta.

O negro teria tornado acentuado o pronome átono, tê-lo-ia feito *tônico*. Desta forma, deixaríamos de encarar êste fenômeno como sintático para considerá-lo simplesmente fonético.

Achamos que em reduzir a fútil e debatida questão dos pronomes a um fenômeno de entonação está o seu desfêcho oportuno (110).

A contribuição do negro é opulenta no folclore brasileiro. O lexico brasileiro apresenta uma cópia de vocábulos africanos a qual não é tão desprezível como a têm pintado.

Analisaremos ambas nos capítulos subseqüentes.

(109) *Palestras filológicas*, pg. 130, 2.^a edição.

(110) Ver Said Ali, *Dificuldades da língua portuguesa*, pg. 79.

CAPÍTULO VII

Folclorè

Totemismo e feitiçaria — Teriam sido totêmicos. os nossos negros? — O incremento da macumba no Brasil — Sobrevivências africanas na poesia popular brasileira — A música dos pretos e seus instrumentos — A tríplice origem ariana, indígena e africana dos contos populares — Dificuldade em discriminar o elemento indígena e o africano — A opulenta contribuição do folclorè africano para o folclorè brasileiro: contos populares negros.

O totemismo, organização social em que o homem se coloca sob a proteção de um deus *totem* feito animal ou planta, totem êste resguardado por uma proibição ou *tabú*, ofereceu, com a escola evolucionista um soberbo espetáculo de universalidade.

Toda uma sociologia edificou-se sôbre base semelhante e domina ainda grandemente com os discípulos de Durkheim à frente.

A escola Histórico-Cultural, em sua crítica percuciente, restabeleceu a verdade dos fatos e um pantotemismo é hoje ridículo (111).

Os debates, porém, continuam agudos e sucedem-se as dezenas de teorias sôbre totemismo, podendo-se assegurar que já não há totemismo mas, totemismos (112).

Inferre-se daí quanta cautela é necessária ao tratar-se com assunto tão delicado em que os próprios especialistas têm suas dúvidas.

Analisando, porém, as regiões africanas de onde importamos os nossos negros, é certo que se acham incluídas nas áreas reservadas ao totemismo.

Partindo do Sudão, verifica-se a existência de uma constituição em clans, caracterizada por totemes entre os Mandê, Fulbe, Haussá, Ewe, Tchi e de modo geral no domínio do Niger como na região interna da Costa da Guiné.

Falando dos Tchi, diz Hartland que "They

(111) Schmidt, *Origine et évolution de l'idée de Religion*, pg. 156.

(112) Van Gennep, *L'état actuel du problème totemique*, pgs. 339-352.

are divided into totemic clans of "families", of which the principal are twelve in number (113).

Em relação aos bantu, afirma Hartland serem também totemistas e cita o exemplo dos Bechuana que ocupam o centro da África do Sul e "divided into a number of independent "tribes" generally called by totemic names and having totemic beliefs (114).

Na monumental obra de Buschan, a questão do totemismo entre os bantu é exposta minuciosamente e em relação aos diferentes grupos.

Entre os bantu ocidentais, o totemismo existe no norte desde os Fans até os Abadua, que se encadeiam com as tribus que vivem na parte ocidental assim como os Asande. São totemistas os Bangala, Bakuba e alguns Baluba.

Conservam traços totêmicos os Bushongo e os Bakongo (115).

Os bantu orientais possuem uma organização social baseada em algo semelhante ao clanis-

(113) S. Hartland, art. *Totemism in Encyclopedia of Religion and Ethics*, 1921, pg. 396.

(114) Idem, pg. 397.

(115) Buschan, *Illustrierte Völkerkunde*, I, Afrika, pgs. 537-538.

mo totêmico no Uganda e na zona dos grandes lagos.

Muitas vêzes foram encontradas entre populações das mais variadas (Wahima, Wanyamwezi, Wagogo, Wahehe, Wafipa, Angoni, Wa-Yao, etc.) do norte até o sul, concepções totêmicas em lendas de origens muito diversas.

Finalmente, os bantu meridionais apresentam uma estrutura tribal, entre as tribus Bechuanas como entre os Cafres, fundada num totemismo claramente acentuado que se estende a animais e plantas (116).

Todavia, Maurice Dalafosse pronuncia-se negativamente e em sua opinião não há traços certos de totemismo na vasta região da África Ocidental, sendo que tal afirmação procedeu de conclusões precipitadas, logo desvanecidas com "une étude consciencieuse et approfondie des faits (117).

Se é, porém, duvidosa e constitue um problema delicado a existência de um totemismo com todos seus caracteres na África Ocidental, apare-

(116) Buschan, *Illustrierte Volkerkunde*, I, Afrika, pg. 598.

(117) *Les civilisations négro-africaines*, 1925, pg. 11.

cem fenômenos que dêle relevam como indígenas que se declaram afins com uma espécie animal, afinidade essa já individual já tribal (118).

Etnógrafos há como N. W. Thomas que admitem para a Nigéria meridional e setentrional bem como para *todas as regiões onde se encontram os Haussás* um verdadeiro totemismo (119).

Desta forma, a opinião de Maurice Delafosse suscita apenas dúvidas que não resolve e preferimos então ficar ao lado de Artur Haberlandt, Hartland, Thomas, especialistas profundos no assunto.

A feitiçaria negra, como a que ainda hoje resiste ao aniquilamento no Brasil, é uma derivação totêmica em todos os seus aspectos.

Sofreu influxo do cristianismo, o qual longe de alterar-lhe a essência passou por uma adaptação, pois o catolicismo dos nossos negros era um batismo aplicado a seus orixás, daí em diante chamados santos.

(118) M. Besson, *El totemismo*, 1931, pg. 66.

(119) Van Gennep, *L'état actuel du problème totémique*, pg. 273.

Mas teriam sido todos totêmicos os povos negros importados no Brasil?

Diante da análise de sua proveniência feita atrás (capítulo IV) e bem assim do totemismo nas regiões correspondentes da África, a resposta seria afirmativa.

Nina Rodrigues, o mais culto e profundo dentre os africanólogos no Brasil, concluiu que “os Negros importados no Brasil eram todos povos totêmicos (120)”.

Esta afirmação estaria exata se o autor tivesse feito uma ressalva para os malês, negros muçulmanos vindos para a Baía e que lá procederam a verdadeiras guerras santas como manda o Alcorão.

Torna-se exquisito mesmo a ausência de tal ressalva, uma vez que é o próprio Nina Rodrigues quem chamou atenção para o proselitismo destes levantes religiosos dos negros maometanos (121).

No estudo “Os malês” feito por Etienne Brasil ainda se evidencia melhor o maometismo daquele povo negro.

(120) *Os Africanos no Brasil*, pg. 262.

(121) *Os Africanos no Brasil*, pg. 88.

O islamismo todavia já se achava estratificado sôbre as crenças totêmicas do negro e uma vez desaparecida a coação moral, causa da conversão, êle foi sendo substituído pelo catolicismo.

A alma negra expandiu-se então no culto gêgeiorubano e a *macumba* alcançou um sucesso inédito no Brasil.

Organizada em templos ou *pejis*, com seus sacerdotes ou *alufás*, a feitiçaria dispôs seus *orixás* zelados por *Iauôs* e começou a preparar seus despachos ou *ebós*.

Por vêzes assumia uma feição dendrolática e adorava-se a palmeira do dendê, *Ijá*, um dos *orixás* mais notáveis.

Irôco, a gameleira de fôlhas largas, merece especial carinho e encontravam-na muitas vêzes rodeada de pratos de *bóbó* de inhame, azeite de dendê e galinhas pretas mortas numa poça de sangue.

Também há o diabo. Figura indispensável das criações humanas, *Exú* é capaz de atrapalhar a cerimônia se de início não lhe fizerem sacrifícios propiciatórios.

Apresenta outrossim formas litolátricas e *Xangô*, dono das fôrças atmosféricas, é venerado

nos meteoritos e machados de pedra. Xangô é o *orixá* mais popular entre os baianos fetichistas (122).

Iansam ou Santa Barbara poderosamente dirige os ventos.

Mas Exú ou Elegbá ou Elegbará ou simplesmente o diabo, bem como Xangô, deus do trovão, e *Xaponan*, deus da varíola, não podem ter oratórios dentro das habitações e perambulam pelas encruzilhadas das ruas e das estradas.

S. Cosme e S. Damião, santos católicos, adquiriram foros de cidadania na macumba e tanto na Baía como no Rio, encontramos sempre os irmãos mabaças ou Ibeji.

Existem orixás superiores e *Obatalá*, o céu ocupa entre os demais uma primazia régia.

Acima, muito acima, encarregado de dirigir o universo e bem afastado das mesquinhas terrenas, estava *Olorum*, que representa concomitantemente o céu, a terra, o trovão, o raio, uma série de funções indiscriminadas.

Com o tempo, de *Olorum* brotam dois rebentos: *Xangô*, deus do raio e do trovão, e *Odu-*

(122) N. Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pg. 334.

dua, a terra mater, a fecundidade, que lembra a *Ceres* romana.

Um dia Obatalá e Odudua uniram-se e surgiram *Aganjú*, a terra firme e *Iemanjá*, as águas.

A magia africana perdurou, pois, nas camadas populares com uma insistência notável e as "simpatias" fazem parte das nossas superstições familiares (123).

A macumba no Brasil tomou incremento extraordinário principalmente no século passado em que suas capitais eram a Baía e o Rio.

Hoje se encontra em franca deturpação vítima do charlatanismo grosseiro, gêmea do baixo espiritismo. Perdeu a pureza primitiva e tornou-se um instrumento nas mãos de alguns espetalhões. Sobrevivências totêmicas ainda apareceram nas festas populares, que por sua vez já passaram, mas conservadas na tradição ou em algum recanto do Brasil.

Ainda vimos em Alagoas cheganças e reisados, festas de Natal e Ano Bom. Todavia são resquícios desprezíveis das glórias passadas.

Os Congos, cantados pelo Natal, em que uns pretos vestidos de reis e de príncipes acompanham

(123) Hernani de Irajá, *Feitiços e Crendices*, pg. 41.

três rainhas pretas, são um festêjo tipicamente negro (124).

Em seus cantos há estribilhos completamente africanos:

“O’ *gingana*, ó *gingana*, ó *ginganoé!*
Ginganoé, *gilaguelo*, ó *gibagaloé!*”

O elemento africano por vêzes entremeia-se com palavras portuguesas:

“*Simunga*, *conguê*, *allelô!*
Mumbica, *mombaça*, *Rei meu Sinhô!*
Abençam de zamuripunga
Que no céu te ponha já,
Amulá, *amulequê*,
Amulequê, *amulá!*” (125)

Mário de Andrade, com o talento de sempre, reviveu as tradições dêsses bailados em sua interessante conferência *Os Congos*, publicada no boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira.

Vemos alí os costumes dos Reis do Congo, possuidores de cetro e corôa . . .

Maria Cambinda era outra tradição africana, calunga carregada em cortejo pelos negros.

(124) S. Romero, *Cantos populares do Brasil*, 1897, pg. XIII.

(125) Gustavo Barroso, *Através dos Folclores*, pg. 107.

No Rio houve também os *Cucumbís*, festêjo trazido da Baía por alguns pretos baianos. Semelhantes aos *Congos*, apresentam certas alterações introduzidas pela magia.

Com efeito, o *quimbôto* ou feiticeiro é uma personagem central.

Vejamos êstes versos africanos:

“*Capataz*

Mala quilombé, ó quilombá...

Mala quilombé, ó quilombá.”

Adiante ainda há mais:

“Feiticeiro

E... Mamaô! E... Mamaô!

Ganga rumbá, sinderê iacô

E... Mamaô! E... Mamaô!

Todos

Zumbi, matêquerê,

Congo, cucumbi-ôyá.

Feiticeiro

Zumbi, Zumbi, óia Zumbi!

Oia Mameto muchicongo

Oia papêto.

Côro

Zumbi, Zumbi, óia Zumbi!” (126).

(126) M. Morais Filho, *Festas e tradições populares do Brasil* pg. 163.

Aparecem também canções nagôs na Baía como a seguinte:

*“Ocú babá
Ocú gêlé
Negro nagô
Virou saruê.”*

Não se prestam os textos acima a um comentário linguístico, porquanto não sabemos que critério presidiu à sua colheita.

Contudo aí ficam como material folclórico e como vestígios africanos na poesia popular brasileira. Por acaso a única em que se depara um vestígio do totemismo animal é a Festa dos Mortos, realizada em Alagoas e de que nos deixou Melo Moraes Filho uma descrição minuciosa (127).

Até 1888, celebraram os negros das várias nações tais ritos, de preferência em recônditos afastados, duas vezes ao ano.

Como eram noturnas, preferiam-se sempre as noites claras de lua cheia e assim corria a festa durante três dias.

A abstinência do alcool e da carne começava dias antes, afim de preparar os celebrantes para o

(127) Idem, pgs. 333-342.

jejum e as rezas, com que se iniciava a comemoração.

Vestidos de túnicas brancas, gorro da mesma côr, velavam a primeira noite em lúgubres orações, acompanhadas de melopéias soturnas.

Pela madrugada do segundo dia, aproximavam-se das covas recém-abertas os sacrificadores negros que levavam na direita uma machadinha e pela esquerda conduziam os cordeiros alvos.

Ao vibrar a hora da matina, as laminas desciam sobre o pescoço das vitimas e o sangue derramado no buraco do chão era coberto de terra.

Recolhiam-se depois.

O terceiro dia chegava com o banquete funerário e as dansas evocadoras.

Trajavam então à moda africana, com turbantes e panos da Costa, missangas, saias rendadas e leves chinelinhas.

Assim serviam aos presentes a opulenta culinária africana. Os acarajés, acassás, aberens, afurás, bóbós de inhame, arroz de Haussá, anguzô, quingombôs e vatapás, todos aqueles pratos derivados da combinação azeite de dendê, pimenta, milho e arroz.

E depois dos quitutes, vinham os batuques...

E esta música negra revestia todas as solenidades do culto fetichista. Os batuques, muitas vezes ouvidos nas caladas das noites, exerciam uma função religiosa, como também festiva.

Aliás, o africano aliava sempre os folguedos às suas manifestações religiosas, acompanhadas de expansões sexuais exigidas pelo ritual macumbreiro...

Da influência profunda que lhe exercia na alma a música fetichista, diz bem a abundância dos instrumentos musicais que, na emigração da terra natal, seguiam os pobres cativos.

Foi na Baía onde melhor se apreciou êste papel da música que tanto acalentava o espírito do negro, ferido pelo banzo.

No comêço do século XIX, a Baía aos domingos fervia com a atoarda dos batuques, e os senhores de escravos, indignados com a perturbação de seu repouso dominical, chegaram a ir ao Conde d'Arcos, então governador, para lhe pedir a extinção. E o Conde, em resposta, alegou que os batuques constituíam uma medida administrativa...

Eis por que ainda lá se encontram em remanescência nos candomblés, onde os têm visto os estudiosos da africanologia.

Manuel Querino descreveu os principais. Mas ficou reservado a Artur Ramos fazer o melhor estudo que conhecemos sôbre a música fetichista dos candomblés, bem como sua interpretação psicanalítica.

Depois de rápidamente dividir os instrumentos de música em:

- a) *idiofones*, aqueles cujo som é produzido pela vibração própria (percutidores);
- b) *membranofones*, som de vibração de membrana tensa (tambores);
- c) *cordofones*, som produzido pela vibração de cordas distendidas (arcos musicais);
- d) *aerofones*, em que a vibração sonora é produzida por uma coluna de ar (flautas);

salienta a quantidade de instrumentos membranofones dos africanos e a ausência dos cordofones, uma vez que estes pertencem a ciclos mais adiantados (128).

Entre os membranofones, salienta Artur Ramos três espécies de atabaques: “um grande a que

(128) A. Ramos, *Notas de etnologia*, Baía, 1932, pg. 4.

dão os negros o nome de *rum*; um médio, ou *rumpí*, e um terceiro, menor, *lé*".

São estes derivados do primitivo *tam-tam* africano que era uma pele distendida de animal num tronco ôco de madeira. Em seguida, o *tam-tam* começou a ser fabricado com barçís de madeira fechados em uma extremidade, com uma pele distendida na outra destinada a ser percutida com a mão ou com pequenas varetas.

Existem ainda os tambores de guerra, que são atabaques de vários tamanhos, desde os pequenos *batás* até os grandes *ilús* e *batás-cotós*.

Lembra Manuel Querino o *batá-cotô*, tão usado pela tribo Egbá e cujo som infernal alucinava o ânimo dos negros, em seus levantes contra os senhores. Seu aparecimento constante nos levantes de escravos determinou a proibição expressa de sua importação desde 1835.

Entre os idiofones, o negro trouxe para o Brasil o *canzá* ou *ganzá*, feito de cana, com orifícios e talhas transversais, o qual tanto aparece no acompanhamento de suas canções.

Outros idiofones por êles trazidos são o *adjá*, pequena campã de metal; o chocalho, além do curioso *xaque-xaque* ou *chequerê*. Bem interessan-

tes são o *aguê* ou *piano de cuia*, formado de uma cabaça vazia, com pequenos seixos no interior e coberta por uma rêde de fios em cujos nós se acham presos pequenos búzios; e o *agôgô*, dupla campanula de ferro.

A *marimba* tão usada pelos negros também é conhecida na América Central.

Afinal como instrumento aerofone devemos lembrar o *afojiê*, pequena flauta de madeira.

Estes instrumentos marcam o ritmo nas festas religiosas dos negros e como lembra Artur Ramos, eminente etnólogo que se tem feito o continuador de Nina Rodrigues, destinam-se à invocação dos “santos”.

De uma excursão que fez a um candomblé da Baía, trouxe aquele médico-legista esta impressão:

“... numa vasta sala quadrangular, onde têm início as cerimônias do culto, reúnem-se as *filhas de santo* para a dança, cujo ritmo é marcado por três *atabaques* e um *agôgô*. O ritmo, típico, de interrupções sincopadas, que caracterizam a música negra, varia para cada invocação sucessiva ao santo correspondente. O som soturno do atabaque grande é entrecortado pela tonalidade mais alta

do médio e pequeno, e pelo ritmo bi-tonal do agôgô (129)”.

E foi esta música negra a fonte de que emanaram estilizações civilizadas como o *tango*, o *samba*, o *maxixe* na América do Sul, e os exageros norte-americanos, visceralmente sexuais, o *charleston*, o *shimmy*...

Com efeito, segundo lembra Ortiz, a *danza* cubana, a *habanera*, o *danzón*, os bailados mais genuinamente cubanos, se tocam, bailam e cantam “como los *tangos* negros más africanos”. (*De la música afrocubana*, pag. 14).

É sobretudo nos contos populares onde bem se patenteia a influência do colono preto em contato com as nossas camadas humildes. Surgem dificuldades quando se pretendem dissociar os elementos tríplexes ariano, indígena e africano na formação do folclore brasileiro. Se o ariano ressaltar logo com relativa facilidade, permanecem o indígena e o africano em meias tintas de que resultam confusões.

Sílvio Romero foi o primeiro a haver-se com semelhante óbice e, apesar de todas as cautelas,

(129) A. Ramos, *Notas de etnologia*, pg. 9.

fez confusão, segundo demonstraram estudos posteriores.

Baseado nas observações de Couto de Magalhães, Sílvio organizou uma série de contos todos indígenas, em sua opinião, a que denominou o ciclo do jabotí.

Todos os contos em que figurava a tartaruga, o cágado ou o jabotí atribuía sempre ao índio, exceto um que deixou ao branco.

Ora, nos contos ou fábulas da África negra, variam os heróis com as comarcas.

No Sudão costuma ser a lebre, no Baixo Níger, a tartaruga; e em outras regiões a aranha (130).

Há, portanto, ciclos de tartaruga na África e Hartt já derivava alguns contos do Amazonas daquelas paragens (131).

A. Ellis, autor de "The Yoruba Speaking peoples of Slave Coast of West Africa" (Londres 1894), descreveu numerosos contos africanos semelhantes aos nossos do ciclo do jabotí.

Finalmente, Chatelain, notável conhecedor do assunto, afirmou categoricamente que "The

(130) Delafosse, *Los Negros*, pg. 96.

(131) B. de Magalhães, *O folclore no Brasil*.

Indians of Brazil tell a long string of adventures of the Turtle or Tortoise (*Jabotí*). in which it gives many proofs of its shrewdness. Nearly all those tricky feats of the Turtle are found in African folk-lore, from the Sahara to the Cape, though they are sometimes played by other animals than the Tortoise (132)".

Com efeito, compare-se o conto brasileiro de Sergipe "O cágado e o teiú" com o conto africano da Costa dos Escravos "Alô sôbre a tartaruga e o elefante", e à primeira vista se verifica que o primeiro foi moldado sôbre o segundo.

Conto brasileiro de Sergipe: "O cágado e o teiú" (Dr. Sílvio Romero):

"Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha, o teiú queria casar com ela e o amigo cágado também.

"O cágado, sabendo da pretenção do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia e que até era o seu cavalo. O teiú, logo que soube disto, foi ter à casa da comadre onça e asseverou que ia buscar o cágado para alí e dar-lhe muita pancada à vista de todos e partiu.

(132) *Folk-tales of Angola*, Boston — New-York, 1894, pg. 302.

“O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquele dia. O teiú teimou muito: “Então, disse o cágado, você me leva montado nas suas costas”. “Pois sim, respondeu o teiú, mas há de ser até longe da porta da amiga onça”. “Pois bem, respondeu o teiú, mas você há de deixar eu botar o meu caquinho de sela, porque assim em osso é muito feio”. O teiú se massou muito e disse: “Não, que eu não sou seu cavalo!” “Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio”. Afinal o teiú consentiu. “Agora disse o cágado, deixe botar minha brida”. Novo barulho do teiú e novos pedidos de desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e munir-se do mangual, esporas etc. Partiram, quando chegaram em lugar não muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios, senão era muito feio para elê ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que tivesse paciência e caminhasse mais um bo-

cadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teiú até à porta da casa da onça, onde êle lhe meteu o mangual e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: “Olha, eu não disse que o teiú era meu cavalo? Venham ver!” Houve muita risada e o cágado, vitorioso, disse à filha da onça: “Ande, moça, monte na minha garupa e vamos casar”. Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú.”

Conto africano da Costa dos Escravos (Ellis):

“Meu alô, é sôbre a tartaruga e o elefante.

“Um dia, a fada de cabeça pelada disse aos outros animais que ela era capaz de fazer do elefante seu cavalo, mas todos os animais declararam: “Não, tu não és capaz de montar no elefante”. Ela replicou: “Bem, eu aposto que hei de entrar na cidade montada no elefante”. E os outros animais accitaram a aposta. A tartaruga foi à floresta procurar o elefante e encontrando-o disse-lhe: “Meu pai, todos os animais andam dizendo que você não vai á cidade porque é muito desajeitado e corpulento”. O elefante ficou muito zangado e disse: “Os animais são uns bobos. Se eu não vou

à cidade é porque prefiro ficar no mato. Além disso, eu não conheço o caminho da cidade”. “Oh! disse a fada de cabeça pelada, então venha comigo. Eu lhe ensinarei o caminho da cidade e você fará os animais corridos de vergonha”. O elefante aceitou e partiram os dois. Quando estavam próximos à cidade, disse a tartaruga: “Meu pai, estou muito cansada. Deixa eu subir nas suas costas”. “Pois não”, disse o elefante. Êle ajoelhou-se e a tartaruga subiu-lhe às costas. Seguiram caminho. A fada de cabeça pelada propôs então: “Meu pai, quando eu coçar suas costas você deve correr e quando eu bater com minha cabeça nas suas costas, você deve correr mais depressa ainda: assim você fará uma figura muito bonita na cidade”. O elefante disse: “Perfeitamente”. Ao chegar perto da cidade, a tartaruga coçou as costas do elefante e êste pôs-se a correr. Bateu nas costas com a cabeça e o elefante correu ainda mais. Quando os animais viram isto, ficaram pasmos. Todos estavam em suas casas olhando das janelas. E a tartaruga gritou-lhes: “Eu não disse que entrava na cidade montada no cavalo de meu pai?” “O que quer dizer “cavalo de seu pai?”, perguntou o elefante enfurecendo-se. “Eu estou caçoando

com você”, disse a tartaruga. Mas o elefante viu que os outros animais estavam rindo-se e ficou ainda mais enfurecido. “Espera que eu vou atirar-te aqui nestas pedras duras e quebrar-te em pedaços”, gritou êle. “Isto é muito bom, disse a fada calva. Atire-me aqui. Isso quero eu. Tenho certeza que não hei de morrer nem ferir-me. Se você quer matar-me, deve levar-me ao atoleiro. Lá sim, eu morrerei afogada na lama e na água”. O elefante acreditou nela; correu ao atoleiro e atirou a tartaruga na lama.

“Levantou a pata para esmagá-la, mas a fada calva mergulhou no lodaçal e saiu em outro lugar. Então ela gritou aos animais que estavam olhando: “Eu não disse que havia de entrar na cidade cavalgando o cavalo de meu pai?”. O elefante, vendo que não poderia apanhar a fada da cabeça pelada, voltou a toda a brida para as matas. Assim que chegou lá disse aos outros elefantes: “Sabem vocês o que aquela costas-quebradas me fez?” E contou a êles a história. Os outros elefantes disseram: “Você foi um maluco para levar aquela costas-quebradas à cidade”. E desde então os elefantes nunca mais puseram os pés na cidade”.

Além disso, opulenta e característica contribuição nos deixou o africano com aqueles contos que podemos englobar num ciclo do quibungo.

Restrito à Baía, Silva Campos fez uma ótima colheita de contos do quibungo, os quais juntos aos colhidos por Nina Rodrigues pessoalmente formam um vasto material para o folclorista.

Outro ciclo de contos se prende ao mito da “mãe d’água” ou *Yemanjá*, tão bem estudado por Artur Ramos e Joaquim Ribeiro.

Os contos negros quasi todos pertencem à mítica zoológica e uma das figuras centrais é sempre a tartaruga *longozoé*, ou o quimbundo, macaco cabeludo cuja bôca está nas costas, ou a aranha, *anansi*.

Nestes perpassa em geral pela meada imaginosa a astúcia, qualidade mais que diletta do africano.

Uma interpretação psicanalítica do folclore africano foi empreendido, com êxito, por Artur Ramos, em seu notável livro, *O negro brasileiro*.

É interessante notar a influência negra no mito indígena do caipora que passou a ser um preto (133).

(133) B. de Magalhães, *O folclore no Brasil*, pg. 120.

Outro tanto acontece com as versões de contos europeus em que se imiscue a mão do negro.

Seria interessante que se fizesse uma seleção dos contos negros, o que, junto às produções da nossa literatura relativas ao negro, passaria a constituir um material coordenado e abundante para estudos posteriores. (134)

(134) Antônio Cícero escreveu um valioso artigo no "Jornal do Comércio" intitulado *Literatura Negra*.

CAPÍTULO VIII

O negro na literatura brasileira

O negro na vida da família brasileira — Casas-grandes e senzalas — O abolicionismo e seus reflexos na literatura — O introdutor do negro na literatura brasileira — Poetas da escravidão — O negro no romance nacional — Contos e peças de teatro — A lascívia do negro na veia satírica de Gregório de Matos.

Se a semelhança de climas favoreceu a aclimação do negro no Brasil, mais ainda lhe ajudou a adaptação o tratamento benévolo, que em geral recebia do senhor brasileiro.

O contato íntimo e prolongado entre brancos e negros, desde cedo, motivou o mestiçamento, o qual com a interpenetração de sangue desfez as antimonias de raça.

Foi êste caldeamento, de conseqüências tão felizes para a nossa arianização, o causador da ele-

vação social do mestiço, objeto de prestígio crescente na vida colonial.

É o mulato muitas vêzes o feitor do engenho, aquele que toma as contas aos negros vadios e manobra o relho à vontade do senhor de engenho.

Aquele mulato, que odeia os brancos por que ainda não é branco e despreza os negros por que já não é negro, o mulato cheio de prosápia, que chega a pretender as filhas brancas do senhor de engenho — é o tipo que tão bem descreveu Afrânio Peixoto, em um livro de fecundo nacionalismo — *Fruta do Mato*.

É ainda graças à mestiçagem que o negro sobe de condição, do eito passa a ser agregado da família do branco, e ocupa misteres caseiros, o *moleque* de recados, a *mucama* arrumadeira . . .

Aproximam-se casas grandes e senzalas no terreno do sexo, e são senhores brancos que se amigam a escravas concubinas, pretos que iniciam às vêzes a filha do senhor . . .

No Brasil, a escravidão muitas vêzes deixa de ser uma página de sangue para ser um quadro de lascívia . . . E muitos têrmos chulos nos veio da língua daqueles negros.

Daí vem a observação científica, embora maliciosa, feita por Gilberto Freire de que no Brasil a *sifilização* precedeu a *civilização*...

Belo estudo sociológico oferece a vida rural, passada nos engenhos de açúcar ou nas plantações de café, em que convivem o elemento europeu e africano. E merecem todo elogio estudos sérios como o de Gilberto Freire, que em *Casa-grande e senzala* nos traçou e reviveu instrutivos quadros dessa vida.

Mas o negro, tão descuidado pelos nossos antecessores, nunca chegou, a exemplo do índio, a determinar uma corrente literária. Nada que se pareça com um indianismo.

Quando muito o abolicionismo suscitou um movimento que se refletiu em nossas letras, desordenadamente, esparso, pura produção individual.

Só Castro Alves, vibrante de talento e de mocidade, consegue repercussão e através da beleza do *Navio Negreiro* e das *Vozes da África* obtém, para a raça negra, a justiça reparadora da simpatia para uma opressão secular. E ainda volta ao tema predileto na *Cachoeira de Paulo Afonso* e na *Tragedia no Lar*. Mas seu lirismo, ofegante como sua

vida curta, abafa a naturalidade da vida diária, da vida simples e trabalhosa que leva o negro do cito.

A malícia da raça, os sambas e folguedos, o lado sadio não aparece. E passada a escravidão, desoprimida a nossa cultura com a abolição, escasseiam os leitores para as declamações lamurias, à Vitor Hugo.

Todavia se diga que o introdutor do negro em nossa literatura não foi Castro Alves e sim um poeta maranhense, Trajano Galvão que viveu entre 1830 e 1864 (135).

— Com as poucas poesias conhecidas no gênero — o *Calhambola*, *Nurajan* e *Jovino* — o *senhor de escravos*, e principalmente a *Crioula*, de malícia muito sutil — Trajano Galvão abria um precedente que foi seguido por Castro Alves, Celso de Magalhães e Melo Morais Filho.

Trajano, porém, escolhe linguagem e assunto compatíveis com o preto escravo e por isto sua obra ganha em realidade.

(135) Amadeu Amaral, *A literatura da escravidão*, in *Revista do Brasil*, n.º 29 — Maio de 1918.

Ouçamos a *Crioula*, de suas poesias a mais interessante:

“Sou cativa . . . qu’importa? folgando
Hei de o vil cativeiro levar! . . .
Hei-de sim, que o feitor tem mui brando
Coração, que se pode amansar! . . .
Como é terno o feitor, quando chama,
A’ noitinha, escondido co’a rama
No caminho — ó crioula, vem cá! —
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho
Faceirando, dizer — não vou lá — ?

Tenho um pente coberto de lhamas
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr’olham com ar de desdém.
Sou da roça; mas, sou tarefeira . . .
Roça nova ou feraz capoeira,
Corte arroz ou apanhe algodão,
Cá comigo o feitor não se cansa;
Que o meu côfo não mente à balança
Cinco arrobas e a concha no chão!

Ao tambor, quando saio da pinha
Das cativas, e danso gentil
Sou senhora, sou alta rainha,
Não cativa, de escravos a nil!
Com requebros a todos assombro,
Voam lenços, ocultam-me o ombro,
Entre palmas, aplausos, furor! . . .
Mas, se alguém ousa dar-me uma punha,
O feitor de ciúmes resmunga,
Pega a taca, desmancha o tambor!

Na quaresma meu seio é só rendas,
Quando vou-me a fazer confissão;
E o vigário vê coisas nas fendas,
Que quisera antes vê-las nas mãos . . .
Senhor padre, o feitor me inquieta;
É pecado . . . ? não, filha, antes peta . . .
Goza a vida . . . esses mimos dos céus
És formosa . . . e nos olhos do padre
Eu vi coisa que temo não quadre
Co' o sagrado ministro de Deus . . .

Sou formosa . . . e meus olhos estrêlas
Que traspassam negrumes do céu;
Atrativos e formas tão belas
P'ra que foi que a natura m'os deu?

E êste fogo, que me arde nas veias
Como o sol nas ferventes areias,
Porque arde? Quem foi que o ateiou?
Apagá-lo vou já — não sou tola . . .
E o feitor lá me chama — ó crioula!
E eu respondendo-lhe branda “já vou . . .” (136).

Indiscutivelmente, estes versos têm o encanto de uma sensualidade refinada, que se mostra com a simplicidade da natureza.

É êste o estilo de Galvão.

Celso Magalhães no poema *O Calhambolas* esboça um quadro bem positivo da vida levada pelo escravo fugido.

Superior a todos em virtude de colocar-se no ambiente da escravidão, Melo Moraes Filho, poeta, lembra bastante o folclorista adstrito aos fatos.

Dos *Cantos do Equador* e *Mitos e Poemas* emergem pequenos quadros, muito fiéis, da escravidão como *Partida de escravos*, *A feiticeira*, *Escravo fugido*, *Cantiga do eito*.

Vicente de Carvalho deixou um belo poema “Fugindo do Cativo”.

Guilherme de Almeida, em nossos dias, celebrou as virtudes do negro em seu esplendido livro *Raça*.

Ainda em versos, ha uma poesia de Silvio Romero sôbre os *Palmares*, mas lembramos apenas essa joia de Raimundo Correia que é *Banzo*.

Em nossos dias, como produção sugestiva sôbre temas africanos, dansas e tradições, numa versificação modernista, merece citação, *Urucungo*, de Raul Bopp.

Em prosa, ao lado de contos esparsos, como "O caso da vara" de Machado de Assiz em "Páginas Recolhidas", existe de José de Alencar, "O demonio familiar" cujo protagonista é um tipo negro — o moleque.

O negro ainda volta à cena em outras peças de teatro, "A mãe", de Alencar, drama comvente.

Também Artur Azevedo em "O Dote", e no conto em verso "Escrava"; Júlia Lopes de Almeida na "Família Medeiros", e Júlio Ribeiro em "A Carne" não esqueceram o negro, que lhes perpassa pela obra como personagem principal ou figurante em destaque.

Luiz Guimarães Júnior nos deixou um enredo amoroso em "A mucama", caso da moça rica

por quem finge se apaixonar um elegante interesseiro, cujos projetos a mucama da casa consegue frustrar por um beijo dado nela pelo "tal", que não vira a apaixonada escondida...

O romantismo de Joaquim Manuel de Macedo também não esqueceu, em *Vítimas Algozes*, o elemento africano.

Pela mesma época, Bernardo Guimarães compôs uma história de quilombolas para as suas *Lendas e Romances*.

No romance nacional brilham, sobretudo, duas obras de fundo negro, pela riqueza das observações, fluentes dos costumes negros: *Rei negro*, de Coelho Neto e *O Feiticeiro*, de Xavier Marques.

Focalizam ambos a vida africana nas regiões em que ela foi mais intensa: Baía e Rio.

Rei negro mostra a aspereza e dissolução dos costumes entre os africanos, nas fazendas do Estado do Rio, em que negros e negras se pegavam nas bagaceiras, como se fôsse a continuação do paraíso...

Macambira é um negro de estirpe real, que rebate esta luxúria de sua raça e incide no ridículo ou no temor dos companheiros. Quer a sal-

vação, o reerguimento do seu povo e, como novo *soba*, governá-lo com justiça. . . Casa com a mucama do fazendeiro, a Lúcia, de alma branca como os dentes. . . E na ausência de Macambira, Lúcia é violentada pelo insaciável estudante de medicina, filho do fazendeiro. Nasce o filho branco que traz a morte de Lúcia e a loucura de Macambira. . .

O Feiticeiro descreve a alma nagô no que ela possuiu de mais íntimo — a feitiçaria. Através do estilo vigoroso de Xavier Marques, desfilam os quadros das macumbas.

Alí Xavier Marques nos deixou uma descrição “clássica” de macumba, com uma técnica só reproduzida por João do Rio, em “As religiões do Rio”. É a cena de muitas famílias que apelam para o feitiço, afim de casarem as filhas. . . Os amantes que recorrem áquele poder “sobrenatural” para a reconciliação. . .

Sousa Carneiro, outro romancista baiano, escreveu, em 1934, *Furundungo*, romance em que o heroi é um negro “cavador”, furão, daí o nome. . .

Em *Banguê* de Lins do Rego, aparece também um personagem negro, o feitor Nicolau, dedicado como um cão, ao senhor de engenho.

Jubiabá é o grande romance negro que o talento de Jorge Amado pretende publicar no ano corrente.

Alí o tema social prevalece: é a exploração dos negros escravos pelas classes ricas. . .

Estilização vibrante, viva` como um filme de cinema, é a *macumba* descrita por Graça Aranha na *Viagem Maravilhosa* (pag. 288):

“A mãe do santo levantou-se e entrou no meio da roda. Dansava soberanamente. Erguia a cabeça, gingava o corpo esguio, marchava leve, airosa, faceira. Os macumbeiros batiam palmas, sambando sempre. A música esforçava-se. O cheiro negro azedava o ar. A rainha de Loanda cantava no compasso da dança. O frenesí crescia. A camisa alva, transparente, chegava apenas às coxas oleosas, cobrindo o ventre e os quadrís, que enegreciam a brancura da cambraia. Continuou a dansar concentrada, fervorosa. Os devotos batiam as mãos pesadas e as cabeças duras. As vozes altas, esganiçadas, das mulheres erguiam-se sôbre as vozes baixas e roucas dos homens. Dansavam aos berros frenéticos, exasperados de devoção e luxúria. O pai de santo animava-se com os

seus lamentos piedosos. Amélia arrancou a camisa. Delírio. A negra esguia, flexível, ardente, empinava a cabeça e os peitos. O ventre entrava, os quadrís retesavam-se, o sexo empombava. Eh! Macumba. Outras negras despiram-se, magras, esqueléticas, gordas, bojudas. Saracoteavam, reboavam nos braços dos homens alucinados. Uma cafusa dava gritos, pulava, queria morder e caiu convulsa, em espasmos, debatendo-se no chão. Homens e mulheres dansavam, em fila, em tórno da rainha de Loanda e da epiléptica. Balbina, possesa, esperneava aos pés do pai do santo. . . .”

Em torno de temas históricos, o negro ainda aparece em novelas. “Domingos Jorge Velho”, de Mário Wanderley, é um episódio da escravidão: o quilombo dos Palmares. É pena que o autor tenha laivos de romanticismo, enfeando algumas páginas de mérito.

Em gênero semelhante, aproximando-se o mais possível dos fatos históricos, Pedro Calmon, ilustre historiador baiano, romanceou a insurreição das senzalas em “Malê”.

É certo que a africanologia brasileira se tem desenvolvido muito, de 1933 para cá.

E — sintoma do interêsse geral pelo negro — foi o 1.º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife em 1934, e a que concorreram notáveis expoentes da cultura brasileira.

Oxalá que os *Anais* se venham a publicar, reunindo as teses apresentadas.

Mas a lascívia do negro já tinha rendido muito nas mãos de Gregório de Matos. O temperamento luxurioso, a vida boêmia, o desastre do matrimônio, tudo ajudou a Gregório fazer das negras o confôrto maior de sua incontinência... E os insucessos, as negações tornavam o poeta impiedoso contra as pretas relutantes... Daí a vindita: a sátira, “válvula de segurança” do nosso poeta.

E carinhos rejeitados transfiguravam-se nas mãos de Gregório em sátiras mordentes...

Ronald de Carvalho, o crítico mais fino e elegante de nossa literatura, apanhou bem a concepção do amor, em Gregório de Matos, “mais prático do que idealista, mais passageiro que constante”, cujas “estrofes amorosas são, por via de regra, convites, com prazo certo e imediato, para rápidos momentos de gôzo e de prazer (137)”.

(137) Ronald de Carvalho, *Pequena história da literatura brasileira*, 4.ª edição, 1929, pg. 127.

E referindo a observação de um biógrafo de Gregório, lembra ainda Ronald de Carvalho que “não voava distante, no Recôncavo, sua inspiração”, pois para as lascivas mulatas, e para as torpes negras, é que comumente se afinou pela maior parte tão deliciosa poesia (138)”.

Vale a pena, como fêcho a êste esboço, ouvir um “romance” do “Bôca do Inferno”, que, à parte alguns têrmos chulos, representa a veia satírica do poeta, num legítimo *disfarce* freudiano à sua despeita rancorosa:

“A uma mulata chamada Córdula

Córdula da minha vida,
Mulatinha da minha alma,
Leda como as Aleluias,
E garrida como as Páscoas:

Valha-te Deus por cabrinha,
Valha-te Deus por mulata,
E valha-me Deus a mim,
Que me meto a guardar cabras.

(138) Ronald de Carvalho, *Pequena história da literatura brasileira*, 4.^a edição, 1929, pg. 113.

Quando te apolego as tetas,
Como uns marmelos inchados,
Me dão tentações, porque
Cuido que são marmelada.

Tu me matas por donzela:
Porque, Córdula, te gabas
Do virgo, sendo que Virgo
Nunca em Capricórnio anda.

Passei pela tua porta,
Estavas junto da casa,
Chamei-te, achei-te cortês,
Vieste e fôste tirana.

Porque apenas t'ó pedí,
Quando me virastes a anca
Por um cabaço que finges,
Me destes mil cabeçadas.

Enfim me destes o sim,
Com que creio que me enganas,
Porque se há xim-xim de brancos,
Tu és o xim-xim das cabras.

Por esta cara te juro
Que em levando a virotada,
Me hás-de rondar pela porta,
Me hás-de puxar pela capa”.

SATÍRICA, volume II

Vocabulário

Advertência

Este vocabulário só contém termos africanos usados no Brasil ou empregados por escritores brasileiros. Sempre que possível procuramos dar a abonação respectiva. Outro tanto tentamos fixar para cada vocábulo a sua área geográfica.

Os nomes de lugares aparecem documentados nos mapas, que se distribuem ao longo desse vocabulário.

Futuramente, organizaremos um texto com a toponímia de origem africana.

Que o leitor veja a explicação dos mapas acima, feita pelo Prof. Carlos Cantão.

Quanto aos termos de Angola e Moçambique e demais possessões portuguesas na África, compete a um português dessas regiões a coleta dos termos locais.

ABARÁ: sm: bolo de feijão preto frito em azeite.

ETIM.: é vocábulo da língua ioruba. (B. Rohan).

AR. GEOG.: Baía.

- ABON.: "... o *abará*, que é o mesmo bolo (aracajê) envolvido em fôlhas de bananeira, cozido em água e sal, em vez de ser feito em azeite" (N. Rodrigues, 1932, pg. 181).
- ABEDÊ: sm.: leques de Oxun usados pelos pais de santo. (A. Ramos, *Horizontes*, pg. 33).
ETIM.: é termo empregado na feitiçaria gêgê-nagô.
- ABEREM: sm.: acassá com açúcar.
ETIM.: vocábulo da língua ioruba. (B. Rohan).
AR. GEOG.: Baía.
ABON.: "... o *aberem*, espécie de acassá com açúcar" (N. Rodrigues, 1932, pg. 182).
- ABUXÓ: sm.: espécie de legume.
AR. GEOG.: Baía.
ABON.: "... frutos, legumes, produtos da Costa (*xóxó*, *abuxó*, azeite de dendê) (N. Rodrigues, 1932, pg. 155).
- ACASSÁ: sm.: pasta de milho, água e sal.
ETIM.: vocábulo da língua ioruba, oriundo da Costa dos escravos, na África ocidental onde é um prato nacional.
AR. GEOG.: Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro.
ABON.: "... o *acassá*, pasta de pó de milho em água e sal" (N. Rodrigues, 1932, pg. 182).
- ACARÁ: sm.: bolos de feijão cozido, fritos em azeite de dendê com pimenta malagueta.
ETIM.: termo da língua ioruba; em daomeu *acará*, pão e em fulbe, *acrá*.
AR. GEOG.: Baía e Rio de Janeiro.

ACARAJÉ: sm.: o mesmo que acará.

ETIM.: do ioruba *acará*, bolo + *jeh*, comida.

AR. GEOG.: Baía e Rio de Janeiro.

ABON.: “E os guisados exquisitos, os carurús, os *acarajés*, o arroz de Haussá, africanamente condimentados.”

(M. M. Filho, *Festas e Tradições*, pg. 338).

ACHANTI: sm.: nome de um povo negro importado da África.

ETIM.: pensamos que se deriva de *fan*, planta + *di*, comer; tendo sido a forma primitiva *chandi*, e depois *achanti*. Esta etim. encontra justificativa no folclore achanti. (Keane).

ADJÁ: sm.: instrumento músico.

ETIM.: termo africano do ioruba.

ABON.: “*Adjá*. Campas de metal amarelo: convidam os crentes para a cerimônia de dar comida ao santo” (M. Quirino, 1927, pg. 187).

ADARRUM: sm: toque apressado, ininterrupto, usado na música negra para invocar o santo.

AFOFIÊ: sf.: pequena flauta de taquara com bocal de madeira.

ETIM.: vocábulo iorubano.

AR. GEOG.: Baía.

AFURÁ: sm.: bolo de arroz fermentado.

ETIM.: vocábulo da língua iorubana.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “Um cheiro azêdo de *afurá* começou a enjoá-la” (X. Masques, 1922, 151).

AGÊ: sm.: cabaça envolta num trançado de algodão com pequenos búzios presos às linhas. É o piano dos africanos. Existe também a forma *aguê*.

AGOGÔ: sm.: instrumento de dupla campânula.

ETIM.: pensamos que êste têrmo vem do ioruba *agogô*, sino. (D'Avezac).

AR. GEOG.: Baía e Rio de Janeiro.

ABON.: "nos atabaques de tanoaria, agitavam ganzás e *agogôs* de dupla campânula" (P. Calmon, *Malês*, pg. 28).

AIÊ: sf.: festa que celebrava entre os nagôs o ano novo.

ETIM.: têrmo iorubano.

AIÚ: sm.: jôgo dos africanos formado de doze orifícios onde punham os *aiús*, pequenos frutos côr de chumbo.

ALUÁ: sm.: bebida feita de arroz cozido, açúcar e sumo de limão. Também pode ser feita de milho.

ETIM.: do árabe *haluah*, através do quimbundo *ualáa*, cerveja de milho, com acutização. Sobre a origem da bebida escreve Varnhagen: "A bebida do *aluá* pode ser introdução da Ásia mas alguns a têm por africana" (Varnhagen, *Hist. do Brasil*, 3.^a edição, I, pg. 282).

ABON.: "Marcela franziu a testa, cantarolou uma seguidilha, entre dentes; depois queixou-se do calor, e mandou vir um copo de *aluá*". (Machado de Assiz, *Braz Cubas*, Garnier, pg. 58).

ALUFÁ: sm.: sacerdote dos negros maometanos.

ETIM.: do árabe, mas trazido pelos negros.

AR. GEOG.: Baía e Rio.

ABON.: “*Os alufás têm um rito diverso: são maometanos com um fundo de misticismo*” (P. Barreto, *As religiões no Rio*, pg. 5).

ALUJÁ: sm.: dança sagrada no candomblé.

ETIM.: da língua ioruba.

ABON.: “*As mulheres feitas iauôs dansam o alujá e também o jêguedê*” (H. de Irajá, 1932, pg. 161).

AMBROZÔ: sm.: comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos.

AR. GEOG.: Pernambuco.

AMBUNDO: adj.: o mesmo que *quimbundo*.

ETIM.: do quimbundo *mbundu* com a vogal prostética *a*.

AMURÊ: sm.: era o nome que os malês davam ao casamento.

ETIM.: termo árabe, mas foi trazido pelos negros maometanos.

ANAMBUCURÚ: sf.: divindade dos negros que habitava os lagos, mares e rios e por isso chamada mãe d'água.

ANGANA: s.: tratamento que os escravos davam à senhora.

ETIM.: do quimbundo *nganna*, senhor, com *a* prostético. Pensamos que seja uma abreviação de *nganna mug'attu*, senhora.

AR. GEOG.: E. do Rio.

ANGÚ: sm.: massa feita de fubá de milho ou mandioca.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: termo geral no Brasil.

ANGUZÔ: sm.: comida de ervas que se come com angú.

ETIM.: composto de *angú* + *z* eufônico + *ô*, desinência esta peculiar ao ioruba.

AR. GEOG.: Pernambuco.

AQUILOMBAR: verbo intr.: reunir-se em quilombos.

ETIM.: derivado de quilombo.

ARINGA: sf.: campo fortificado entre os negros na África.

ETIM.: termo cafreal.

AR. GEOG.: usado só entre os negros.

ABON.: “Elesbão devera ter sido um príncipe, aprisionado pelos chefes de outras tribus na sua *aringa* destruída” (X. Marques, 1922, pg. 47).

ASSÍQUI: sm.: bentinho, escapulário.

ETIM.: termo africano usado em feitiçaria.

ABON.: “Talismãs sagrados nos rituais cabindas — *assíquis*” (H. de Irajá, 1932, pg. 5).

ATABAQUE: sm.: tambor oriental.

ETIM.: do persa *tablaq*, diminutivo de *tabal*, com o *a* prostético que Dalgado julga ser o artigo árabe. Apresenta as variantes *tabaque* e *tambaque*. Pensamos que foi introduzido no Brasil pelos escravos africanos, pois o utilizavam muito em seus batuques.

AXÊXÊ: sm.: cerimônia preliminar à missa de sétimo dia.

ETIM.: termo africano do ioruba.

AR. GEOG.: Baía.

BABÁ: sm.: pai de santo.

ETIM.: pensamos que vem do ioruba *babá*, pai, segundo nos diz D'Avezac. É provável que o termo familiar comum no Brasil *babá* ou *ama-sêca* se ligue à mesma filiação.

AR. GEOG.: Baía e Rio de Janeiro.

ABON.: quadra popular da Baía.

“Ocú *babá*
Ocú gêlê
Negro nagô
Virou saruê...”

BABAÇA: sm.: irmão gêmeo.

ETIM.: apresenta a forma *mabaça* o que nos faz pensar no grupo quimbundo *mb* que teria originado estas divergentes.

BABALAÔ: sm.: sacerdote graduado na feitiçaria negra.

ETIM.: termo africano do ioruba que se liga ao radical *babá*, pai.

AR. GEOG.: usual na feitiçaria do Rio e da Baía.

ABON.: “De tal maneira estão sugestionados, que vão logo aos *babalaôs* indagar do futuro” (João do Rio, *As religiões no Rio*, pg. 14).

BABALORIXÁ: “pai de santo”.

ETIM.: composto do ioruba *bábá*, pai e *orixá*, santo; feiticeiro.

AR. GEOG.: Pernambuco.

BABALOXÁ: sm.: sinônimo de balalaô.

ETIM.: prende-se ao radical ioruba *babá*, pai.

AR. GEOG.: empregado na feitiçaria do Rio.

ABON.: “Talvez os *babaloxás* conheçam essas influências que muita gente nega” (H. de Irajá, 1932, pg. 57).

BABATAR: verbo intr.: apalpar, tatear.

ETIM.: do quimbundo prefixo verbal *ku* + *ba-bata*, apalpar.

AR. GEOG.: usado no E. do Rio (M. Soares, 1889).

BAIANI: sf.: festa que encerrava o ano religioso dos Nagôs.

ETIM.: termo iorubano.

AR. GEOG.: Baía.

BAMBÁ 1: sm.: dança dos negros ao som do estribilho *Bambá sinhá! bambá, querê!*

ETIM.: do quimbundo *mbamba*, jôgo, com acutição.

AR. GEOG.: outrora usual no E. do Rio, Minas, S. Paulo, Baía; hoje palavra morta.

BAMBÁ 2: sm.: bôrra do azeite de dendê.

AR. GEOG.: Baía.

BAMBAQUERÊ: sm.: dança do bambá.

ETIM.: do radical quimbundo *mbamba* + *querê*, alteração talvez de querer.

AR. GEOG.: Rio Grande do Sul.

BAMBARÉ: sm.: arruaça, vozeria.

ETIM.: termo quimbundo.

BAMBÊ: sm.: toponímico, sinônimo de limite, aceiro.

ETIM.: do quimbundo *mbambi*, limite, com acutização.

AR. GEOG.: E. do Rio (R. Garcia, *R. L. P.*, pg. 158).

BAMBULÁ: especie de guitarra.

ETIM.: termo quimbundo.

BANGUÊ: sm.: I, engenho de açúcar do tempo colonial; II, ladrilho de taxas nestes engenhos; III, a fornalha de objetos de cozimento do caldo; IV, trançado de cipós para carregar bagaço; V, cadeirinha antiga de tração animal; VI, padiola de conduzir cadáveres.

ETIM.: do quimbundo *mbanguê* (M. Soares, 1889).

AR. GEOG.: Mato Grosso, Goiaz, Minas, S. Paulo, Baía e Pernambuco.

ABON.: VI, na quadra popular da Baía.

“Negro gêge quando morre

Vai na tumba de *banguê*

Os parceiros vão dizendo:

Urubú tem que comê”.

BANGUELA 1: sm.: nome de um povo negro embarcado em Benguela.

Há também a forma *benguela*.

BANGUELA 2: adj.: pessoa sem os dentes do frente.

ETIM.: provém do costume dos banguelas que arrancavam os dentes da frente em criança.

BANGUELÊ: sm.: briga, desordem.

ETIM.: têrmo africano, (M. Soares).

AR. GEOG.: Minas.

BANGÚLA: sf.: embarcação de pesca.

ETIM.: têrmo quimbundo.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

BANGULÊ: sm.: dança dos negros com palmas e sapateados.

ETIM.: têrmo quimbundo.

AR. GEOG.: Cabo-Frio (M. Soares, 1889).

BANTU: têrmo aplicado às línguas africanas dos grupos central e sul.

E: têrmo quimbundo.

ETIM.: cafre do *ba* prefixo de plural + *ntu*, homem; significa portanto homens. A acentuação *bantú* é errônea uma vez que o têrmo é erudito.

BANZA: sf.: instrumento músico de cordas.

ETIM.: têrmo abundo (Saraiva, 1878) (139).

ABON.:

“Inda assim se eu não soubera
O como tens trastejado
Na *banza* dos meus sentidos
Pondo-me a viola em cacos.”

(G. de Matos, 1930, I, pg. 168).

(139) Podemos acrescentar que vem do quimbundo *mbanza*, banjo. (Chatelain, Folk-Tales of Angola, pg. 294).

BANZAR: v. intr.: pasmar de mágoa.

ETIM.: do quimbundo *ku*, prefixo verbal + *banza*, pensar.

ABON.: “Cobriu-o, e sentou-se à beira do girau, acendeu o pito e ficou *banzando*” (C. Neto, 1926, pg. 211).

BANZÉ: sm.: barulho, vozeria.

ETIM.: M. Soares derivou do quimbundo de *mazue*, plural de *rizue*, vozes, através da forma hipotética *mbanzue*. Pensamos todavia que é preferível o japonês *banzai, viva!* (G. Viana, 1906 I, pg. 127). Pergunta Dalgado: “quem o teria transmitido à gíria portuguesa e por que motivo?” (1917, pg. 682).

BANZEIRO: adj.: pensativo, muito triste e sem motivo.

ETIM.: derivado de *banzo*.

ABON.: “... crioulinhos tolhiços, avergados de magreza, iam e vinham *banzeiros*, coçando pe-rebas.” (C. Neto, pg. 8).

BANZO: sm.:

ETIM.: em quimbundo *mbanza* é aldeia e daí pensamos ter vindo *banzo*, saudade da aldeia e, por extensão, da terra natal. Propomos esta etimologia diante do silêncio dos autores.

ABON.: “Uma moléstia estranha, que é a saudade da pátria, uma espécie de loucura nostálgica, suicídio forçado, o *banzo*, dizima-os pela inanição e fastio, ou os torna apáticos e idiotas” (João Ribeiro, 1929, pg. 248).

BATÁ: sm.: tabaques de madeira, usados pelos africanos.

ABON.: “Os batás são empregados nas cerimônias externas” (M. Querino, 1927, pg. 187).

BATUCAGÊ: sm.: conforme me diz em carta Xavier Marques, é a dança do candomblé, acompanhada de vozeiro infernal.

ETIM.: derivado de *batuque*.

ABON.: “O som do batucagé, que cessara havia um quarto de hora, recomeçou frouxo e hesitante...” (X. Marques, 1922, pg. 44).

BATUCAR: v. intr.: tocar o batuque.

ETIM.: derivado de *batuque* + *ar*, sufixo verbal.

BATUQUE: sm.: dança com sapateados e palmas.

ETIM.: termo africano do landim *batchuque*, tambor, baile e nada tem que ver com o verbo bater (Dalgado).

ABON.: “Há anos em P. Alegre, para os lados da Azenha, havia um *batuque* de grande nomeada como “farmácia” de excelentes remédios em questão de amor”. (H. de Irajá, 1932, pg. 33).

BENDENGUÊ: sm.: jongo, dança dos negros.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Cabo-Frio (M. Soares, 1889).

BENGO: sm.: rua estreita e tortuosa, caminho intransitável.

ETIM.: derivado de *Bengo*, povoação angolense.

AR. GEOG.: Pernambuco.

BENGALA: sf.: bastão pequeno.

ETIM.: do quimbundo *mbangala*, bastão, com dissimilação vocálica e denasalação do grupo *mb*. segundo Macedo Soares. Acreditamos, porém, que o termo é industânico, e foi introduzido na África pelos portugueses, donde *mbangala*, bastão.

(P. do Nascimento).

AR. GEOG.: termo geral.

ABON.: “A flor baixa, se inculca por tulipa;

Bengala hoje na mão, ontem garlopa:

Mais isento se mostra o que mais chupa.”

(G. de Matos, 1930, I, pg. 46).

BINGA: sf.: chifre.

ETIM.: Beaurepaire Rohan e M. Soares derivam do quimbundo *binga*, chifre. Não a encontramos em dicionário desta língua.

AR. GEOG.: Sertão da Baía.

BIRIMBAU: sm.: instrumento músico.

ETIM.: corrupção de *marimbau*.

ABON.: “Chocolate, café, berimbau

E a correia na ponta do pau!”

(J. Ribeiro, *A Carne*, 1914, pg. 58).

BOBÓ: sm.: sopa de inhame.

ETIM.: do fulbe *bovó*, com assimilação do *v* em *b*

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “... *bobó*, outra espécie de sopa seca, feita de inhame ou fruta-pão, batida com azeite de

dendê, camarão e pimenta” (N. Rodrigues, 1932, pg. 181).

BOMBÓ: sm.: termo correspondente a bobó usado em Angola.

BOMBO: sm.: tambor grande.

ETIM.: M. Soares derivou do conguês *bumba*, bater (*R. Bras*, 1880). Pensamos contudo que vem do grego *bómbos*, ruído, através do latim *bombu* que pode ser onomatopáico. G. Viana derivou do italiano (1906, I, pg. 157). De qualquer forma não consideramos africano este vocábulo.

BONGAR: v. introd.: buscar, procurar.

ETIM.: do quimbundo *ku* prefixo verbal + *bonga*, procurar.

AR. GEOG.: Baía e Rio de Janeiro.

ABON.: “Qu’ê que ocê tá *bongando* aí?” (C. Neto, 1926, pg. 274).

BUGIA: sf.: espécie de candieiro de querozene.

ETIM.: derivado de *Bugia*, lugar da África onde se fabricavam velas de cera conhecidas por este nome.

AR. GEOG.: Portugal e Norte do Brasil.

BUGIO: sf.: macaco, mono.

ETIM.: de *Bugia*, cidade argelina, em cujas redondezas havia muitos macacos.

AR. GEOG.: R. G. do Sul, Mato Grosso.

BUNDA: sf.: nádegas, assento.

ETIM.: do quimbundo *mbunda*, nádegas, com denasalação do grupo consonântico inicial.

ABON.: “O choque de pai e mãe era uma dança de *bunda* com *bunda*, em que a eloquência acompanhava a ação”. (M. M. Filho, *Festas e Tradições*, pg. 520).

BUNDO: adj.: natural de Angola e como língua, equivalente de quimbundo.

ETIM.: do quimbundo *mbundu*, negro (P. do Nascimento).

BÚZIO: concha de marisco usada como valor monetário entre os negros do Brasil.

ETIM.: Saraiva derivou de *bujjis*, palavra usada nas costas da África (*Glossário*, pg. 238). Enganou-se: búzio vem do latim *buccinu*.

BUZO: sm.: jôgo dos negros novos do Brasil.

ETIM.: termo quimbundo.

CABAÇA: sm.: gêmeo que nasce em segundo lugar.

ETIM.: pensamos que vem do quimbundo *kabasa*, do mesmo significado.

CABAÇO: sm.: hímem, virgindade (têrmo chulo).

ETIM.: do quimbundo *kabasu*, virgindade.

ABON.: “Porque apenas t’o pedí,
Quando me virastes a anca,
Por um *cabaço* que finges
Me deste mil cabeçadas”.

G. de Matos, *Satírica* II.

CABINDA: sm.: nome de povo negro embarcado em Cabinda.

ABON.: "...deitadoras de exús, caraíbas babáloxás dos *cabindas* e fulas (H. de Irajá, 1932, pg. 122).

CABORGE: sm.: feitiço.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: N. do Brasil e Minas.

ABON.: "...e depois de bem cozido, o dito saquitel ou *caborge* foi pendurado por um cordão ao pescoço do cabra." (B. Guimarães, *Lendas e Romances*, pg. 14).

CABUNGO: sm.: bispote.

ETIM.: do quimbundo *ķibungu*, sentina (Pereira do Nascimento, Huila, 1903), com substituição do prefixo *ķi* por outro diminutivo, *ķa*.

CACHAÇA: sf.: aguardente.

ETIM.: termo africano (M. Maciel, 1918, pg. 244; A. Amaral, 1920, pg. 43, e N. de Sena, 1921, pg. 160).

ABON.: "— Tá doendo? Esfrega um bocado de *cachaça*" (C. Neto, 1926, pg. 80).

CACHIMBO: sm.: I, tubo para fumar terminado numa espécie de concha; II, jazida de mangânês; III, porção de terra em forma de prisma destacada de uma barranca vertical por dois talhos laterais.

ETIM.: do quimbundo *ķixima*, poço furado, coisa ôca, pela troca do prefixo *ķi* no diminutivo *ķa*.

AR. GEOG.: I, Cuba, Honduras, Venezuela, Equador, Perú. Chile, Argentina, Brasil; II, Minas Gerais; III, Pernambuco.

ABON.: "o sábio sorria adiando a lição para o dia seguinte, e com o *cachimbo*, o herbário e um saco de talagarça metia-se pelos matos" (C. Neto, 1926, pg. 14).

CACHINGUELÊ: sm.: nome de animal.

ETIM.: do quimbundo *ka*, prefixo diminutivo + *jingulu*, plural de *ngulu*, porco (M. Soares, 1888). Pensamos que sofreu influência indígena.

CACHUMBA: sf.: inflamação das parótidas.

ETIM.: talvez termo quimbundo.

CACUCO: o mesmo que *cacumbú* I.

CACIMBA: sf.: poço artificial ou escavação para atingir lençóis d'água subterrâneos.

ETIM.: do quimbundo *kixima*, poço, com substituição do prefixo *ki-* por *ka-* e evolução do *xi* para *ci*. (A. Chatelain, *Folk-Tales*, pg. 230). M. Soares diz que vem não de *kixima* bundo antigo e sim do atual, *cacimba* ou *cacimbo*, poço fonte, composto de *ca* dim. + *cimbo* denominação dada aos lugares onde se encontra água, cavando poços. (*Dicionário*, separata de 1889).

AR. GEOG.: África Portuguesa e Norte do Brasil.

CACIMBO: sm.: nevoeiro, garôa.

ETIM.: do quimbundo *kixibu*, com substituição do prefixo *ki-* por *ka-*, e evolução do *xi* para *ci*. (Chatelain, *Folk-Tales*, pg. 280).

CAÇULA 1: sm.: o filho mais moço.

ETIM.: do quimbundo *kazuli*, o último da família.

AR. GEOG.: termo geral no Brasil.

ABON.: "Havia um homem que tinha três filhos:

João, o mais velho, o outro Manuel e o *caçula* José" (S. Romero, *Contos*, pg. 124).

CAÇULA 2: sf.: ato de socar o milho no pilão.

ETIM.: do quimbundo *kuçula*, pilar, socar, com dissimilação do *u* pretônico em *a*.

ABON.: "E tirou para a casinha donde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos do pilão sôbre o milho. Faziam a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de idade" (F. Tavora, *R. Brasileira*, VIII, pgs. 320-4).

CACULO: sm.: gêmeo que nasce primeiro.

ETIM.: pensamos que vem do quimbundo *kaḱulu*, que nasce em primeiro lugar (P. do Nascimento, 1903).

CACUMBÚ 1: sm.: resto de enxada, ferramenta gasta

ETIM.: do quimbundo *ka*, prefixo diminutivo + *kimbu*, machado, com acutização.

ABON.: "...duas raparigas descascavam as raízes com os seus quicés ou *cacumbús* amolados que raspavam velozes, à porfia, procurando uma raspadeira dar o capote à outra". (A. Peixoto, *Fruta do Mato*, Rio, 1920, pg. 182).

CACUMBÚ 2: sm. dança dos negros africanos.

ETIM.: termo quimbundo.

CAFANGA: sf.: desprezo simulado por uma coisa desejada.

ETIM.: termo africano.

CAFIFE: sm.: I, moléstia que traz desânimo completo; II, série de contrariedades.

ETIM.: do quimbundo *cafife*, sarampo, moléstia sem gravidade mas que aborrece muito o doente; e daí por extensão passou a significar contrariedade.

AR. GEOG.: I, Minas e Rio; II, Pernambuco.

CAFIOTO: sm.: iniciado que já conhece os segredos e auxilia o pai de santo.

AR. GEOG.: na feitiçaria do Rio.

ABON.: Cláudio de Sousa, *Mariuza* (revista teatral).

CAFRE: sm.: nome de um povo bantu vindo para o Brasil.

ETIM.: do árabe *kāfir*, part. pres. do verbo *kaḡara*, mentir, ser infiel, e aplicado aos novos pagãos da África oriental. (A. Nascentes, *Dicionário*).

ABON.:

“Então vos pisavam Índios,
e vos habitavam *Cafres*,”

(G. de Matos, 1930, I, pg. 119)

CAFÚA: sf.: quarto de prisão para alunos nos colégios.

ETIM.: Compare-se com *cafundó* e *cafuné*, onde ha idéia de penetração.

ETIM.: Deriva-se de *kufundu*, cravar, com a substituição do prefixo *ku-* por *ka-*; bem como a dissimilação do *u* final em *o*, seguida de acutização.

AR. GEOG.: Rio.

ABON.: “Como é que se mora num *cafundó* assim?” (C. Neto, 1926, pg. 150).

CAFUNGE: sm.: moleque travesso.

ETIM.: termo africano.

CAFUNÉ: sm.: estalidos com o polegar no alto da cabeça.

ETIM.: Prende-se ao quimbundo *kufundu*, cravar, enterrar.

CALUGE: sm.: rancho de palha.

ETIM.: termo quimbundo. Há também a forma *calógi* em Pernambuco.

CALOMBO: sm.: inchação que às vezes origina tumor.

ETIM.: M. Soares deriva do quimbundo *kalumba*, jiba (*Dic. Bras.*). Todavia a palavra é da 2.^a classe, prefixo *mu* + *umba*.

CALUMBÁ: sm.: cocho do caldo nos engenhos de açúcar.

ETIM.: do quimbundo *kalumba*, corcovado, jiboso, com acutização.

CALUNDÚ: sm.: mau humor, aborrecimento.

ETIM.: B. Caetano derivou do guaraní *acandú*, cabeça palpitante (sic.) O termo é legítimo africano e já era usado em Angola onde G. de Matos o colheu. Vem do quimbundo *Ka-*

lundu, deus dos angolenses, com acutização
(C. da Mata, sub verbum, *kilundu*).

ABON.:

“Que de quilombos que tenho
Com mestres superlativos,
Nos quais se ensina de noite
Os *calundús* e feitiços”.

(*Satírica*, I, pg. 186)

CALUNGA: sm.: boneco.

ETIM.: M. Soares deriva do quimbundo *kalunga*,
mar, nome que os negros aplicaram ao deus
incognoscível dos missionários e para êles vago
como a extensão do mar. Representava-n-o
por figuras e bonecos.

AR. GEOG.: Pernambuco.

CAMAFONGE: sm.: sinônimo de *cafunge*.

AR. GEOG.: Pernambuco, Paraíba, R. Grande do
Norte e Alagoas.

CAMBA: sf.: o mesmo que mucama, de que se deriva.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.:

“Ninguem a uma e outra quita
Serem lindíssimas *cambas*.”

(G. de Matos, II, pg. 77)

CAMBADA: sf.: corja, súcia.

ETIM.: pensamos vir do quimbundo *kamba*, par-
ceiro + sufixo port. *ada*.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: “E’ preciso mandar para o inferno esta *cambada* de traiçoeiros”. (B. Guimarães, *Lendas e Romances*, pg. 87)

CAMBEMBE: adj.: ordinario, à tôa, usado na expressão “gente cambembe”.

ETIM.: pensamos vir do quimbundo *ka*, prefixo + *mbembe*, beldroega.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

CAMBONDO: sm.: amigo, amásio; II, auxiliar do pai de santo na feitiçaria.

ETIM.: Êste têrmo não aparece nos dicionários. Pensamos que vem do quimbundo *ka-*, prefixo + *mbanda*, arte de curar por encanto, e por extensão, aplicado do curandeiro ou feitiçeiro (Chatelain, *Folk-Taes*, por 268).

AR. GEOG.: I, Baía; II, Baía e Rio.

CAMBONE: sm.: o mesmo que cambondo II.

ABON.: “O chefe de cada mesa tem o nome de *enbanda* e é secundado por outro que se chama *cambone*”. (N. Rodrigues, 1932, pg. 397).

CAMONDONGO: sm.: rato pequeno.

ETIM.: do quimbundo *ka*, prefixo diminutivo + *mundongo*, rato. (M. Soares, *Dicionário*).

CAMUMBEMBE: sm.: mendigo, vagabundo.

ETIM.: pensamos vir do quimbundo *kamu*, vadiar + *mbembe*, ordinário, à tôa e, portanto, que vadia à tôa, mendigo.

AR. GEOG.: Pernambuco.

ABON.: “O quarto do seu Lula, o chão que o seu Lula pisava, a casa dos avós de seu Lula teriam aquele dono, um moleque, um *camumbembe*”. (Lins do Rego, *Banguê*, 1934, pg. 250).

CANDANGO: sm.: nome com que os negros designavam o português.

ETIM.: M. Soares diz ser quimbundo. No reino da Jinga, os portugueses chamam-se *ķangundu*.

CANDOMBE: sm.: dança sagrada, cangirê dos negros.

ETIM.: termo africano. Há também o adjetivo *candombeiro*.

CANDOMBLÉ: sm.: primitivamente era um baile africano, e em seguida suas práticas religiosas.

ETIM.: origem onomatopáica. (A. Ramos, *Os Horizontes mythicos do Negro da Baía*, pg. 10).

CANDONGA: sf.: I, benzinho; II, barulho, intriga.

ETIM.: do quimbundo *ķa*, prefixo diminutivo + *ndenge*, menor, pequeno. Há o adj. *candongueiro*.

ABON.: II, “enquanto êle não está dormindo, senão amanhã temos *candonga*.” (B. Guimarães, *Lendas*, página 29).

CANDONGAR: v. intr.: fazer intriga, mexericar.

CANGA: sf.: trave de madeira adaptado ao pescoço dos animais e usada nos carros de boi.

ETIM.: do quimbundo *ķanga*, prender, ligar (*Meinhof, Introduction*, pg. 171). Esta palavra influíu em *cogote*, originando *cangote*, pescoço; termo muito usado em Pernambuco e Alagoas.

ABON.: “Agora era para o cangote que eu reparava, para aquela penugem . . .” (Lins do Rego, *Banguê*, 1934, pg. 86).

AR. GEOG.: norte do Brasil.

CANJICA: sf.: papa de milho verde.

ETIM.: não nos parece africano como pensavam Carlos Pereira (*Gram. Hist.*, pg. 244) e M. Maciel (pg. 244). Podemos acrescentar que, em pesquisas posteriores, encontramos na obra de Richard F. Burton, *The Highlands of Brazil*, 1869, I, pg. 89, a origem asiática: “*Canjica* é a forma diminutiva de *canja*, uma palavra em que os Anglo-Indianos dificilmente reconheceriam a velha forma familiar *congee* ou caldo de arroz.”

CANJIRÊ: sm.: reunião de escravos para cerimônias fétichicas acompanhadas de dansas.

ABON.:

Sai, azar!

Vou-me benzer

Vou à casa do feiticeiro

Vou fazer

Meu *cangerê!*

(quadra popular da Baía).

AR. GEOG.: Minas Gerais e Baía.

CANHENGUE: sm.: adj.: avaro, mesquinho.

ETIM.: do quimbundo *kinjenje*.

AR. GEOG.: Pernambuco.

CANZÁ: sm.: instrumento músico feito de taquara em que se dão uns cortes transversais, por onde se faz passar uma varinha, que a faz ressoar.

ETIM.: t rmo africano. Apresenta também a forma *ganzá*, com abrandamento da consoante inicial.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: "Quando acabou foi bater no *ganzá*, cantando..." (B. de Magalhães, 1928, pg. 312).

CAPIANGO: sm.: ladrão, gatuno.

ETIM.: t rmo bant .

CAPIANGAR: verbo tr.: furtar com dextreza.

ETIM.: derivado de *capiango*.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: "Olha bem a cara dêle; êste maldito queria   me *capiangar* minha Florinda..." (B. Guimarães, *Lendas e Romances*, pg. 27).

CARCUNDA: sm.: jiba, corcova.

ETIM.: do quimbundo *ka*, prefixo + *rikunda*, costas, com a síncope do *i* pretônico. Há também a forma popular *cacunda* que vem diretamente de *ka kunda*, ao lado da forma culta *corcunda*.

AR. GEOG.: t rmo geral.

ABON.: I, *carcunda*.

"O chouriço grande   paio
Não sabe ler a guariba,
Quem tem *carcunda* tem jiba,
Antes de junho está maio".

(G. de Matos, 1930, I, pg. 306).

II, corcunda:

“Ninguém sabe entender os seus esgares bufos porque ele veste o amor, a *corcunda* e a tristeza de fitas, de galões, de guisos e de tufos...”

(Guilherme de Almeida, *Jogral*).

CARECA: adj.: calvo.

ETIM.: G. Viana (*Apost.*, I, 236) reconhece um aspecto cafreal no vocábulo e afirma não ser quimbundo. Todavia o quimbundo possui *ma-ko-ri-ka*, calvice, sendo provável que o termo se prenda a um radical semelhante do quimbundo.

CARIMBO: marca usada nas repartições e casas de negócio.

ETIM.: do quimbundo *ka*, prefixo diminutivo + *rimbu*, marca.

ABON.: “São os Tumbeiros que de presídio a presídio levam o bando de escravos, que por sordidez vão nus, e marcados a ferro em brasa com o *carimbo*, para o caso de fuga.” (J. Ribeiro, 1929, pg. 246).

CARURÚ: sm.: guisado peculiar à culinária baiana.

ETIM.: Carlos Pereira considerava africano, e como a maioria dos nossos africanistas, sem argumento. O vocábulo é o tupí *caá-rurú*, a folha grossa.

CASSANJE: adj.: pejorativo: ordinário, errado: português *cassanje*.

ETIM.: primitivamente nome de um povo negro que custava a falar português. Eram os *Kasanji* (Chatelain, op. cit. pg. 304).

ABON.: "E foi precisamente o que se deu com o príncipe Natureza, o Mirabeau *cassanje* das conferências do Recreio." (M. M. Filho, op. cit., pg. 515).

CASSARANGONGO: sm.: nome de um engenho da Baía, pertencente à família Calmon.

ETIM.: termo africano.

CATIMBAU: sm.: prática de feitiçaria ou baixo espiritismo.

ETIM.: pensamos que seja termo africano, todavia Rodolfo Lenz (*Dic. Etim.*, 183), dá o quechúa *katimpuy* como origem provável.

AR. GEOG.S Perú, Chile e Brasil (Com a forma *catimbó* é peculiar a Pernambuco).

CATINGA: sf.: mau cheiro.

ETIM.: Saraiva (*Glossário*, pg.245), Pacheco Júnior (*Gram. Port.*, pg. 156) consideram o termo africano. Pensamos todavia que o termo se prende ao radical tupí "*cati*, olor pesado" (Montoya).

CAXAMBÚ 1: nome de uma cidade de Minas Gerais.

CAXAMBÚ 2: sm.: é um tambor, depois a dança, depois o morro em forma de tambor.

ETIM.: termo africano de origem onomatopáica (A. Ramos).

AR. GEOG.: "... tudo dansando, e a trovoada batucando que nem *caxambú* e coriscos fuzilando". (C. Neto, 199).

CAZUMBA: sm.: não conseguimos apurar-lhe a significação.

ETIM.: termo africano, quimbundo.

ABON.: "Hum, hum,
Tá... tá, tá-lêlê.
Sentada no *cazumba*".

(B. de Magalhães, 1928, pg. 212).

CHAFARIZ: sm.: bebedouro público.

ETIM.: Pacheco Junior dá-lhe origem africana (*Gram. Hist.*, pg. 131). Carlos Pereira, que parece copiar Pacheco Junior, atribue-lhe a mesma origem (*Gram. Hist.*, pg. 244). Nelson de Sena, último em pronunciar-se sobre os africanismos no Brasil, ainda coloca *chafariz* entre os de "origem africana contestada por muitos *indianólogos* (sic) e vernaculistas" (*R. L. P.*, XII, pg. 160). *Chafariz* é o árabe *s'ahrij* com palatização da dental inicial, passagem da aspirada *h* a *f* e um *a* epentético.

COCHILAR: v. intr.: cabecear com sono.

ETIM.: do quimbundo *koxila*, dormir (Pereira do Nascimento, *Dicionário Português-Kimbundo*). João Ribeiro apontou esta origem em *A língua nacional*, 2.º edição, 1933, pg. 248.

ABON.:

“Pois se há sermão, nunca o ouvem,
Porque ou se põem de improviso
A *cochilar* como negros,
Ou se vão escapulindo”.

(G. de Matos, 1930, I, pg. 192).

Também Machado de Assiz o empregou na tradução do *Corvo*:

“Mas como eu, precisando de descanso,
Já *cochilava*, e tão de manso e manso,
Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais”.

(apud. Sousa da Silveira, *Lições de Português*,
2.º edição, pg. 353).

CONGA: sf.: prêmio dado ao dono da casa de farinha, de meia cuia em cada prensa.

ETIM.: parece termo africano (R. Garcia).

AR. GEOG.: Pernambuco.

CONGO: sm.: nome de um povo negro importado.

CONGADA: sf.: dança dos *congos*.

ABON.: “Têm ainda os africanos umas dansas guerreiras ou êsses similares de guerra que conservaram por muito tempo na América, desfigurados nas *congadas*.” (R. Pombo, *Hist. do Brasil*, II, pg. 480).

CORINGA: sm.: certas figuras do jogo de cartas.

ETIM.: termo africano. (Nelson de Sena).

CUBÁTA: sf.: choupana, morada dos pretos na África.

ETIM.: a nosso ver é o quimbundo *ḡubata*, casa.

ABON.: “Agarrados por surpresa, de repente, nas suas *cubatas* ou numa festa...” (Braz do Amaral, op. cit., pg. 46).

CUCUMBE: sm.: comida usada na Baía.

ETIM.: t̄rmo quimbundo.

ABON.: “Depois da refeição lauta do *cucumbe*, comida que usavam os congos e munhambanas nos dias da circuncisão de seus filhos, uma partida de congos põe-se a caminho.” (M. M. Filho, op. cit., pg. 157).

CUCUMBÍ 1: sm.: instrumento de música.

ETIM.: t̄rmo bantu.

ABON.:

“Meu Sam Benedito,
Venho lhe pedí
Pelo amor de Deus
Pr’a tocar *cucumbí*”.

(S. Romero, 1897, pg. 187)

CUCUMBÍ 2: sm.: “A essas ordens de negros de várias tribus, de face, lanhada e nariz deformado por uma crista de tuberculos, que descia do alto da fronte ao sulco mediano do lábio superior, o povo da Baía denominou de *Cucumbís*, e o das demais províncias de Congos”. (M. M. Filho, op. cit., pg. 155).

CUFAR: vb.: intr.: morrer.

ETIM.: pensamos que vem do quimbundo *ku*, prefixo verbal + *fa*, morrer.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: “— Não, zambí; o mulato *cufou*, mas não foi possível trazê-lo”. (B. Guimarães, op. cit., pg. 70).

CURIAR: vb. intr.: comer.

ETIM.: do quimbundo *ku*, prefixo verbal + *ria*, comer. Era termo só usado entre os negros, hoje parece morto.

ABON.:

“Toma lá *curiá*, meu filho!

“Toma lá *curiá*, meu filho!

(O *ķibungo* e o *ķilho janķão*, conto popular).

CORUMBA: sf.: mulher velha.

ETIM.: termo bantu.

ABON.: “Oia, *curumba*, s'ocê dá mais um passo pr'a mim, eu te pego!” (C. Neto, 1926, pg. 154).

DENDÊ: sm.: nome africano de uma palmeira do Congo e da Guiné, introduzida no Brasil desde o século XVI. E' muito abundante na Baía e regiões do São Francisco.

DENGO: sm.: designação familiar de menino.

ETIM.: do quimbundo *ndenge*, menino, que perdeu a nasal inicial. Há também as variantes *dongo*, *ndengue* e *ndongo*. Hoje é vocábulo morto.

DENGUE: sm.: choradeira de criança, manha.

ETIM.: do quimbundo *ndenge*, menino e, por extensão, choradeira, manha de menino.

ABON.: “Lina era uma bonita rapariga de vinte anos, sempre amolecida em *dengue* volutuoso”. (C. Neto, 1926. pg. 30).

DENGOSO: adj.: cheio de *dengue*.

ETIM.: derivado de *dengue*.

ABON.: Lúcia encostou-se à secretária, d’olhos baixos, resmungando em tom *dengoso*”. (idem, pg. 65).

DESBUNDAR: vb.: perder qualquer domínio sobre si mesmo. Cair na farra.

ETIM.: de *bunda*. E’ têrmo muito expressivo e popular.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “Si desmanchasse o casório, *desbundava* na arrilia . ” (Clovis Amorim, *O alambique*, 1934, pg. 56).

DIAMBA: sf.: nome de uma planta de que os negros faziam fumo.

ETIM.: julgamos vir do quimbundo *riamba*, cânhamo. Segundo nota Mário Marroquim, em Pernambuco e Alagoas, “vivem na língua popular as duas formas *liamba* e *diamba*” (*A língua do Nordeste*, pg. 29).

AR. GEOG.: norte do Brasil.

ABON.: “Depois num domingo, em tempo de colheita, quando em casa, descansando da se-

mana trabalhada, pitava a cabeça de *diamba*, eis que o cabra, apertado em roupas brancas, montado num cavalo de selas novas, riscou-lhe à porta". (Viriato Correia, *Minaretes*, Maranhão, 1902, pg. 42).

DUNGA: sm.: senhor. E' também uma figura de jogos de carta.

ETIM.: Vem de *dunga*, senhor, em língua dos negros da Costa (N. de Sena, *R. F. H.*, 1931, I).

ABON.: conservou-se da escravidão uma frase africana, espécie de saudação: *Dunga tará sinherêl*

EBÓ: sm.: oferenda na "macumba" composta quasi sempre de uma galinha preta, velas de cera, guisados africanos, deixados nas encruzilhadas. "Despacho", chama-a a gíria do Rio.

ETIM.: propomos o ioruba *egbó*, raiz, que teria evoluído para *ebó* como *Egbá* em *Ebá* na pronúncia da Baía. A presença de ervas e raízes nos *ebós* é frequente (D'Avezac).

ABON.: "O dr. Pereira Lima referiu-me entretanto o caso de um pobre diabo seu conhecido que, quando sabe de um *ebó* de "sustância", avança nos comestíveis". (H. de Irajá, 1932, pg. 66).

EFIFÁ: sm.: espécie de feitiço.

ETIM.: termo africano, provavelmente do ioruba.

ABON.: "O feitiço *efifá* é d'êste gênero: alguns coleópteros (besouros) sêcos e moídos são cola-

dos a uma forquilha”. (H. de Irajá, 1932, pg. 40).

ÊFÓ: sm.: guisado.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “...êfó, ainda uma sopa sêca, preparada de fôlha batida com camarão, galinha ou carne...” (N. Rodrigues, 1932, pg. 181).

EFÚM: sm.: cerimônia do culto fetichista dos negros.

ETIM.: termo iorubano.

ABON.: “Imediatamente, faz-se-lhe o *Efúm*, isto é, pinta-se-lhe a cabeça, descrevendo círculos concêntricos com as côres: branca, azul e vermelha”. (M. Querino, 1927, pg. 163).

EGUM: sm.: aparição nos candomblés.

ETIM.: Há também a forma *egungum*. Vem do ioruba *egun*, osso, esqueleto e por extensão “um homem surgido da morte” (A. Ramos, *Os Horizontes mythicos*, pg. 15).

ABON.: “Não precisei dos meios violentos do Caramurú da África, para saber do mais terrível mistério da religião dos minas: — o *egum* ou evocação das almas”. (João do Rio, *As religiões no Rio*, pg. 38).

ELEGBÁ: sm.: diabo.

ETIM.: a nosso ver a origem desta palavra está no ioruba *Eleguá*, diabo, que deu diretamente a forma *Eleguáva*, usada em Minas. Existe outra variante *Elegbará* (D’Avezac).

AR. GEOG.: Minas, Baía, Rio.

ABJN.: “*Elegbá, Elegbará* ou *Exú* é uma divindade fálica que entre os nossos negros, graças ao ensino católico, está quasi de todo identificada com o diabo”. (N. Rodrigues, 1932, pg. 339).

EMBANDA: sm.: feiticeiro que dirigia a “Cabula”, espécie de maçonaria negra.

ETIM.: a nosso ver, do quimbundo *mbanda*, feiticeiro (Meinhof, *Introduction*).

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “O chefe de cada mesa tem o nome de *embanda* e é secundado nos trabalhos por outro que se chama cambone”. (N. Rodrigues, op. cit., pg. 379).

EMPATE: sm.: embaraço, igualdade de situação.

ETIM.: O termo *empata* aparece na *Etiópia Oriental*, de frei João dos Santos como usado na África Oriental na mesma acepção do nosso. Daí Saraiva originar o nosso do africano, no que foi seguido por C. Pereira (*Gram. Hist.*, pg. 244) e Nelson de Sena (*R. L. P.*, XII, pg. 161). Desconfiamos destas aproximações empíricas e preferimos a origem românica.

ENDOQUE: sm.: feiticeiro.

ETIM.: a nosso ver, deriva-se do congues *ndokí*, feiticeiro, com um *e* prostético. (Meinhof, *Introduction*, pg. 158).

ABON.: “...o *endoque* (feiticeiro), os vantuafunos (escravos, vassalos e vassalas do rei)...” (M. M. Filho, op. cit. pg. 371).

ENGAMBELAR: v. intr.: seduzir, agradar para enganar.

ETIM.: talvez provenha de *ngimbelar*, ação e prática do *ngombo*, adivinho, feiticeiro em quimbundo. Existe a variante *engabelar* (João Ribeiro, *R. L. P.*, IV, 1920, pg. 52).

AR. GEOG.: Pernambuco.

ETÉ: sf.: praga.

ETIM.: termo africano.

ABON.: "Galinhas pretas no quintal servem de para-raios às *etés* de qualquer qualidade". (H. de Irajá, 1932, pg. 66).

ETÚ: sm.: espécie de feitiço.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Rio.

ABON.: "Esse misterioso serviço chama-se *etú*". (J. do Rio, op. cit., pg. 31).

EUBÁ: sm.: nome de uma língua muito falada pelos negros do Rio.

ETIM.: de *Egbá*, nome de povo, com vocalização do *g* em *u*.

AR. GEOG.: Rio.

ABJN.: "O *eubá* para os africanos é como o inglês para os povos civilizados". (Idem, pg. 2).

EXÚ: sm.: diabo, espírito maligno na macumba.

ETIM.: do ioruba *exú*, o espírito do mal.

ABON.: *Exú* tiriri, lô-nam barahô bebê
Tiriri lô-nam
Exú tiriri".

(Ladainha de pai de santo).

FIMBO: sm.: lança, azagaia de madeira usada pelos Cafres.

ETIM.: Os autores silenciam sôbre sua origem, mas nossa opinião é que vem do cafre-tetense *fumo*, lança, flecha (Courtois).

ABON.: "... e um momento, *fimbos*, zargunchas, azagaiis ouriçando-se alanharem-no, alancearem-no..." (C. Neto, 1926, pg. 184).

FUBÁ.: sm.: farinha de milho ou de arroz.

ETIM.: do quimbundo *fubá*, farinha, com acutização. (Chatelain, *Folk-Tales of Angola*, pg. 288).

FULA: adj.: pátrio: povo africano importado pelo Brasil. São os Fulahs, Fulbi ou Peul ou Paul da África.

ETIM.: do árabe *felah*, camponês; forma esta que se corrompeu em *fulah*.

FULO: adj.: amarelo, que muda de côr por efeito da raiva.

ETIM.: Cândido de Figueiredo deriva do lat. *fulvus*! O nome provém da côr dos pretos *fulos* ou amarelados, pois são mestiços que eram extraordinariamente irascíveis e esta é a gênese da expressão familiar "fulo de raiva".

GAMBÁ: sm.: marsúpio, comum no Distrito Federal.

ETIM.: a Beaurepaire-Rohan parecia têrmo africano (sub-verbo *sarué*). Carlos Pereira vai-lhe nas águas (*Gram. Hist.*, pg. 244). O vocábulo é o tupí *guá-mbá*, o ventre aberto, a barriga ôca.

GONGÁ: sm.: cestinha com tampa.

ETIM.: do quimbundo *ngonga*, cesto, com denasalização do grupo consonântico inicial e acutização.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

GONGOLÔ: sm.: centopéia, miriápod.

ETIM.: a nosso ver é o quimbundo *ngongôlo*, centopéia, com denasalização do grupo consonântico inicial e acutização.

AR. GEOG.: Maranhão.

ABON.: "Ainda com o nome de *gongolô* designa-se um miriápod (centopéia); (S. Fróis Abreu, *Na terra das palmeiras*, 1931, pg. 233).

GRIS-GRIS: sm.: talismã, escapulário da feitiçaria.

ETIM.: do ioruba *gri-gri*, feitiço (A. Ramos).

ABON.: "A autosugestão do atraso, da decadência, da mofina, conseqüente ao *gris-gris*, operava-se-lhe espontâneamente". (X. Marques, 1922, pg. 226).

GUANDÚ: sm.: fruto do guandueiro, planta leguminosa.

ETIM.: tanto o nome como o vegetal são importações da África.

ABON.: "Ao lado da navegação, em alguns de seus portos, devemos a introdução de algumas plantas, como dos quingombós ou quiabos e maxixes, do feijão preto (segundo alguns), do ca-

pim de Angola, do coqueiro de dendê, dos *guandús* e da malagueta..." (Varnhagen, 3.^a edição, I, pg. 282).

GUNOCÔ: sm.: "É a divindade das florestas, quer dizer fantasma". (M. Querino, 1927, pg. 149).

ETIM.: Esta palavra afigura-se-me ioruba, tanto mais que nela aparece a terminação *ocô* que é o ioruba *òkô*, alma.

GUZO: sm.: fôrça, vigor. Não é mais têrmo vivo.

ETIM.: do quimbundo *nguzu*, fôrça.

HAUSSÁ: adj.: pátrio: nome de um povo negro importado que falava a língua haussá.

ETIM.: de *haussá*, língua do Sudão.

ABON.: Conservou-se a palavra na expressão "arroz de *haussá*", guisado ainda hoje apreciado na Baía.

IAIÁ: sf.: senhora.

ETIM.: é corrupção africana da palavra *nhanhã*, em que o negro transformou a palatal *nh* na semi-vogal *y*, havendo desaparecimento completo das vozes nasais.

ABON.: "Sonhos, *iaíá*, está sonhos
feitos por mãos de sinhá".

(Pregão da Baía antiga).

IALÊ: sf.: mulher favorita entre os negros poligâmicos.

ETIM.: têrmo iorubano.

ABON.: "O que se dava é que uma tinha certa su-

perioridade sôbre as outras, caso em que era considerada *ialé...*" (Braz do Amaral, 1915, pg. 41).

IANSAM: sf.: nome africano de Santa Bárbara no culto gêge-iorubano.

IAUÔ: sf.: filhas de santo ou sacerdotisas do fetiche.

ETIM.: têrmo africano.

ABON.: "Os feiticeiros, mandingueiros, macumbeiros, ensinam a cantar certos versos quando as filhas de santo, *iauô*, estão em crise". (H. de Irajá, 1932, pg. 166).

IBÁ: sm.: receita de feitiçaria.

ETIM.: do ioruba *ibá*, cuia.

AR. GEOG.: Rio.

ABON.: "Abubaca Coelho, o alcoólico da rua do Rezende, tem o *ibá*, cuia com pimenta da costa e ervas para fazer mal". (J. do Rio, op. cit., pg. 54).

IEMANJÁ: sf.: deusa das aguas no culto gêge-iorubano.

ETIM.: do ioruba *yeye*, mãe + *eja*, peixe (A. B. Ellis, *The Yoruba speaking peoples*). Com efeito Iemanjá é figurada sob forma de sereia, metade mulher, metade peixe.

ILÚ: sf.: tabaque grande usado na música africana.

AR. GEOG.: Baía.

INDUNGA: sf.: não conseguimos apurar o sentido exato desta palavra.

ETIM.: é o quimbundo *ndungu*, pimenta.

ABON.:

“Indunga... indunga... indunga...
Indunga lacandunga, inguti...”

(Silva Campos, 1928, pg. 208).

INHAME: sm.: nome de um tubérculo comido sob a forma de farinha, planta asparagínea.

ETIM.: termo africano proveniente da raiz *nyame*, comer, existente em todas as línguas bantu. (Meinhof, *Introduction*). O nome tupi é *cará*.

IÔIÔ: sm.: senhor.

ETIM.: corrupção africana da palavra *nhonhô* em que se processou a despalatização do grupo *nh* para a semivogal *y*.

ABON.: “É de *idiá*, é de *iôio*,

Quem qué sonhá com meu amô!...”

(Prêgão da Baía).

IORUBA: sm.: nome de um povo africano que fala o ioruba ou nagô.

ETIM.: de *ioruba* língua sudanesa.

IROCÓ: sm.: receita de feitiçaria.

ETIM.: do ioruba *rôco*, árvore milagrosa, que tem virtudes divinas.

ABON.: “... o irocó, defumação das roupas, num fogareiro em que se queima azeite de dendê, cabeças de bichos e ervas”. (J. do Rio, op. cit., pg. 32).

JÊGUEDÊ: sm.: passo de uma dança dos negros.

ABON.: “e o *jêguedê*, em que ao compasso dos atabaques, com os pés juntos, os corpos se quebram aos poucos em remexidos sinistros”. (J. do Rio, *As Religiões no Rio*, Garnier, pg. 21).

JEREBITA: sf.: cachaça, mandureba.

ETIM.: termo africano.

ABON.: “... os capadócius, dando gritos de entusiasmo lascivo, invadiam a loja da quitandeira a pedir *jerebita*”. (X. Marques, 1922, pg. 125).

JIBONAN: adj.: pessoa que fiscaliza os exercícios espirituais dos negros fetichistas.

ETIM.: termo do ioruba.

JILÓ: sf.: fruta do jiloeiro, planta da família das Soláceas.

ETIM.: tanto o nome como a planta são de origem africana, segundo R. Rohan. Todavia Chate-lain deriva *njilu* do brasileiro *giló* e comenta: “This word, as well as the plants, is of American origin”. (*Folk-Tales*, pg. 294).

JIMBO: em.: dinheiro e primitivamente um marisco com valor de moeda entre os negros.

ETIM.: Macedo Soares deriva erradamente de *zimbu* (*Rev. Brasileira*, 1880). O verdadeiro étimo é *njimbu*, búzio em quimbundo. Há também a forma *zimbo*.

ABJN.: “Ambicioso avaro,
Das próprias negras amigo,

Só por levar a gaudere
O que aos outros custa *jimbo*".

(G. de Matos, *Satírica*, I, pg. 258).

JONGO: sm.: dança dos negros nas fazendas.

ETIM.: termo bantu.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro, Minas Gerais, S. Paulo.

LAGUIDIBÁ: sm.: espécie de contas pretas fabricadas com chifre de boi.

ETIM.: termo usado pelos nagôs.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: "O africano costumava enfeitar o corpo das crianças colocando no pescoço e na cintura corais e contas de tamanhos diversos, notadamente o — *laguidibá*". (M. Querino, in *R. A. B. L.*, 1927, n. 70, pg. 181).

LÉ: sm.: atabaque pequeno.

ETIM.: termo iorubano (A. Ramos, *Notas de Etnologia*, pg. 7).

LIBAMBO: sm.: corrente que prendia o pescoço de um escravo ao de outro, e também a que lhe prendia o tornozelo ao tronco.

ETIM.: do quimbundo *lubambu*, corrente.

ABON.: "... ajoujam-os pelo pescoço com a pesada cadeia, o *libambo*, em caso de rebeldia". (J. Ribeiro, *História do Brasil*, 1929, pg. 247).

LIMÁMO: sm.: chefe do culto dos Malês.

ETIM.: a nosso ver este vocábulo é o árabe *imam*, chefe que dirige as cerimônias do culto, com o artigo arabe *al*. De *al imam* ou *el imam* fez-se

lemané, forma popular da palavra. A forma *ïimamo*, mais culta, já utilizou a antiga forma portuguesa *imamo*, registrada por Bluteau. (A. Nascentes, *Dicionário*).

AR. GEOG.: Baía.

LUNDÚ: sm.: dança dos negros africanos.

ETIM.: os autores concordam em atribuir-lhe origem conguesa ou quimbunda; não lhe dão, porém, étimo algum. *Lundú* também se chama a música que acompanha a dança. Como o *lundú* era uma festa que acompanhava a colheita no campo, é possível se prenda sua origem ao cafre "*landu*, consequência, o que se segue a um ato" (Dohne's, *Zulu-kafir dictionary*).

MABAÇA: sm.: gêmeo. O mesmo que *babaça*.

ETIM.: termo quimbundo.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: "... encheu d'água as quartinhas dos santos *mabaças* Cosme e Damião". (X. Marques, 1922, pg. 152).

MACAMBA: sm.: companheiro, camarada.

ETIM.: do quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *camba*, camarada.

ABON.: "Três turmas de escolta ficaram estendidas e êle ganhou o mato, muito fresco, com os seus *macambas*". (C. Neto, 1926, pg. 193).

MACAMBÚZIO: adj.: tristonho, sorumbático.

ETIM.: adj.: talvez se prenda ao radical de *macamba*. Alguns consideram-no cafre.

MACOTA: sm.: maioral, graúdo entre os negros.

ETIM.: do quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *kota*, maior.

ABON.: “Sôbre um plano elevado — diz êle — assenta-se o dembo, no meio da sanzala, onde lhe colocam o trono, rodeado de seus *macotas*...” (R. Pombo, II, pg. 481).

MACÚLO: sm.: diarréia com prolapso da mucosa anal.

ETIM.: Uma raíz bantu-“*kulu*, enorme”. existente também em quimbundo, com o prefixo *ma* poderia ter originado *maculo*, moléstia que traz uma inflamação anal. (Meinhof, *Introduction*, pg. 202).

MACUMBA 1: sf.: feitiçaria, candomblé.

ETIM.: termo africano. Há também o adj. *macumbeiro*.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

ABON.: “E assim tem “siá” Florência uma infundável coleção de receitas dessa magia sinistra das *macumbas*”. (H. de Irajá, 1932, pg. 170).

MACUMBA 2: sf.: instrumento músico dos negros.

ABON.: “... produzindo esta mudança de efeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das *macumbas* em grande número...” (M. M. Filho, pg. 370).

MACUTA: sf.: moeda de cobre de Angola. Tem o valor de 30 réis.

ETIM.: é o quimbundo *mu*, prefixo de segunda classe + *kuta*, moeda, com a dissimilação do *u* pretônico em *a*.

ABON.:

“Levou-nos o dinheiro a má fortuna,
Ficamos sem tostão, real nem branca,
Macutas, corfeão, novelos, molhos:”

(G. de Matos, *Satírica*, 1930, II pg. 9)

MACUTO: sm.: mentira, inverdade.

ETIM.: do quimbundo *má*, prefixo plural da quarta classe + *kutu*, mentira.

ABON.: foi termo usado entre os negros e hoje parece desaparecido.

MALAMBA: sf.: desgraça, infelicidade.

ETIM.: pensamos que é o quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *lamba*, desgraça. Em Portugal, existe a expressão *chorar o lamba* = desgraças, colhida por Gonçalves Vianna. (*Palestras*, pg. 47).

AR. GEOG.: Pernambuco (R. Garcia).

MALUNGA: sf.: manilha usada pelos negros como distintivo de nobreza. (Fig. 17).

ETIM.: os autores silenciam mas o étimo é o quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *lunga*, manilha.

ABON.: no Museu Histórico do Rio de Janeiro há várias *malungas* em exposição.

MALÊ: sm.: negro muçulmano vindo do Sudão.

ETIM.: a nosso ver é corrupção do nome geográfico *Mali*, afamado império africano. Há o sinônimo *malinçe*.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: "...nos fundos da casa da "Princesa" concertavam os *malês* um plano de insurreição que devia abranger toda a cidade". (P. Calmon, *Malês*, 1933, pg. 40).

MALUNGO: sm.: camarada, companheiro. Sinônimo de *macamba*.

ETIM.: é termo quimbundo com certeza. Em relação ao étimo, não obtivemos nenhum resultado com nossas pesquisas. M. Soares deriva com dúvida de *mah'ugo*, vizinho, no que temos ainda mais dúvida.

ABON.: "Adiante um velho, pachorrento, sentado à beira da palhoça, tecia palha da costa, enquanto o *malungo* fazia balaios e samburás..." (X. Marques, 1922, pg. 11).

MANAFUNDO: sm.: príncipe, figura do cortejo na coroação de um rei negro no Rio colonial.

ETIM.: termo quimbundo.

MANDINGA: sf.: feitiço, talismã para "fechar" o corpo.

ETIM.: provém do nome geográfico *Mandinga*, na Guiné, lugar onde havia insignes feiticeiros. Houve a extensão do sentido e o termo passou

de “terra do feitiço” ao próprio “feitiço”. Há o adj. *mandigueiro*.

AR. GEOG.: é têrmo panamericano: Cuba, Costa Rica, Venezuela. Perú, Chile, Argentina, Brasil.

ABON.: é comum dizer-se que “uma coisa tem *mandinga*”.

MANIPANSO: sm.: ídolo.

ETIM.: têrmo africano segundo C. Figueiredo (*Novo Dicionário*).

ABON.: “... os moleques que lhe saíam à frente com ar idiota, maltrapilhos e sujos, ramelentos, estendendo a mão magra em gesto simiesco com o corpo gizado a arranhaduras, como *manipansos* de basalto lanhados a buril”. (C. Neto, 1926. pg. 10).

MANSA: sm.: rei, imperador na África sudanesa.

ETIM.: em nossa opinião vem do mandinga *mansa*, rei.

ABON.: “Na Gâmbia, apesar de já tão remota destruição do imperio Mandê, não pronunciam êles o nome de imperador ou *mansa* sem se inclinar.” (N. Rodrigues, 1932, pg. 106).

MARABÚ: sm.: sacerdote dos malês. O mesmo que *alufá*.

ETIM.: do árabe *marbut*, pròpriamente *ligado*, particípio passado do verbo *rabata*, ligar, ser piedoso. Foi têrmo introduzido no Brasil pelos negros muçulmanos.

AR. GEOG.: Baía.

MARACATÚ: sm.: dança dos africanos.

ETIM.: termo africano e nada tem a ver com o *maracá* como pensava Beaurepaire-Rohan.

AR. GEOG.: Pernambuco e Alagoas.

ABON.: “O baiano é um produto mestiço; é uma transformação do *maracatú* africano, das dansas selvagens e do fado português”. (Sílvio Romero, 1897, pg. XVI).

MARAFO: sm.: aguardente, cachaça.

ETIM.: termo africano colhido em uma “macumba”.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

ABON.: Cláudio de Sousa. *Mariuzza*.

MARIBONDO: sm.: inseto, vespa.

ETIM.: do quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *rimbondo*, vespa, que deu diretamente a forma popular *marimbondo*, de que *maribondo* já é uma alteração culta.

ABON.:

“Fui hoje ao campo da Palma,
Onde com súbito estrondo
Me investiu um *marimbondo*,
Que me picou dentro da alma”.

(G. de Matos, II, pg. 65).

MARIMBA: sf.: espécie de tambor.

ETIM.: do quimbundo, prefixo *ma* + *rimba*, tambor.

MARIMBAU: sm.: o mesmo que *birimbau*.

ETIM.: do quimbundo *mbirimbau*, com a simplificação do grupo consonântico *mb*.

MATACO: sm.: assento, coxas. Têrmo chulo, usado entre negros.

ETIM.: não vem de *matacataca*, plural de *ritacataca*, coxa, como diz Macedo Soares, aliás sem explicar a evolução da palavra. A nosso ver do quimbundo *mataku*, assento, e plural mais usado de *ritaku*, nome de quarta classe.

ABON.:

“Quem vai para a cova,
..... é *mataco*:

Água de flor do sovaco

Deu sempre vida a um morto”.

(G. de Matos, I, pg. 309).

MATANGA: sf.: velório, ato de velar um cadáver.

ETIM.: têrmo bantu.

ABON.: “... e a *matanga* (velório africano) começa, enchendo o espaço de rumores lamentosos, enquanto que as dansas funerárias exprimem a ação”. (M. M. Filho, pg. 162).

MATOMBO: sm.: canteiro, leira, em que se planta de estaca a mandioca.

ETIM.: talvez têrmo quimbundo. Há também a forma *matumbo*.

AR. GEOG.: norte do Brasil.

ABON.: "Fazia no tabuleiro os *matumbos*, para que Joaquim enterrasse as estacas de maniva..." (J. de Alencar, *Ubirajara*, pg. 89).

MATUNGO 1: sm.: cavalo velho, inútil.

ETIM.: termo africano. João Ribeiro derivou esta palavra de "*cu-tunco* parar, a que aplicado o sistema de derivações nominais viria *mu-tungue*, coisa que pára ou que não anda, parador" (*Dicionário Gramatical*).

ABON.: "...um roceiro que descia, com os casuás cheios de frutas na espinha de um *matungo*". (X. Marques, 1922, pg. 11).

MATUNGO 2: sm.: instrumento músico dos negros.

ETIM.: termo africano. Há também a forma *mutungo*.

ABON.: "A música dos negros é monótona: os seus instrumentos não passam do marimbau, do *matungo* (uma cuia com ponteiros de ferro), do tambaque (especie de tambor) e do pandeiro". (S. Romero, *Hist. da Lit.*, pg. 102-103).

MAXIXE: sm.: fruto de uma cucurbitácea.

ETIM.: os autores não lhe dão étimo, mas é o quimbundo *ma*, prefixo plural da quarta classe + *xixe*; plural de *rixixe*, maxixe. O termo conservou-se íntegro em português. Há também o derivado *maxixeiro*, planta do maxixe.

MAXAMBOMBA: sf.: os dicionários não registram. Era o antigo nome de Nova-Iguassú, estação da linha férrea no Estado do Rio.

ETIM.: parece termo africano.

MAZANZA: adj.: relaxado, indolente.

ETIM.: termo africano. Em Pernambuco e Alagoas, existe um cognato *manzanar*. (M. Marroquim, *A língua do nordeste*, pg. 148).

AR. GEOG.: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte.

MGANGA: sm.: termo respeitoso usado pelos negros, senhor.

ETIM.: os dicionários não registram mas pensamos que é o quimbundo *nganga*, feiticeiro.

ARON.: “— Zelómo, disse Joaquim Cambinda, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, lapássi? — Pensô, *mganga*”. (J. Ribeiro, *A Carne*, pg. 119).

MILONGA: sf.: palavrada, mexerico.

ETIM.: do quimbundo *mi*, prefixo plural + *longa*, palavra; plural mais usado de *mulonga*.

AR. GEOG.: Pernambuco.

MINGÔNGO: sm.: “Gongolô ou *mingôngo* é a larva dum inseto que ataca o côco babassú, — o *Bruchus nucleorum*, Fabr. Os naturais comem-no assado e reputam-no saboroso alimento”. (S. Fróis Abreu, 1931, pg. 233).

ETIM.: compare-se a *ngongolo*, centopéia.

AR. GEOG.: Maranhão.

MINHOCA: sf.: verme anélido.

ETIM.: Carolina Micaelis derivou de **mioca*, lat. *minare*. T. Sampaio dá corr. *mi-nhoca* ou *mi-nhoga*, o que é extraído, arrancado ou tirado. A nosso ver o vocábulo é o quimbundo *mu*, prefixo + *nhoka*, cobra, em que o *u* átono-pretônico se mudou em *i* (Cordeiro da Mata).

MIRONGA: sf.: segrêdo.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Rio.

MISSANGA: sf.: contas de vidro, jóias de pouco valor.

ETIM.: do cafre *mi*, prefixo de classe + *sanga*, continhas de vidro.

ABON.: “As infelizes vítimas do arbitrio e da cobiça negra trocam-se pelas *missangas* de vidro, pelos panos da Costa...” (João Ribciro, 1929, pg. 246).

MOBICA: s. m. e .: negro fôrro, escravo liberto.

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo da primeira classe + *bika*, escravo. A mudança de sentido pensamos explicar-se por continuar a tido como igual a escravo o negro fôrro. A consideração social de ambos era idêntica.

AR. GEOG.: Baía.

MOÇAMBIQUE 1: adj.: nome que tiveram no Brasil os negros procedentes de Moçambique.

ETIM.: do nome geográfico *Moçambique*, porto da Contracosta.

MOÇAMBIQUE 2: sm.: dança dos negros.

ETIM.: termo africano derivado de *Moçambique*, nome dos negros assim chamados.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: "...ê ele não quer que gente brinque, que danse *moçambique*, nem nada". (B. Guimarães, op. cit., pg. 48).

MOCAMBO: sm.: esconderijo, refúgio dos escravos fugidos.

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo + *kambu*, esconderijo. Há também o adj. *mocambeiro*.

ABON.: "Um desses quilombos ou *mocambos* de negros tornou-se extremamente notável no nosso país, e merece alguns momentos de atenção". (A. M. Perdigão Malheiro, *A escravidão no Brasil*, 1867, 3.^a parte, pg. 21).

MOCOTÓ: sm.: mão de vaca.

ETIM.: Carlos Pereira considera africano (*Gram. Hist.*, 1919, pg. 244) e Nelson de Sena também (*R. L. P.*, XII, pg. 161). o termo nunca foi africano: é o tupí *mo-cotog* ou *mocotó*, faz que jogue ou oscile.

MOLEQUE: sm.: menino, rapazote entre os negros.

ETIM.: do abundo *muleque*, menino. O feminino moleca tem a mesma origem *muleka*. Há em português os derivados *molecada*, bando de moleques, e *molecagem*, ato de moleque. Em Pernambuco e Alagoas se usa um bolo com-

prido e achatado conhecido por “pé-de-moleque”.

AR. GEOG.: termo geral no Brasil.

MONDIÁ: sm.: azar, jetatura, e, por extensão, rixas desavenças.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: “Foi hora aziaga em que entrou neste quilombo êsse arú que trouxe *mondiá* para desassossêgo de todos nós.” (B. Guimarães, *Lendas e Romances*, pg. 73).

MONGOLÔ: sm.: árvore de Angola.

ETIM.: de *mongolo*, árvore africana, com acutização. (C. de Figueiredo).

AR. GEOG.: Baía.

ABON.:

“Esta trombeta é de *mongolô*...

Êste cavalo é de *mongolô*...

Êste cabedal é de *mongolô*...”

(Silva Campos, 1928, pg. 164).⁷

MUAFA: sf.: bebedeira, embriaguez.

ETIM.: termo africano.

ABON.: “E havia *muafas* delambidas, carraspanas languidas...” (C. Neto, 1926, pg. 104).

MUAMBA: sf.: negócio ilícito, velhacaria.

ETIM.: do quimbundo *muhamba*, cesto em que os carregadores trazem a carga (P. do Nascimento).

Depois passou a significar carga contrabandeada.

AR. GEOG.: Distrito Federal, Ceará e outros Estados do Norte.

MUANA: sm.: pretinho, criança negra.

ETIM.: os dicionários nem sequer registram o termo. Pensamos que vem do cafre *mu*, prefixo da primeira classe + *ana*, filho (Courtois, Meinhof).

ABON.: "...quatro *muanas* (negrinhos) serviam de batedores ageis, fazendo negaças, cantando, gritando..." (M. M. Filho, pg. 379).

MUCAMA: sf.: escrava predileta que servia a senhora.

ETIM.: Beaurepaire-Rohan deriva com dúvida do tupí *mocambuara*, ama de leite e como a *mu-cama* não era *ama de leite*, ladeia a dificuldade com "uma degeneração de sentido". (*Dic. de Voc.*, 1889). Paulino Nogueira deriva *mucama* do "abaneenga *mokanby*, a que mostra a mama a que dá leite" (*Vocabulário Indígena*). Amadeu Amaral pergunta se é o tipo *mocambuara*, ama de leite, ou o bundo *mim-banda*, mulher? (*O dialeto caipira*, pg. 173). Quintino do Vale, cautelosamente ("segundo todas as probabilidades"), vai mais longe: o étimo está em "*mbo*, prefixo formador de verbos + *cam*, peito, que dá "*mbocam*, donde *mocama* ou *mucama*, perfeitamente de acôrdo com a fonética." (*Da influência do tupí no portu-*

guês, 1926, pg. 71). Ladeiam todos a ignorância do étimo ou com formas hipotéticas ou com explicações absurdas. O termo é simplesmente o quimbundo *muḱama*, escrava amásia de seu senhor e muito conhecido em Angola, formado de *mu*, prefixo da primeira classe + *ḱama*, que é um radical bantu. O cafre tetense possui *ḱama*, verbo tr., ordenhar, mungir. Há ainda as formas *camba* e *mucamba*. (Cordeiro da Mata, Pereira do Nascimento, *Dicionários*). (Fig. 18).

MUGUNZÁ: massa de milho cozido. Faz parte da culinária africana.

AR. GEOG.: norte do Brasil. No sul chama-se *canjica*.

AR. GEOG.: "...o *mungunzá*, massa de milho branco cozido com água, sal e côco..." (N. Rodrigues, 1932, pgs. 181-2).

MULAMBO: sm.: trapo, roupa esfarrapada.

ETIM.: termo quimbundo.

ABON.: "*Mulambos* trapejavam em cordas tendidas de muro a muro". (C. Neto, 1926, pg. 7).

MULUNGÚ: sm.: árvore, leguminosa.

ETIM.: é o mesmo que *mulungu*, nome de uma árvore africana, com acutização.

MUMBANDA: sf.: o mesmo que *mucamba*.

ETIM.: B. Rohan apela com dúvidas para *mi-nhandá*, mulher em quimbundo. Modernos dicionários desta língua não registram *mi-nbanda*.

AR. GEOG.: Pernambuco.

MUNGANGA: sf.: abóbora grande.

ETIM.: não é tupí como perguntava M. Soares (R. B., 1880) e parece termo bantú pela presença da consonância nasalada *ng* repetida. Há também a forma *moganga*.

ABON.: “Rompeu do mato no alto do caminho com uma *moganga* e um feixe de ervas”. (C. Neto, 1926, página 125).

MUNHAMBANA: nome de um povo negro importado no Brasil procedente do sul da África.

ETIM.: termo bantú.

MUNZUÁ: sm.: cesto comprido de bôca afunilada para pescar.

ETIM.: termo africano segundo Teschauer.

ABON.: “...outros concertando os seus anzóis, os seus puças, os seus *munzuás*, as suas rêdes”. (Silva Campos, 1928, pg. 222).

MUQUÁ: sm.: companheiro.

ETIM.: do quimbundo. (Pereira do Nascimento).

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: aparece no côro dos Cucumbis: “O *mu-quá!*”

MUQUILA: sf.: cauda, rabo.

ETIM.: os dicionários não registram êsse termo mas pensamos que é o quimbundo *mu*, prefixo da segunda classe + *kila*, cauda.

ABON.:

“Helena, calena,
Do papo lundú,
Cajila, *muquila*”.

(Silva Campos, 1928, pg. 213).

MURUNDÚ 1: sm.: morrete ou monte, montículo de coisas, de roupas, de pedras.

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo da segunda classe + *lundú*, montanha; com rotacismo.

AR. GEOG.: Estado do Rio (R. Garcia, R. L. P., III, página 177).

ABON.: quadra popular:

“João curutú,
Detrás do *murundú*
Comei êste menino
Com bolo de angú...”

MURUNDÚ 2: em.: nome de um cemitério no Rea-lengo, Distrito Federal.

ETIM.: do quimbundo *mulundú*, montanha.

MUSSURUMIN: sm.: nome que os negros maometanos davam a si próprios, enquanto o povo os apelidava *malês*.

ETIM.: corrupção de *muçulmano*.

AR. GEOG.: Baía.

MUTAMBA: sf.: nome comum de uma planta no Brasil (*G. ulmifolia*).

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo da segunda classe + *tamba*, tamarindeiro. O nome foi

dado à planta pelos negros em razão da analogia com a de seus país.

ABON.:

“Estas minhas amas
São de tamburará,
Mutamba, mutamba,
Vão-se embora já”.

(S. Campos, 1928, pg. 275).

MUXIBA: sf.: carne magra, pelanca. Por extensão, coisa ruim.

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo da segunda classe + *xiba*, veia, arteria.

ABON.: “Oia, *muxiba!* Oia, já qu’ocê não conhece. Tá vendo? E’ carne, *muxiba!*”. (C. Neto, 1926, pg. 35).

MUXINGA: sf.: surra, coça, tunda e, primitivamente, açoite.

ETIM.: do quimbundo *mu*, prefixo + *xinga*, açoite.

ABON.:

“Para tanto pecado é curta a sala,
Ide para a *muxinga* florescente.
Onde tanta vidrada flor exhala”.

(G. de Matos, I, pg. 54).

MUXOXO: sm.: sinal de engastamento, enfado: som produzido com a língua aderida aos dentes.

ETIM.: B. Rohan registra o termo sem mencionarlhe origem, sendo que os demais dicionários não o incluem. Afirmamos que é o quimbun-

do *muxoxu*, termo de significado igual ao nosso.

ABON.: "Ora, defuntos! respondeu Virgílio com um *muxoxo*". (Machado de Assiz *Braz Cubas*, Garnier, pg. 15).

MUZAMBÊ: sm.: não conseguimos apurar-lhe o sentido exato.

ETIM.: pensamos ser quimbundo, onde *muzambu* significa adivinhação. *Muzambinho* é termo conhecido em Minas Gerais.

ABON.:

"*Muzambê, muzambê*

Titi Maruê quer me comê."

(Silva Campos, *Folclore*)

NAGÔ: adj.: nome dos negros iorubanos importados do Sudão e que na Baía tiveram êsse nome.

NEMBANDA: sf.: rainha, segunda figura na antiga coroação dos reis negros no Rio colonial.

ETIM.: compare-se com *embanda, cambondo*.

ABON.: "Atrás da música caminhavam majestosamente o Neuvangue (rei), a *Nembanda* (rainha)..." (M. M. Filho, pg. 371).

NEUVANGUE: sm.: rei figura principal na antiga coroação de um rei negro.

ETIM.: termo africano de aspecto cafreal.

NGOMBE: sm.: boi, gado. Termo que desapareceu deixando vestígios no nome popular de uma erva medicinal, *mariangombe*, que o povo alterou para Maria-Gomes (Macedo Soares). Em

Alagoas e Pernambuco também existe uma erva chamada “brêdo *manjangome*” (M. Marroquim, *A língua do nordeste*, pg. 148).

ETIM.: do quimbundo *ngombe*, boi, vaca. Em cafre *ngombe* designa também gado.

NGUNGA: sm.: sino, sineta de colégio (têrmo que desapareceu da língua).

ETIM.: do quimbundo *ngunga*, sino (M. Soares, 1889).

OBÁ: sm.: príncipe entre os negros.

ETIM.: o têrmo é o ioruba *obbá*, rei, étimo êste que propomos como exato. (D’Avezac).

ABON.: “O príncipe *Obá* era um negro de estatura colossal, usava empinada carapinha, bigode êspero e cavaignac”. (M. M. Filho, pg. 534).

OBI: sm.: noz de cola, pequeno fruto originário da África e presente em todas as cerimônias feitichistas.

ETIM.: os autores dizem apenas que é africano. Podemos acrescentar que é o iorubá *obi*, cola. (D’Avezac).

AR. GEOG.: Baía e Rio.

ABON.: “Nos lanhos da cara puseram o pó da salvação e na bôca tem sempre o *obi*, noz de cola boa para o estômago e asseguradora das pragas.” (J. do Rio, pg. 3).

OCÚ: v. intr.: morrer. E’ legítimo têrmo africano e não se incorporou à língua.

ETIM.: os autores não o mencionam e muito menos tocam em sua origem. Podemos asseverar que é do ioruba *okù*, morrer (D'Avezac).

ABON.: quadra popular da Baía:

“*Ocú* babá

Ocú gelê,

Negro nagô

Virou saruê.”

OGÓ: sm.: mineral formado por grânulos de zirconi-
ta de mistura com monazita, que lhe empresta
um amarelo côr de ouro. Aparece nos leitos
de rios das regiões auríferas de Minas.

ETIM.: termo iorubano *ogó*, moeda, riquezas, ouro.
(Rodolfo Garcia, *R. L. P.*, III, pg. 178).

ABON.: “...cumpre-nos explicar que (*ogó*) é, con-
forme Burton (“The highlands of the Brazil”,
I, 316), “a base yellow metal found in sand,
and used to falsify gold”. Em Minas, próximo
de Mariana, ha um “córrego de *Ogó*.”

AR. GEOG.: Baía e Minas Gerais.

OGUN: sm.: deus da guerra na feitiçaria nagô.

ETIM.: termo iorubano.

ABON.: “...prometeu-me que *Ogun* ia declarar
guerra aos inimigos de D. Pedro”. (X. Mar-
ques, 1922, pagina 302).

OJÁ: sm.: faixa larga, bordada de búzios e contas.

ETIM.: termo iorubano.

OJÓ: sm.: oração, reza especial de feitiçaria.

ETIM.: termo iorubano.

- ABON.: “Este remédio que é tiro e queda para unir dois corações e deixá-los para sempre incendiados de amor, deve ser manipulado sob o murmúrio constante de certa oração — *ojó*.” (H. de Irajá, 1932, pg. 40).
- OKAIA: sf.: amásia, amante, mulher, quasi esposa.
ETIM.: termo africano. Em quimbundo, esposa é *muḱaji*, sendo provável que o vocábulo provenha do radical *ḱaji*, aportuguesado.
- AR. GEOG.: Minas Gerais.
- ABON.: “Sossega seu coração, menina. Quando Zambí vier falar outra vez com você, não fala que você não quer ser *oḱaia* dêle, não.” (B. Guimarães, *Lendas e Romances*, pg. 44).
- OLOBÓ: sm.: cola amargosa.
ETIM.: o termo assim como o produto vieram da África.
- AR. GEOG.: Distrito Federal.
- ABON.: “É no mundo das simpatias, pesando as pragas — (etés), analisando os *olobós* e despachos...” (H. do Irajá, pg. 191).
- OLORUM: sm.: deus supremo, abstrato, cuja objetivação é o céu, o firmamento, na mítica africana.
ETIM.: os autores dão como simples africanismo. Podemos ajuntar que é o ioruba *olôrom*, formado de *olou*, dono + *ároun*, céu e daí *olorum* significar dono do céu ou o deus supremo.

OPELÉ: sm.: instrumento de adivinhação usado pelos feiticeiros nas macumbas.

ORIXÁ: sm.: santa, divindade da feitiçaria.

ETIM.: podemos afirmar que é o ioruba *orisa*, deus secundário, feito de madeira. Em ioruba, o *s* corresponde a um fonema chiente equivalente ao nosso *ch*.

ORÔ: sm.: aparição, fantasma nas macumbas.

ETIM.: termo iorubano.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: "E' do mesmo gênero a aparição de *Orô* que, entre nós, só existe, ao que me consta, nos terrenos mais afastados." (N. Rodrigues, 1932, pg. 353).

OROBÓ: sm.: fruto semelhante ao obi e cuja mastigação torna fatal a praga que se diz.

ETIM.: é o mesmo termo que *olobó*.

OSSONHE: sm.: santo dos negros, de uma perna só.

OUBATALÁ: idolo bissexual, divindade hermafrodita dos negros sudaneses.

ETIM.: propomos o ioruba *Batalá* deus, um dos patronos da capital dos Iebus na África. Bowen deriva de *oba-ti-nlá*, o rei que é grande, ou *oba-ti-alá*, o rei que é branco. (apud A. Ramos, *Horizontes mythicos*, pg. 11).

OUGAN: sm.: chefe de candomblé, sacerdote graduado e também protetor do candomblé.

- ETIM.: é t rmo africano e a nosso ver talvez do ioruba *og *, casa. Há também a forma *ogan*.
- ABON.: Paulo conheceu-os e falou a mais de um. Eram *ougans* como  le, mas ainda em pleno exercício de suas fun es." (X. Marques, 1922, página 48).
- OX : sm.: sacerdote ou feiticeiro africano possuído por Xangô.
- AR. GEOG.: usado na feitiçaria da Baía.
- OXÓSSI: sm.: santo da caça entre os negros (Manuel Querino).
- ETIM.: t rmo iorubano.
- ABON.: "*Oxóssi*, o caçador v sgo e disforme, úmido das chuvas e verdoengo dos musgos..." (P. Calmon, 1933, pg. 104).
- OXUN: sf.: divindade feminina do culto g ge-iorubano.
- ETIM.: parece t rmo iorubano. Há o composto *Oxunmar *, o arco-iris.
- ABON.: "Oxun, senhora das águas, cabelos corridos e saia de palha, fartos seios e braços dobrados, tinha uma atitude tranquila de oferenda..." (P. Calmon, *Malês*, 1933, pg. 104).
- PACHOR : sm.: "rabos de boi", objeto de uso dos pais de santos.
- ETIM.: aparece na feitiçaria nagô.
- PANGO: sm.: erva mirt cea da África (*cannabais indica*), de cujas fôlhas os negros fazem uma espécie de fumo para cachimbar.

ETIM.: B. Rohan parece considerá-lo africano, pois pensa ser o “nome *angolense* do cânhamo”. M. Soares, baseado na afirmação de um angolense, diz que a árvore e o têrmo são de Angola. G. Viana, com outro significado, afirma tratar-se de um africanismo. *Pango* em cafre tem dois sentidos, “rabeça” e “cintura”. Em quimbundo, o canhamo chama-se *riamba* e no sertão africano *liamba*. Julgamos que o têrmo não é africano, mas industânico.

ABON.: “... estava Zambi Cassange, embrulhado em sua tipóia, aspirando tranquilamente baforadas de *pango* pelo comprido canudo de seu cachimbo de barro”. (B. Guimarães, página 12).

PAPAGAIO: sm.: ave trepadora.

ETIM.: P. Júnior considera africano (*Gram. Hist.*, 1878, pg. 131) e Carlos Pereira também, com a agravante de colocá-lo entre os vindos da África desde o século XVI (*Gram. His.*, 1919, pg. 244). Nelson de Sena põe entre os de “origem africana, contestada por muitos *indianólogos* e vernaculistas.” (*R. L. P.*, XII, pg. 160). O têrmo não é africano e sim o árabe *babaga*, com influência do latim *gaiu*, gaio. (Dozy, Equilaz e Lokotsch).

ABON.: Quanto à ancianidade do têrmo já aparece em D. Denis:

“Ela trazia na mão
 hun *papagay*, mui fremoso,
 cantando muj saboroso,
 ca entraua o ucrão”,

(Nunes, *Crestomatia Arcaica*, 2.^a edição, 1921, página 336).

PATUÁ: sm.: saco de couro que se leva a tiracolo.

ETIM.: Nelson de Sena considera africano (*R. L. P.*, XII, pg. 161). O termo é tupí *patauá*, cesto. Há também a forma *patiguá*. Também o considera africano, erradamente, o ilustre dialectologista, M. Marroquim, (*A lingua do nordeste*, página 158).

PEJI: capela do santo, instalada no interior da casa.

ETIM.: termo africano.

“Finda esta cerimonia, o santo é recolhido ao *Peji*.” (M. Querino, *R. A. B. L.*, pg. 153).

PICUMÃ: sm.: fuligem.

ETIM.: Alfredo Gomes considera africano (*Gram. Port.*, 18.^a edição, 1920, pg. 156) mas o vocábulo é o tupí *apecumã*.

PUÍTA: sf.: tambor dos negros, de forma cilíndrica.

ETIM.: os autores limitam-se a tê-lo por africano. Podemos adiantar que é o quimbundo *puita*, tambor, nome da terceira classe. De passagem, convém notar que a pronuncia *puíta* é errônea.

ABON.: “...mulheres bracejando aos guinchos e retroando, *puítas*, marimbas, urucungos e as

vozes estrugindo em borborinho horríssimo...”
(C. Neto, 1926, pg. 110).

QUENGA: sf.: guisado de quiabo com galinha.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Baía.

QUIABO: sm.: fruto do quiabeiro, planta da família das Malváceas, gênero *Hibiscus*.

ETIM.: o termo como o vegetal são de origem africana.

AR. GEOG.: termo geral.

ABON.: “E de canto a canto passeavam cágados, afocinhando *quiabos* e retraços de outras hortaliças.” (X. Marques, *O Feiticeiro* pg. 151).

QUIBACA 1: sf.: nome de um engenho da Baía, pertencente à família Calmon.

ETIM.: termo africano.

QUIBACA 2: sf.: bráctea das palmeiras.

AR. GEOG.: Alagoas. (B. Rohan).

QUIBANDO: sm.: peneira de junco.

ETIM.: os autores dizem ser africano e apenas Figueiredo aventura “talvez do quimbundo”. (*Nov. Dic.*). Podemos adiantar que é o quimbundo *ki*, prefixo da terceira classe + *bandu*, peneira

QUIBÊBE: sm.: iguaria de abóbora reduzida à consistência de papas.

ETIM.: termo africano. João Ribeiro muito acertadamente derivou do quimbundo *ki bembé*, assimilado em *quibêbe*, por influência de be-

ber (*Dicionário Gramatical*). Parece ter mesma origem *quimbembé*.

QUIBUNGO: sm.: “*Quibungo* é um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e também um grande buraco no meio das costas, que se abre quando êle abaixa a cabeça e fecha quando a levanta”. (N. Rodrigues, 1932, pg. 301).

ETIM.: os dicionários não o registram. O termo vem do quimbundo *ki*, prefixo da terceira classe + *bungu*, lobo.

AR. GEOG.: Baía.

QUILOMBO: sm.: povoação fortificada dos negros fugidos ao cativoiro.

ETIM.: B. Rohan deriva-os da língua bunda sem menção de étimo que afirmamos ser *kilombo*, povoação em quimbundo.

AR. GEOG.: com significação alterada é termo pan-americano: Venezuela, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil.

QUILOMBÓLA: sm.: escravo refugiado em quilombo.

ETIM.: derivado de *quilombo* + *óla*, sufixo português.

ABON.: “O regresso era fácil, alegre, sem risco, a não ser nos socavões da serra onde bandidos e *quilombólas* tocaiavam tropeiros”. (C. Neto, 1926, pg. 12).

QUIMAMA: sf.: iguaria de gergelim, farinha e sal.

ETIM.: do quimbundo *ki*, prefixo nominal +

myama, carne, comida (Mcinhof, *Introduction*, página 166).

QUIMANGA: sf.: vasilha de madeira em que os jangadeiros guardam comida.

ETIM.: R. Garcia pergunta se será t rmo africano e B. Rohan não fala em sua etimologia. Pensamos que é o quimbundo *ki*, prefixo da terceira classe + *manga*, cesto.

AR. GEOG.: de Alagoas ao Ceará.

QUIMBEMBE: sm.: pequena habita o de família pobre.

AR. GEOG.: Pernambuco.

ETIM.: talvez t rmo quimbundo.

QUIMBEMB : em.: bebida feita com milho fermentado.

ETIM.: ver *quibêbe*.

AR. GEOG.: Pernambuco.

QUIMBEMB QUES: sm. pl.: berliques que as crianças trazem ao pescoço. (R. Garcia).

ETIM.: t rmo quimbundo.

AR. GEOG.: Pernambuco.

QUIMB TE: batuque de escravos (hoje   vocábulo morto).

AR. GEOG.: Minas Gerais. (B. Rohan).

QUIMBOMBO: sm.: feiticeiro m r, "pai de terreiro".

ETIM.: t rmo africano.

QUIMBÔTO: sm.: feiticeiro.

ETIM.: t rmo quimbundo.

ABON.: “Na distribuição do dansado, esplêndido e aparatoso, há personagens típicos, figuras importantes, dentre os quais o Rei, a Rainha, o Capataz, o Língua, o *Quimbôto* (feiticeiro), um ou mais Marmêtos...” (M. M. Filho página 158).

QUINDIM: sm.: meiguice, enfeite. Dificuldade: *meus quindins*.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Baía.

QUINGOMBÔ: sm.: sinônimo de *quiabo*.

ETIM.: os autores consideram-no africano. Podemos precisar sua origem e dizer que é o quimbundo *kingombo*, quiabo, nome da terceira classe, com acutização.

AR. GEOG.: Rio.

ABON.: “Ao trato da navegação, em alguns de seus portos, devemos a introdução de algumas plantas como dos *quingombós* ou quiabos e maxixes...” (Varnhagen, *História do Brasil*, vol. I, pg. 282).

QUINGUINGÚ: serão feito pelos escravos para limpar as moendas dos engenhos.

ETIM.: termo de aspecto quimbundo.

AR. GEOG.: Pernambuco e Alagoas.

QUISSAMA: s.: nome de um afamado engenho de açúcar no Estado do Rio.

ETIM.: os autores não registram o termo. Vem de *Quissama*, cidade de Angola.

QUITANDA: sf.: venda de verduras, frutas e outros vegetaes comestíveis.

ETIM.: do quimbundo *kitanda*, fcira, nome da terceira classe, como indica o prefixo *ki*.

AR. GEOG.: t rmo geral no Brasil.

ABJN.: "Defronte da quitanda de Luíza, tinha a sua banca de marceneiro um creoulo liberto, de nome Duarte Mendes". (P. Calmon, *Malês*, página 45).

QUITUNGO: sm.: sinônimo de gong .

ETIM.: t rmo quimbundo.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro (B. Rohan).

QUIT TE: sm.: iguaria de apurado sabor.

ETIM.: do quimbundo *kitutu*, indigestão. Naturalmente um bom prato é repetido imprudentemente, o que produz  s vêzes uma indigestão...

QUIZILA: sf.: "E' a antipatia supersticiosa que os africanos nutrem por certos alimentos e determinadas a es". (M. Querino, *R. A. B. L.*, pg. 167).

ETIM.: do quimbundo *kijila*, preceito. A forma acima não vem nos dicionários. Há além desta as variantes *quijila*, *quezilia* e *quezila* que originou *quezilento*, *quezilar*.

RUM: sm.: atabaque grande.

ETIM.:   t rmo usado pelos negros iorubanos.

RUCUMBO: sm.: instrumento dos angolas feito de um arco de madeira flexível curvada por um fio grosso que se faz vibrar com uma varinha.

ETIM.: t rmo africano.

RUMPI: tambor de barro.

ETIM.: não vem nos dicionários. Derivado de *rum*, tambor.

ABON.: "... *rumpis* e ganzás do batucag , os pachoros do bruxo, os abed s de Oxum, cabaças, botijas, velas em meio consumidas, o entulho, a montureira do candomblé..." (P. Calmon, *Malês*, pg. 105).

SACU : s.: galinha de Angola.

ETIM.: não vem nos dicionários. Julgamos ser de origem africana.

SAMBA. sm.: danza dos negros. Hoje   t rmo bem vivo no sentido de composi o musical.

ETIM.: t rmo africano. Há os derivados *sambar* e *sambista*.

SAMBANGA: s. e adj.: indivíduo que aparece em uma festa sem ser convidado. Atoleimado, b bo.

(  esperto até de mais!)

ETIM.: não vem nos dicionários. Pensamos que seja t rmo africano.

AR. GEOG.: Minas Gerais.

ABON.: "Ah! você   *sambanga* mesmo, rapaz. Pois ela tem querer! Então feitiço não serve de nada?" (B. Guimarães, pg. 9).

SANSA: sf.: "A *sansa*   um outro instrumento africano que veio ao Brasil e que no país de origem

tem êsse nome entre os bechuanas...” (A. Cláudio, 1931, pg. 94).

ETIM.: do bechuana *sansa*, instrumento músico.

SARÁ: sf.: missa dos malês.

ETIM.: não vem nos dicionários. Talvez seja termo árabe trazido pelos negros muçulmanos.

AR. GEOG.: Baía.

SENZALA: sf.: alojamento dos negros nas fazendas.

ETIM.: do quimbundo *sanzala*, povoação e não *senzala* como diz Saraiva (*Glossário*, pg. 297).

Esta é forma culta, a popular é *sanzala*.

ABON.:

“De um tambor um general,
Um branco de um mameluco,
De uma *sanzala* um palácio,
E um galeão de um pantufo”

(G. de Matos, I, pg. 212).

SINHÁ: sf.: forma popular de *senhora*, criada pelos negros sôbre o masculino *sinhô*.

SINHÔ: sm.: forma popular de *senhor*, criada pelos africanos.

SOBA: sm: régulo africano.

ETIM.: do quimbundo *soba*, régulo, nome da nona classe. Apresenta forma culta *sova*, com abrandamento do *b* em *v*.

ABON.: “Desde logo a cubiça dos pais, e arbítrio dos reis e dos *sovas*, e o direito da guerra convulsionou como um terremoto todo o sertão negro”. (João Ribeiro, 1929, pg. 246).

SUNGAR: v. tr.: puxar para cima.

ETIM.: do quimbundo *sunga*, puxar + *r*, desinência de infinito.

ABON.: “Olhando para o ventre proeminente lembraram-lhe as calças: *sungou-as* de novo, no gesto habitual”. (A. Peixoto, *Fruta do Mato*, página 35).

SUSSÚ: s.: nome de uma língua importante da família mandinga. Foi com todas as probabilidades falada pelos negros importados no Brasil e aparece, para efeito poético de aliteração, na quadra popular da Baía:

“*Sussú* sossegue,
Vai dormir seu sono,
Deixe o amor dos outros
Que já tem seu dono”.

TAMINA: sf.: ração de comida fornecida aos escravos em uma tigela.

ETIM.: do quimbundo *tamina*, tigela, que passou ao português sem o prefixo *ri* de sua classe.

ABON.: “Era um espetáculo curioso, a *tamina*... o povo juntava-se no eito, cada qual com a sua vasilha”. (C. Neto, *Palestras*, pg. 94).

TANGA: sf.: pano que encobre as partes genitais.

ETIM.: do quimbundo *ntanga*, pano, capa (Dalgado).

ABON.: é termo bem vivo no falar carioca onde a expressão “de tanga” equivale a sem nada, limpo de dinheiro e de roupas.

TATANGUÊ: nome de um pássaro.

ETIM.: têrmo africano.

ABON.:

“Bico subiano,
Pená de *tatanguê*,
Cadê la jacabana,
Bota, bota, vamos ver”.

(Silva Campos, 1928, pg. 215)

TARIMBA: sf.: estrado em que dormem os soldados.

ETIM.: Carlos Pereira considera africano (*Gram. Hist.*, pg. 244). Tarimba é o árabe *tarima* (A. Nascentes, Dicionário).

TECEBÁ: sm.: rosário dos malês, de meio metro de comprimento, noventa e nove contas de madeiras, terminado numa bola em vez de cruz.

ETIM.: não vem nos dicionários. Era têrmo usado pelos negros mas parece árabe.

AR. GEOG.: Baía.

ABON.: “Feita a reza no pesado *tecebá*, o mais velho dos malinkes interrogou a moça”. (P. Calmon, 1933, pg. 42).

TUTÚ: sm.: I, fantasma com que se faz mêdo às crianças, “papão”; II, indivíduo valentão, maior mandão; III, comida comum à maior parte do Brasil, feita com feijão preto e farinha de mandioca.

ETIM.: Alberto Faria, em “Aerides” (pgs. 33-34), baseado em Cordeiro da Mota, derivou do quimbundo *kitutú*, “papão”.

UANTUAFUNO: sm.: "... os *uantuafunos* (escravos, vassallos e vassalhas do rei), luzido e vigoroso grupo daquelas festas tradicionais e genuinamente africanas..." (M. M. Filho, página 371).

ETIM.: termo africano.

URUBÁ: adj.: nome de certos negros da Baía que tinham a cara cortada e diferenciavam-se assim dos *efans*, "caras queimadas".

URUCUNGO: sm.: instrumento músico que consta de um arco de madeira preso nas extremidades por dois ou mais fios paralelos. No centro do arco, internamente, adapta-se uma cuia que age como ressoador.

ETIM.: M. Soares deriva de *ricundo*, círculo, em quimbundo (*R. B.*, 1880). Canecatim, base das etimologias de Soares, dá *ricúndu*, círculo. O termo é quimbundo mas não aceitamos êste étimo.

VATAPÁ: sm.: "o *vatapá*, especie de purée ou quasi pasta, preparado com o pó de arroz ou outra farinha, a que incorporam camarão pisado, ou galinha, carne ou peixe, tudo banhado em alta dose de azeite de dendê e fortemente apimentado". (N. Rodrigues, 1932, pg. 181).

ETIM.: vocábulo da língua ioruba.

AR. GEOG.: Baía.

VÚ: sm.: sinônimo de *puíta*.

ETIM.: vocábulo onomatopáico.

AR. GEOG.: Sergipe (B. Rohan).

XACÔCO: adj.: sinônimo de cassanje.

ETIM.: do quimbundo *xacôco*, linguareiro (Cane-
catim).

ABON.: "O brasileiro é o *xacôco*, estragador dos
tipos sintáticos, que não sabe zelar a pureza
do verbo culto de que se tornou legatário".
(X. Marques, *A cultura da língua nacional*,
Baía, 1933, pg. 96).

XANGÔ: sm.: deus litolátrico da feitiçaria.

ETIM.: vocábulo da língua ioruba.

XAPONAN: sm.: deus da varíola entre os negros.

ETIM.: vocábulo iorubano.

XAQUE-XAQUE: sm.: instrumento dos negros afri-
canos.

ETIM.: vocábulo onomatopáico.

XAXÁ: sm.: governador, representante do soba em
uma feitoria da costa da África.

ETIM.: termo africano.

ABON.: "O mulato fluminense, Felix Sousa, o pri-
meiro *xaxá* de Ajuda, foi declarado oficial-
mente pelo rei Guesô, o primeiro dos brancos".
(M. Rodrigues, página 253).

XENDENGUE: adj.: magro, franzino.

ETIM.: derivado do quimbundo *ndenge*, pequeno,
diminuto.

AR. GEOG.: Pernambuco.

XEQUERÊ: sm.: instrumento músico dos negros.

ETIM.: vocábulo onomatopáico.

ABON.: “Imediatamente, num acesso de paixão, despertaram os *xequerês* com fragor...” (X. Marques, 1922, pg. 51).

XÉRÊ: vasilha de cobre cheia de calhaus, semelhante a um chocalho e objeto de mistério na feitiçaria.

ETIM.: Há também a forma *xeréré*. É termo onomatopáico.

XIBA: sf.: dança, samba.

ETIM.: termo africano.

AR. GEOG.: Rio de Janeiro.

ABON.: “Levam às vêzes semanas inteiras em *xibas* ou sambas”. (S. Romero, *Cantos*, 1897, página V).

XINGAR: v. intr.: injuriar, ofender.

ETIM.: do quimbundo *xinga*, injuriar.

ABON.: “*Xinga-te* o negro, o branco te pragucja
E a ti nada te alcja”.

(G. de Matos, I, pg. 269).

XÚXÚ sm.: planta cucurbitácea.

ETIM.: termo africano (Nelson de Sena).

ZABUMBA: sm.: bombo.

ETIM.: termo africano cujo radical parece ser o congua *bumba*, bater. G. Viana aproxima do espanhol *zambomba* (*Apost.*, I, pg. 157). É termo popular e muito usado na roça onde o Carnaval se caracteriza pelo *zabumba*.

ZAMBÍ: sm.: chefe de quilombo.

ETIM.: do quimbundo *nzambi*, deus. Há também a forma *zumbi*, mais comum, que vem de *nzumbi*, com acutização

ZAMBO: adj.: o que é filho de preto e índio. Tem a pele escura e os cabelos lisos. Também se diz *cafuso*.

ETIM.: termo africano.

ZEBRA: sf.: equídeo africano.

ETIM.: termo conguês segundo Larousse (A. Nascentes, *Dicionário*).

ZORÓ: sm.: iguaria de camarões e quiabos.

ETIM.: pertence à culinária africana.

ABON.: "Oia, amenhã tem *zoró* lá em casa". (C. Neto, 1926, pg. 61).

ZUNGÚ: sm.: briga entre os negros.

ETIM.: do quimbundo *nzangu*, rixa, com assimilação do *a* em *u*, simplificação do grupo *nz* em *z*, e por fim, acutização. (P. do Nascimento s. v. "barulho — *nzangu*").

ABON.: "Que mandava passar toda a canalha a *relho*. Não queria *zungús* em casa". (C. Neto, *Trova*, pg. 218).

Apêndice

Opiniões da crítica sôbre este livro:

“Trata-se de trabalho de autêntico valor, no qual se propõem e não raro se resolvem muitos problemas referentes à etnografia e à linguística africana”.

Lindolfo Gomes

(in *Jornal do Comércio*, de 26-11-1933).

“Inegavelmente, o trabalho de Renato Mendonça é a primeira tentativa séria sôbre a linguística africana e sua influência no Brasil”.

Artur Ramos

(in *Boletim de Ariel*, Novembro de 1933).

“A impressão — muito leal e muito sincera com que fiquei de leitura de seu trabalho, é a de que o Brasil conta um novo Erudito capaz de honrar as brilhantes tradições dos seus estudos linguísticos. E é-me particularmente grato que êsse Erudito saia do Colégio Pedro II, Escola com admirável quinhão nessas tradições”.

Rebello Gonçalves

(Professor da Faculdade de Letras de Lisboa)

“O seu livro *A Influência Africana no Português do Brasil* é notável contribuição para o estudo e conhecimento completo da nossa língua em todas as alterações e todos os acréscimos que a tem modificado e enriquecido”.

Xavier Marques
(da Academia Brasileira de Letras)

“A assimilação do elemento afro-negro na língua portuguesa tem neste livro um estudo exaustivo, feito com processo das verdadeiras sondagens, de modo que não raro se tem a impressão de estar travando conhecimento com um dêsses *agregés* de universidades que envelhecerão acumulando riquezas léxicas para a vantagem pródiga do próximo.

“Muito há que elogiar neste livro que foge à estrutura antipática dos problemas gramaticais e envereda, com amável segurança para a categoria dos estudos de J. J. Nunes, Leite de Vasconcelos e Meillet”.

José Geraldo Vieira
(*A Nação*, de 15-4-1934).

“Li, com grande proveito para minha humilde cultura, vossa monografia — *A Influência Africana no Português do Brasil* e, ciente da vossa idade (*vinte anos*), maravilhei-me com as aquisições na mesma reunidas”.

Evaristo de Moraes
(carta, em 6-2-1934)

O Autor analisa especialmente a ação dos falares africanos na fonética portuguesa do Brasil e apresenta um curioso vocabulário em que reúne cerca de 300 palavras de origem africana.

MENDES CORRÊA

(Diretor do Instituto de Antropologia de Portugal).

Addendum

EXPLICAÇÃO DOS MAPAS TOPONÍMICOS

Os presentes mapas representam um esforço de localização dos topónimos derivados das línguas negras. É a primeira vez que, entre nós, se procura esboçar uma carta com êste objetivo. Fizemo-la baseada nos mapas existentes na Biblioteca Nacional.

Não nos apegamos à escala. Se o tivessemos feito alguns dos acidentes representados, não o poderiam ser em cartas de tão exiguas dimensões. A nossa preocupação unica foi mostrar a ocorrência de nomes geográficos de origem africana. Daí exagerarmos o tamanho de certos rios, ilhas e serras.

A maior ou menor abundância de lugares indicados em certos Estados não implica na predominância nestes em relação aos outros de nomes de origem negra. Coligimos em quasi todos muito maior número de termos geográficos do que os indicados. Em Minas, onde figuram quarenta, sabemos da existência de mais de cem. O mesmo diremos para o Estado do Rio, Baía, Alagoas. Mas os mapas consultados não nos forneceram maiores indicações.

Em alguns Estados é lastimável a escassês ou fal-

ta de bons mapas. Do Rio Grande do Norte a Biblioteca possui doze mapas gerais, todos os quais consultámos. Só pudemos localizar um rio, uma lagoa e uma povoação. E não se diga que pouco mais se pode apresentar. Sabemos de povoações, rios e fazendas. Os mapas dêste Estado, por nós verificados, são falhos e antigos.

No Amazonas ha pouca coisa. O Prof. Jaques Raimundo cita a ilha de Cachimbo, no rio Japurá, entre as ilhas de Pequiá e Paranari; e Marimbinha, lago no municipio de Manaus. Os mapas não os localizam. Procurámos o primeiro, sem obter resultados, em cartas especiais do rio Jamundá. Não encontrámos outras indicações nos livros e mapas (*).

O lago Cachimbo, no Pará, foi localizado de acôrdo com a planta do rio Jamundá, levantada por Barbosa Rodrigues, em 1875. A ilha de Iaiá não encontrámos nos mapas. Arriscámo-nos a situá-la, uma vez que conhecemos a sua posição exata.

A lagoa Zumbi, no Rio Grande do Norte, foi tirada do trabalho do Tte. Vital: "Coast of Brazil from the St. Roque channel to Formosa".

No Rio Grande do Sul há um número bem excessivo de têrmos geográficos de procedência africana. Os indicados foram feitos de acôrdo com o "Mapa da viação do Estado do Rio Grande do Sul — Inspetoria Federal de Estradas — 1928".

(*) Ver o *Elemento afro-negro na Lingua portuguesa*, Rio, 1933.

Evitámos os topónimos cuja etimologia africana é errônea ou duvidosa, como por exemplo: Macacos, Bananas, Bananal, Bananeira, Catinga, Búzio, etc. Procurámos acompanhar as conclusões do autor deste livro — para o qual os mapas foram feitos especialmente. Houve, porém, de nossa parte um lapso: Carurú, Caruruzinho (Alagoas). O mapa já estava pronto quando verificámos que o Prof. Renato de Mendonça se insurge contra Carlos Pereira e outros e dá-lhe etimologia tupí.

Os nomes representados nos mapas em preto são os de procedência africana. Em vermelho estão os de rios próximos ou principais, afim de que se possa fazer uma idéia mais exata da situação dos lugares que interessam.

Abaixo citamos os mapas que maiores dados nos forneceram.

- I — Estado do Maranhão — Carta organizada na Secretaria do Estado do Interior, pelo engenheiro José Abranches de Moura — 1925.
- II — Estado do Ceará — Mapa organizado por Teodoro Pompeu Sobrinho — 1931.
- III — Mapa dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba com parte dos Estados limítrofes, sob a direção dos engenheiros Horace E. Williams e Roderic Crandall.
- IV — Estado da Paraíba — Inspetoria de Obras contra as Secas — Mapa organizado pelo engenheiro Roberto Miller.

- V — Estado de Pernambuco — Inspetoria de Obras contra as Sêcas — Guilherme Lane.
- VI — Estado de Alagoas, organizado pelos engenheiros Guilherme Lane e Virgílio Pínhheiro — Junho de 1917.
- VII — Carta corográfica do Estado de Pernambuco, organizada pelo Dr. Sebastião de Vasconcelos Galvão.
- VIII — Estado de Sergipe — Inspetoria Federal de Estradas.
- IX — Mapa do Estado de Sergipe e da parte nordeste do Estado da Baía, pelo engenheiro Ralph H. Soper — Ministerio da Viação e Obras Públicas — Julho de 1914.
- X — Mapa da viação do Estado da Baía, publicado no período presidencial do Dr. Washington Luis — Inspetoria Federal de Estradas — 1930.
- XI — Carta corográfica do Estado do Rio de Janeiro para comemorar o Centenário da Independência, executada de 1920 a 1922.
- XII — Mapa da viação do Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo — Inspetoria Federal de Estradas — 1930.
- XIII — Carta do Distrito Federal, levantada, desenhada e impressa pelo Serviço Geográfico Militar — 1922.
- XIV — Carta geral do Estado de S. Paulo — Instituto Astronómico e Geológico de S. Paulo — 1933.
- XV — Mapa da Viação dos Estados do Paraná e

- Santa Catarina, publicado no período presidencial do Dr. Washington Luis — Inspeção Federal das Estradas — 1928.
- XVI — Mapa do Estado do Paraná, de Romário Martins.
- XVII — Mapa do Estado do Paraná, organizado pelos engenheiros; militar Alberto Ferreira de Abreu; civil Cândido Ferreira de Abreu e geógrafo Manoel F. Ferreira Correia.
- XVIII — Mapa do Paraná — J. Moreira Garcez e F. Gutierrez Beltrão, organizado por ordem do Governo do Estado — 1922.
- XIX — Mapa do Estado de Santa Catarina, organizado de acôrdo com os ultimos dados existentes, pela Inspeção de Estradas de Rodagem — 1930.
- XX — Estado de Minas Gerais — Carta física e política organizada pelo Serviço de Estatística Geral da Secretaria de Agricultura, Industria, Terras, Viação e Obras Públicas, segundo a divisão administrativa e judiciária vigente em 1930 — José Ximenes Cesar.
- XXI — Goiaz — Inspeção Federal das Estradas — Dezembro 1913.
- XXII — Mapa do Estado de Goiaz, organizado em 1918 — Fr. Reginaldo Tournier.
- XXIII — Estado de Mato Grosso — Inspeção Federal de Estradas — Dezembro 1913.

Março de 1935.

CARLOS MARIE CANTÃO



1 — CABINDA



2 — QUILÔA



3 — REBOLA

(Reproduções de uma gravura de Rugendas)



4 — MINA



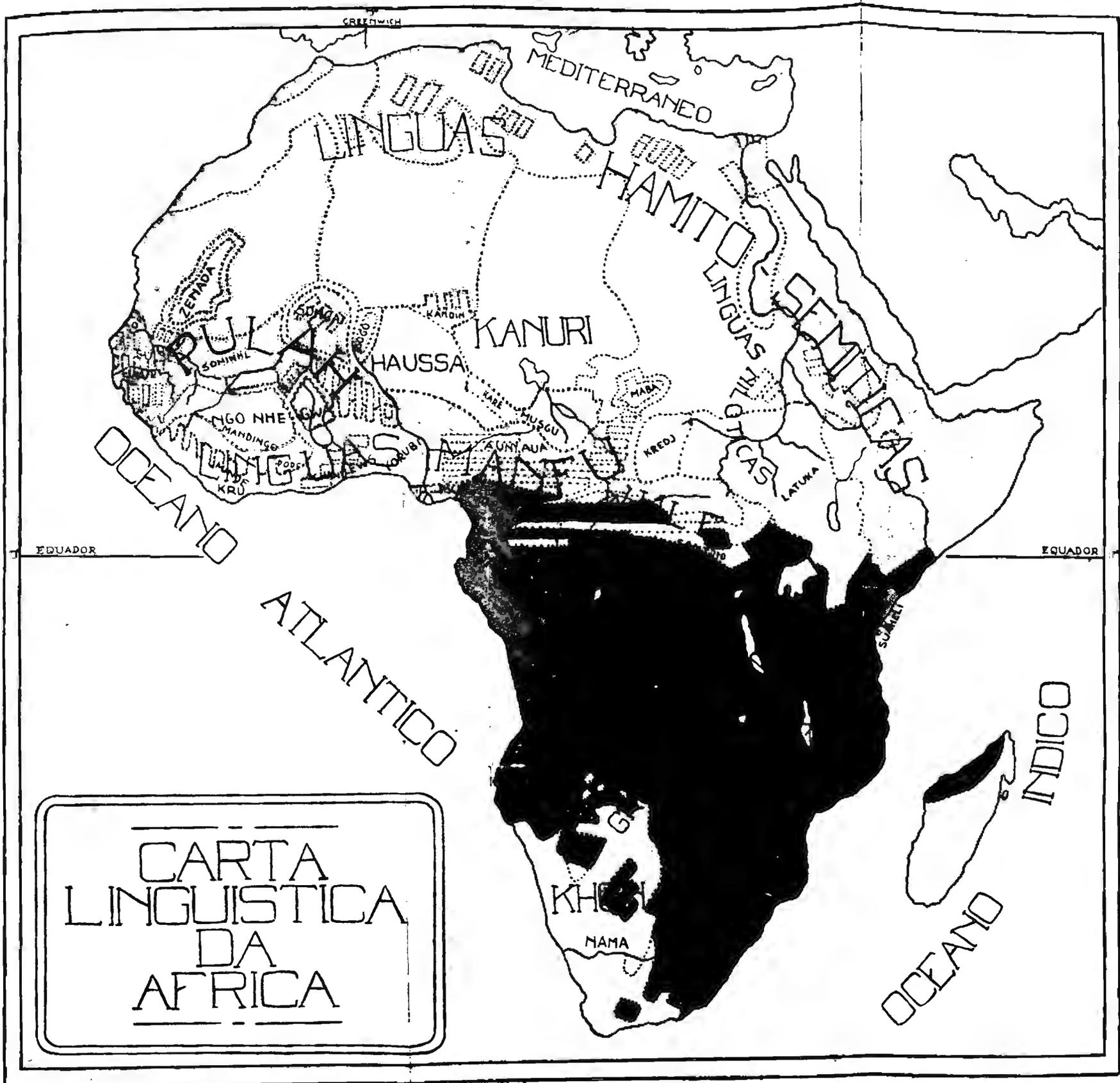
5 — CONGO

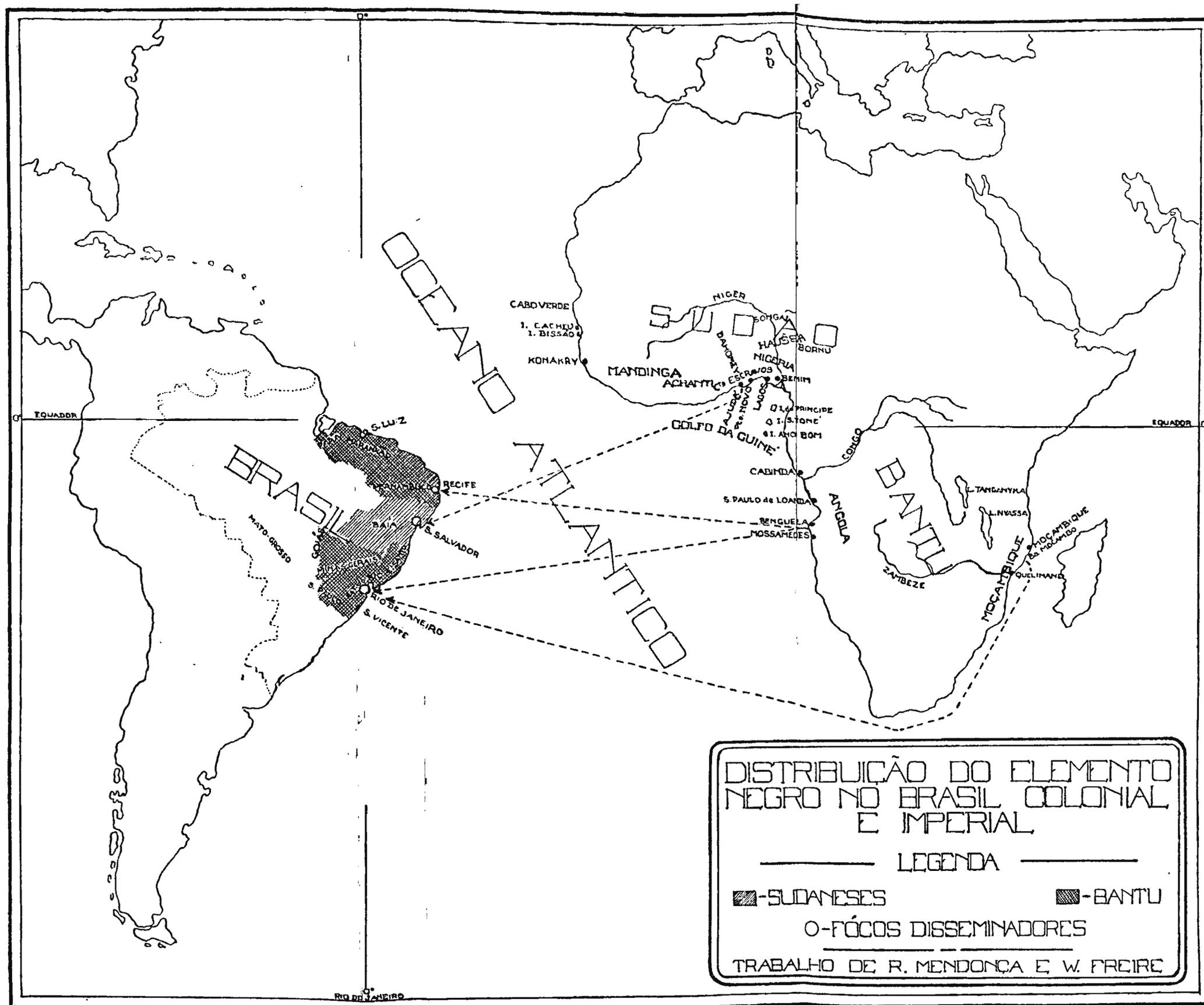
(Fotografias existentes no Museu Histórico Nacional)



MARIA CAMBINDA

(Coleção do autor)







CALUNGAS, FIGAS, ROSÁRIOS, VASOS E OUTROS OBJETOS DA TRADIÇÃO AFRICANA
(Aspectos do 1.º Congresso Afro-Brasileiro de Recife)

Coleção do autor



EM ORDEM CRESCENTE: LÉ, RUMPI E RUM.



GANZA' OU CANZA'



IANSAM (Deus dos ventos)

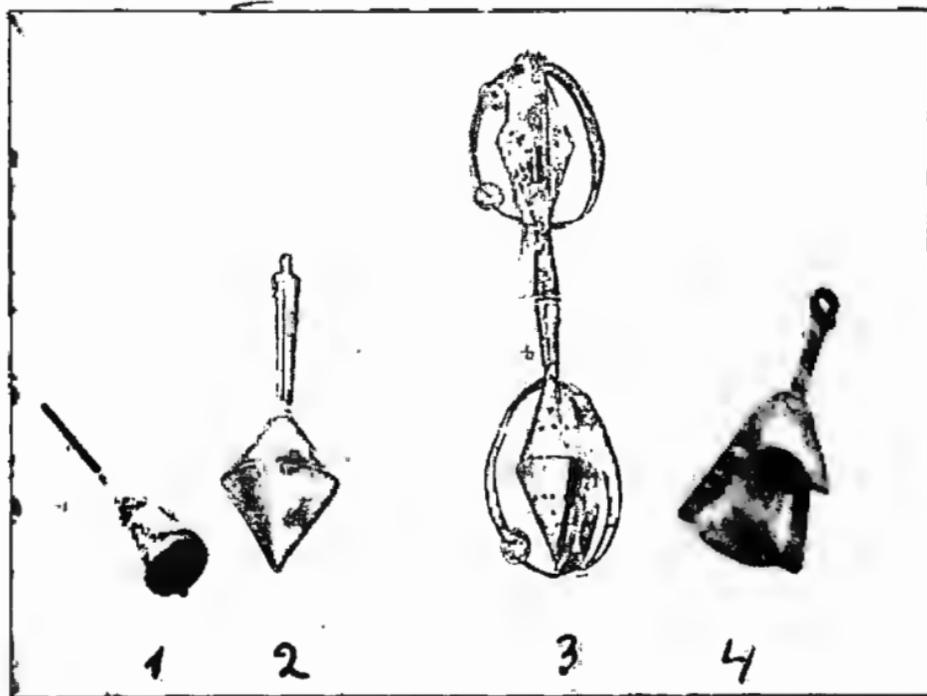


Coleção Artur Ramos — Baía



IANSAM (Deus dos ventos)

Coleção Artur Ramos — Baía



1 — ADJA'. — 2 — CHOCALHO. — 3 — XAQUE-XAQUE OU
CHEQUERÊ. — 4 — AGOGÔ



O FEITOR CASTIGANDO UM NEGRO

Gravura de Débret.

